



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E
TECNOLÓGICA
CURSO DE MESTRADO

MARIA AMÉLIA DA SILVA

HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE:
inclusão digital e uso de smartphone

Recife
2020

MARIA AMÉLIA DA SILVA

HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE:
inclusão digital e uso de smartphone

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática e Tecnológica.

Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Thelma Panerai Alves

Recife
2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Natália Nascimento, CRB-4/1743

S586h Silva, Maria Amélia da.
Habilidades desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade: inclusão digital e uso de smartphone. / Maria Amélia da Silva. – Recife, 2020. 137f.

Orientadora: Thelma Panerai Alves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2020.

Inclui Referências e Apêndices.

1. Inclusão Digital. 2. Terceira Idade - Inclusão. 3. Idosos - Smartphones. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Alves, Thelma Panerai. (Orientadora). II. Título.

303.4833 (23. ed.) UFPE (CE2020-034)

MARIA AMÉLIA DA SILVA

HABILIDADES DESENVOLVIDAS PELAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE:

inclusão digital e uso de smartphone

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática e Tecnológica.

Aprovada em 03 de março de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Thelma Panerai Alves - PPGEDUMATEC/UFPE
Orientadora e Presidenta

Prof^ª. Dr^ª. Nuria Pons Vilardell Camas - PPGETE/UFPR
Examinadora Externa

Prof^º. Dr. Sérgio Paulino Abranches - PPGEDUMATEC/UFPE
Examinador Interno

DEDICATÓRIA

Sim!

Ao meu pai, Jorge Pedro (*in memoriam*),
com muito amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Momento de agradecer. Quero agradecer a todos e todas que participaram desse rico processo de construção coletiva.

Agradeço à minha família, por vibrar comigo a cada etapa vencida e em especial aos meus pais (*in memoriam*), por me inspirarem a desvelar um tema tão inerente àqueles e àquelas que têm a honra de vivenciá-lo;

Ao amigo Padre Cláudio Sartori, que sempre esteve presente em minha vida, mesmo quando ausente, me orientando na construção da mulher que me tornei;

Ao professor Geraldo Barroso, que sempre me incentivou desde a graduação às primeiras ideias desse projeto;

À minha orientadora Thelma Panerai, especialmente pela acolhida, pelo carinho, pela competência cognitiva e pela consciência crítica na condução deste trabalho;

À amiga Flávia Santana, que sempre esteve comigo com seu olhar carinhosamente acadêmico;

Aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica do Centro de Educação - Edumatec/UFPE, pelas valiosas contribuições nas aulas e nos seminários;

Aos que trabalham na secretaria do Edumatec, pela dedicação e profissionalismo;

Aos colegas do mestrado e doutorado pelos momentos maravilhosos de aprendizagens que passamos juntos e por compartilharem comigo cada etapa desse estudo, nas horas dos deliciosos almoços na *baiana*, especialmente a Ana Luiza, Alissá e Flávia, pela disponibilidade em acompanharem a construção dessa dissertação; a Jaime, a José e a Nahum por me fazerem tão bem e pelo carinho a minha pessoa;

À querida amiga Andréia Matos, pelo apoio e pelo *cuidar* regados a sol e mar,

À Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) e ao Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFPE, pelo acolhimento e gentileza no atendimento;

Aos participantes desta pesquisa, protagonistas da investigação, pelo carinho e disponibilidade, agradeço profundamente;

E, por fim, não menos importante, quero agradecer a Deus, por estar sempre presente em minha vida iluminando os meus árduos e prazerosos caminhos continuamente.

“Nada, portanto, nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava; nossas ligações com o mundo, nós é que as criávamos; a liberdade era nossa própria substância”

(BEAUVOIR, 2018, p. 23)

RESUMO

Este estudo está inserido na Linha de Pesquisa Educação Tecnológica, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (Edumatec), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e tem por objetivo analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital, com o uso de smartphones. Para tanto, os objetivos específicos estabelecidos são: a) verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital; b) identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital; c) relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital. É importante perceber que a inserção e a expansão das tecnologias digitais na sociedade implicam transformações sociais e, com relação às pessoas da terceira idade, o uso das tecnologias digitais pode favorecer a qualidade de vida e a longevidade das mesmas, embora muitas delas apresentem dificuldades motoras e cognitivas impostas pela idade e, com isso, possam permanecer excluídas do contexto digital. Neste sentido, é imprescindível favorecer o desenvolvimento das habilidades digitais necessárias para a sua inclusão no mundo digital. Os autores que utilizamos para este estudo foram: Cazeloto (2008) e Warschauer (2006), para análise da inclusão digital e social; Castells (2006, 2013), para discutir sobre os aspectos relacionados à sociedade informacional; Debert (1999, 2011), Netto (1997), Kachar (2003), Lemos (2009) e Kenski (2012), para a compreensão do envelhecimento, terceira idade e uso das tecnologias; Ropé e Tanguy (2003) e Perrenoud (1999, 2013), para os aspectos relacionados às habilidades. Para esse estudo, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa, com caráter descritivo. Quanto aos procedimentos, optamos por desenvolver uma pesquisa participante. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a observação das aulas, a aplicação de questionários online, no formulário Google, e entrevistas semiestruturadas. Para o processo de análise, usamos a análise de conteúdo, estabelecida por Bardin (2011) e Moraes (1999). Na análise dos dados, observamos que as habilidades digitais apresentadas nas falas dos participantes, para sua inclusão no mundo digital, e as habilidades desenvolvidas no curso favorecem a comunicação e a interação em seu convívio social. Os resultados mostram que o desenvolvimento das habilidades digitais pelas pessoas da terceira idade estão voltados para a comunicação, interação e entretenimento desses indivíduos no mundo digital. Consideramos nos resultados desse estudo que o desenvolvimento dessas habilidades digitais

para a inclusão digital das pessoas da terceira idade, na cultura digital, para alguns participantes, pode ser ainda um desafio a ser enfrentado pela sociedade.

Palavras-chave: Habilidades Digitais. Terceira Idade. Inclusão Digital. Uso de Smartphones.

ABSTRACT

This research is part of the Technological and Educational Research Study, which belongs to the Post-Graduation Program in Mathematical and Technological Education (EDUMATEC) in the Federal University of Pernambuco (UFPE), and aims at analyzing the digital skills developed by people of the elderly for their inclusion in the digital culture, with the use of smartphones. For that, the specific objectives established are: a) to verify the perception of the elderly about the digital skills necessary for their inclusion in the digital culture; b) to identify the digital skills developed by the elderly in the digital inclusion course; c) to relate the perceptions that elderly people have about the skills necessary for their inclusion in digital culture, with the digital skills developed by them in the digital inclusion course. It is important to realize that the insertion and expansion of digital technologies in society implies social changes and, with respect to the elderly, the use of digital technologies can favor their quality of life and longevity, although many of them have motor difficulties and cognitive factors imposed by age and, with that, they can remain excluded from the digital context. In this sense, it is essential to enhance the digital skills necessary for their inclusion in the digital world. The authors we used for this study were: Cazeloto (2008) and Warschauer (2006), for the analysis of digital and social inclusion; Castells (2006, 2013), to discuss aspects related to the information society; Debert (1999, 2011), Netto (1997), Kachar (2003), Lemos (2009) and Kenski (2012), for understanding aging, the elderly and the use of technologies; Ropé and Tanguy (2003) and Perrenoud (1999, 2013), for aspects related to skills. The methodology used was qualitative research, of a descriptive nature. As for the procedure, we developed a participatory research. Instruments of data collection included the observation of classes, the application of online questionnaires, in the Google form, and semi-structured interviews. The information collected was analyzed through content analysis, established by Bardin (2011) and Moraes (1999). In the data analysis, we observed that the digital skills presented in the participants' statements, for their inclusion in the digital world and the skills developed in the course, favor communication and interaction in their social life. The results show that the development of digital skills by the elderly are aimed at the communication, interaction and entertainment of these individuals in the digital world. We also concluded that the development of these digital skills for the digital inclusion of the elderly, in the digital culture, for some participants, can still be a challenge to be faced by society.

Keywords: Digital Skills. Elderly. Digital Inclusion. Use of Smartphones.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos encontrados na Capes no período de 2012 a 2017.....	24
Quadro 2 - Artigos encontrados em outras bases no período de 2012 a 2018	27
Quadro 3 - Dissertações encontradas no período de 2012 a 2018.....	30
Quadro 4 - Dimensões conceituais sobre habilidade apresentadas pela Unesco.....	36
Quadro 5 - Conhecimento, habilidades, atitudes apontadas, inicialmente, pelos idosos.....	42
Quadro 6 - Classificação da pesquisa	76
Quadro 7 - Procedimentos e instrumentos de coleta de dados dos objetivos específicos.....	83
Quadro 8 - Instrumentos, procedimentos e tratamento dos dados.....	86
Quadro 9 - Categorias e subcategorias.....	87
Quadro 10 - Percepção de habilidades digitais pelos participantes da pesquisa	102
Quadro 11 - Perspectiva dos participantes sobre inclusão digital	109
Quadro 12 - Habilidades digitais desenvolvidas no curso	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alfabetização midiática e informacional: uma proposta de matriz conceitual	39
Figura 2 - Pirâmides etárias Censo Demográfico 2000 (Revisão 2018) Brasil.....	52
Figura 3 - Pirâmides etárias Censo Demográfico 2010 (Revisão 2018) Brasil.....	52
Figura 4 - Localização do Bairro Cidade Universitária	76
Figura 5 - Imagem do prédio onde funciona a UnATI/UFPE.....	77
Figura 6 - Procedimentos da Pesquisa	79
Figura 7 - Participantes da pesquisa usando as tecnologias	95
Figura 8 - Uso de rede social pelo participante da pesquisa	96
Figura 9 - Participantes socializando o conhecimento aprendido	107
Figura 10 - Habilidades digitais relacionadas aos comandos básicos do smartphone.....	115
Figura 11 - Habilidades digitais relacionadas ao uso da internet por meio do smartphone...	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Esperança de vida ao nascer, por região, no Brasil	53
Tabela 2 - Esperança de vida ao nascer, por gênero, no Estado de Pernambuco	54
Tabela 3 - Tipo de questionários aplicados aos participantes da pesquisa	82
Tabela 4 - Quantitativo de entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa	83
Tabela 5 - Faixa etária dos participantes da pesquisa	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Situação profissional dos participantes da pesquisa	91
Gráfico 2 - Por que fazer um curso sobre o uso de smartphone?	92
Gráfico 3 - Frequência de acesso a internet	93
Gráfico 4 - Utilização do smartphone	93
Gráfico 5 - Recursos utilizados no smartphone.....	94
Gráfico 6 - Comunicação com familiares/amigos	94
Gráfico 7 - Serviços utilizando a internet no smartphone	96
Gráfico 8 - Utilização das redes sociais	97
Gráfico 9 - Redes sociais mais utilizadas.....	97
Gráfico 10 - Dificuldade em utilizar o smartphone	98
Gráfico 11 - Dificuldades consideradas mais relevantes	98
Gráfico 12 - Verificação de <i>fake news</i> no WhatsApp.....	99
Gráfico 13 - A comunicação no WhatsApp estreita as relações sociais	100

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
ALV	Aprendizagem ao Longo da Vida
AMI	Alfabetização Midiática e Informacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
FRA	França
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NAI	Núcleo de Atenção ao Idoso
NETI	Núcleo de Estudos a Terceira Idade
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Pernambuco
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROIDOSO	Programa do Idoso
QV	Qualidade de Vida
RPA	Região Político-Administrativo do Recife
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação
TI	Terceira Idade
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTI	Universidade da Terceira Idade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	EM BUSCA DE UM OBJETO.....	22
2.1	O que dizem as produções	22
3	HABILIDADES DIGITAIS.....	33
3.1	Conceituando habilidades.....	33
3.2	Marco documental sobre habilidades	35
3.3	Habilidades digitais na terceira idade.....	41
4	ENVELHECER NA TERCEIRA IDADE	44
4.1	A terceira idade e os processos de envelhecimento humano.....	44
4.2	Dimensão cronológica da terceira idade	47
4.3	Envelhecimento biológico no tempo de vida	48
4.3.1	Características psicológicas e sociais do envelhecimento	50
4.3.2	Características demográfica e populacional do envelhecimento.....	51
4.4	Aprendizagem ao longo da vida	55
4.5	Qualidade de Vida	58
5	INCLUSÃO DIGITAL E TERCEIRA IDADE	60
5.1	Inclusão digital na terceira idade e a sociedade da informação	60
5.1.1	Terceira idade e cultura digital	65
5.2	Uso das tecnologias pelas pessoas da terceira idade	66
5.2.1	Terceira idade e percepção de habilidades digitais.....	69
5.2.2	Terceira idade e comunicação	70
5.2.3	Terceira idade e o uso do Smartphone	72
6	PERCURSO METODOLÓGICO.....	74
6.1	Natureza da pesquisa	74
6.2	Caracterização do campo de pesquisa	76
6.2.1	Universidade Aberta à Terceira Idade.....	77
6.3	Participantes da pesquisa	79
6.4	Procedimentos da pesquisa.....	79
6.5	Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	80
6.5.1	Observação de aula	80
6.5.2	Questionário	81
6.5.3	Entrevista.....	82

6.6	Aspectos éticos, riscos e benefícios da pesquisa	83
6.7	Instrumentos e procedimentos de análise dos dados	85
6.7.1	Preparação e tratamento das informações	85
6.8	Categorias de análises	87
7	ANÁLISE DOS DADOS	89
7.1	Resultados e discussões	89
7.1.1	Perfil da amostra e uso das tecnologias por pessoas da terceira idade	90
7.1.2	Percepção de habilidades digitais pela terceira idade	101
7.1.3	Habilidades digitais desenvolvidas no curso pelas pessoas da terceira idade	112
7.1.4	Relações acerca da percepção das pessoas da terceira idade sobre habilidades digitais e das habilidades digitais desenvolvidas no curso sobre inclusão digital	117
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
	REFERÊNCIAS	123
	APÊNDICE 1 – CARTA DE ANUÊNCIA	129
	APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	130
	APÊNDICE 3 – Proposta do questionário das pessoas que estão na terceira idade	132
	APÊNDICE 4 – Roteiro da entrevista com as pessoas que estão na terceira idade	137

1 INTRODUÇÃO

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo*

(Caetano Veloso, 1979, Oração ao Tempo)

O presente estudo versa, em seu campo de pesquisa, sobre as habilidades digitais necessárias para inclusão digital das pessoas que estão na terceira idade¹. Nossa aproximação com essa parcela da população, em especial a terceira idade, teve início durante nossa atuação no período de desenvolvimento do curso de Introdução à Informática para a comunidade no âmbito da rede pública de ensino, na qual exerço a docência. A convivência com pessoas de mais idade, em especial, o laço familiar paternal, com suas inquietações sobre o universo digital, também contribuiu para essa aproximação.

A partir dessas vivências e dos referenciais acadêmicos de *educação e sociedade e tecnologia e sociedade*, como disciplinas isoladas do mestrado, foi se configurando o nosso tema de pesquisa. A questão tecnológica tornou-se prioridade e a temática da inclusão digital na terceira idade, como tema de interesse, foi o primeiro foco desse estudo. Entusiasmada com as reflexões inerentes a essa parcela da população e por observar algumas habilidades com o uso das tecnologias, nesses indivíduos, resolvemos aprofundar essas reflexões acerca das habilidades necessárias para sua inclusão na cultura digital.

Vivemos um período marcado pela velocidade do desenvolvimento e da expansão das tecnologias digitais na sociedade. Isso implica muitas transformações nas relações sociais, cotidianas e contextualizadas, uma vez que há uma exigência da sociedade para que se utilizem as tecnologias. Em relação às pessoas da terceira idade, o uso das tecnologias digitais tem crescido e pode favorecer a qualidade de vida e a longevidade das mesmas. O que ocorre é que, na terceira idade, embora muitos estejam aposentados e disponham de mais tempo para aprender a manusear as tecnologias, alguns podem apresentar dificuldades motoras e cognitivas impostas pela idade, devido ao processo de envelhecimento, e, com isso, podem permanecer excluídos do contexto digital.

¹ Utilizaremos o termo “terceira idade” para indivíduos com 60 anos ou mais, participantes desta pesquisa.

No entanto, entendemos que esse processo não fundamenta a exclusão digital desses indivíduos. Neste sentido, é imprescindível favorecer o desenvolvimento das habilidades digitais necessárias para a sua inclusão no mundo digital, através de um espaço que considere as especificidades deste público-alvo.

As pessoas que estão na terceira idade, por vezes, retornam ao caminho da educação na perspectiva de adquirir novos conhecimentos, trocar experiências e conhecer pessoas num contexto em que é permitido interagir e socializar conhecimentos como uma nova forma de consumir, compartilhar e produzir informações. Tal retorno justifica-se pelo fato de que este grupo de indivíduos busca, cada vez mais, incluir-se digitalmente na sociedade do conhecimento.

Nesse sentido, é comum encontrarmos discursos favoráveis à inclusão digital e à democratização do acesso, mas sem um olhar questionador quanto ao processo dessa ação inclusiva. Observamos que não bastam só os meios necessários para essa inclusão, o que requer considerar as oportunidades sociais coletivas dos indivíduos, ou seja, a inclusão social. Dessa forma, mesmo com a presença de recursos tecnológicos, que tornam possível o acesso à comunicação, trazendo informações de todas as partes do mundo, ainda se faz necessário compreender como as novas habilidades vão atender às necessidades das pessoas que estão na terceira idade na cultura digital.

Partindo deste contexto, surge uma questão: quais são as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital?

Sob essa perspectiva, nos instiga pensar como se dá a inserção das pessoas que estão na terceira idade a partir das habilidades digitais desenvolvidas em um espaço voltado para linguagem tecnológica e como estes cidadãos, nessa faixa etária, vivenciam a inclusão digital a partir do uso dessa tecnologia.

Considerando a impossibilidade prática de abordar esse conjunto denominado terceira idade, adotamos a estratégia de analisar um grupo específico que frequenta um curso sobre inclusão digital, utilizando como recurso o smartphone, na Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A escolha deste grupo social possibilita refletir sobre as habilidades digitais desenvolvidas nesta etapa da vida, para aqueles que querem continuar ativos, participando da sociedade aproveitando essa tecnologia inserida neste processo.

Neste sentido, o nosso estudo se insere na Linha de Pesquisa Educação Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (Edumatec), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e apresenta por objetivo geral: analisar as

habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital.

Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, estabelecemos como objetivos específicos:

- I) Verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital;
- II) Identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital;
- III) Relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital.

Partimos do pressuposto de que as pessoas da terceira idade desenvolvem as habilidades digitais necessárias para a sua inclusão no mundo digital, de forma positiva, com o uso das tecnologias digitais, buscando sua independência, porque tais habilidades favorecem a comunicação e interação destes indivíduos em seu convívio social.

O presente estudo é de natureza qualitativa, apresentando um caráter descritivo. Em relação aos procedimentos, optamos por desenvolver uma pesquisa participante, recorrendo a diferentes instrumentos de coleta de dados. Esse tipo de abordagem favorece a descrição das situações de uma determinada realidade, estabelecendo relações entre variáveis. Os resultados das entrevistas foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo.

No que concerne às produções científicas, inicialmente, realizamos uma revisão da literatura na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação de Pessoal de Nível Superior (Capes)², sobre a temática da inclusão digital na terceira idade. Em seguida, ampliamos essa revisão para o Portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)³, Portal de Domínio Público⁴, Scientific Electronic Library Online (SciELO)⁵, Buscador Google Acadêmico⁶ e nos repositórios das Universidades Federais do Brasil e de Portugal⁷,

² <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

³ <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

⁵ <https://www.scielo.org/>

⁶ <https://scholar.google.com.br/>

⁷ <http://recil.grupolusofona.pt/>

incluindo teses e dissertações, mais especificamente acerca das *habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade*, no período entre 2012 e 2018.

Nessa busca, não encontramos publicações que fizessem referência específica ao objeto a ser discutido. Em suma, as pesquisas ressaltam a importância da interação das pessoas de mais idade na era digital, de forma que a inclusão digital esteja voltada para a realidade desses indivíduos. No decorrer do estudo, encontramos autores que associam habilidade à competência, visto que os termos dialogam em sua conceituação.

Dessa forma, usamos nesta pesquisa habilidades digitais a partir do uso das tecnologias associadas ao *saber fazer*, relacionada à forma com que o indivíduo resolve situações-problemas em seu cotidiano.

O presente estudo contém, além da introdução que situa o objeto, as motivações que nos levaram a mergulhar nesse universo, seis seções onde encontram-se a revisão da literatura, fundamentação teórica acerca das habilidades, envelhecimento e terceira idade, inclusão digital, percurso metodológico e análise dos dados. E, por fim, as considerações finais. Esse primeiro momento é introdutório acerca do tema a ser abordado, no qual destacamos os elementos fundamentais para construção da pesquisa, a saber: problemática, problema, objetivos e o pressuposto da pesquisa.

Na segunda seção, trazemos a síntese das produções dos estudos realizados inicialmente sobre a temática da inclusão digital na terceira idade e do objeto de estudo para tomar conhecimento do que está sendo discutido.

Na terceira seção, tratamos do conceito de habilidade e o que se entende por habilidades. Utilizamos Ropé e Tanguy (2003) e Perrenoud (1999, 2013). No decorrer da seção, apresentamos um estudo localizado no Portal de Periódicos da Unicamp em que são apontadas pelos idosos habilidades digitais, foco do nosso objeto de estudo, enquanto elemento constitutivo da competência digital (MACHADO et al., 2016).

Na quarta seção, descrevemos os processos que envolvem o envelhecimento humano e a definição de terceira idade, onde utilizamos as contribuições de Debert (1999, 2011), Netto (1997) e Kachar (2003).

Na quinta seção, refletimos sobre inclusão. Para isso, alguns conceitos sobre inclusão, exclusão social e inclusão digital apresentados por Cazeloto (2008), Warschauer (2006), serão explorados e analisados. Recorremos a Castells (2006, 2013) para tratar dos aspectos relacionados à sociedade informacional a Lemos (2009) e Kenski (2012) para cultura digital e o uso das tecnologias digitais.

Detalhamos na sexta seção o percurso metodológico da pesquisa. Apresentamos a abordagem da pesquisa utilizada em nosso estudo, a partir dos pressupostos apresentados por Laville e Dionne (1999), Triviños (2009) e Minayo (2009). Em seguida, detalhamos os sujeitos, o campo empírico, os instrumentos de coleta e análise de dados, a saber: Análise de Conteúdo, estabelecida por Bardin (2011) e Moraes (1999).

A última seção se refere à análise, discussão dos dados e resultados. Nesse sentido, apresentamos a percepção sobre as habilidades digitais presentes nas respostas dadas pelos participantes e as desenvolvidas no curso, assim como, refletimos como essas habilidades digitais se relacionam.

Nas considerações finais, retomamos a hipótese e comentamos os resultados encontrados sobre nosso estudo descrevendo as considerações para estudos futuros.

Por fim, as referências e os anexos com o roteiro do questionário e da entrevista utilizados para coleta dos dados complementam a estrutura desse estudo.

2 EM BUSCA DE UM OBJETO

*Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também o quanto é preciso, pá
Navegar, navegar*

(Chico Buarque, 1975, Tanto Mar)

A presente seção é o resultado da construção de um conjunto de estudos realizados inicialmente para nortear o desenvolvimento da nossa pesquisa e compreendermos a discussão sobre a temática da inclusão digital na terceira idade em meio às publicações acadêmicas.

2.1 O que dizem as produções

Segundo Laville e Dionne (1999), a revisão da literatura é realizada em torno de uma questão com a finalidade de revisar todos os trabalhos que possam servir para sua pesquisa, encontrando essencialmente os saberes pesquisados. Tais saberes servem para “alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 112).

Para os autores, não se pode perder de vista que a revisão se refere à questão a ser investigada e sua relação com a pergunta. Em nosso caso, “quais são as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital?”.

Diante da questão proposta, para revisar na literatura as produções científicas sobre a temática da inclusão digital, na terceira idade, selecionamos para a nossa busca as seguintes bases de dados: Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação de Pessoal de Nível Superior (Capes), Portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Domínio Público, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Buscador Google Acadêmico e os repositórios das Universidades Federais do Brasil e de Portugal.

Dessa forma, como estratégia de busca utilizamos as seguintes *strings* de busca: *inclusão digital AND terceira idade, inclusão digital AND idoso, inclusão digital AND envelhecimento, inclusão digital AND terceira idade AND habilidades, inclusão digital AND idosos AND habilidade e tecnologias digitais AND terceira idade*. Nessa busca, encontramos 105 publicações, revisadas por pares. A partir da leitura do título e resumo dessas publicações, definimos alguns critérios de inclusão e exclusão.

Como critério de seleção, foram incluídos artigos e dissertações que tinham relação direta com o tema no período entre 2012 e 2017, nas bases mencionadas anteriormente, e que contemplaram os termos dos descritores no título ou no resumo.

Como critérios de exclusão, optamos por eliminar as publicações que: a) estivessem fora do recorte temporal; b) repetidas; c) não tinham relação direta com o tema investigado, embora alguns títulos indicassem certa familiaridade com o estudo.

Nessa perspectiva, iniciamos nossa busca mapeando 55 publicações que se relacionavam com a temática, no Portal da Capes. Nessa busca, 17 artigos foram selecionados. Desses, apenas 8 foram analisados. A sistematização desse primeiro momento nos possibilitou participar do Congresso Nacional de Educação (Conedu) 2018, com o artigo intitulado: *Inclusão Digital no Contexto da Terceira Idade*⁸.

No levantamento bibliográfico, selecionamos o Estatuto do Idoso (2003), que nos possibilitou conhecer indicações referentes ao uso das tecnologias pelos idosos. De outra forma, não localizamos livros que versassem especificamente sobre a temática da inclusão digital na terceira idade e as habilidades digitais. No entanto, o livro de Kachar (2003), *Terceira Idade & Informática: aprender revelando potencialidades*, é tido como referência na grande maioria das publicações analisadas.

Para validar nosso estudo, ampliamos nossa busca no período entre 2012 e 2018, incluindo as demais bases de dados. Essa busca resultou na pré-seleção de mais 50 publicações, dos quais 8 artigos e 3 dissertações foram incluídos para análise.

Acerca dos artigos e das dissertações apresentados a seguir, categorizamos seis eixos de discussão, a saber: envelhecimento, inclusão digital, aprendizagem ao longo da vida, qualidade de vida, uso de tecnologias e habilidades. Dessa forma, optamos por focar nossa análise nas diferenças e aproximações dessas categorias para identificar possíveis lacunas para a nossa discussão.

Os artigos analisados (Quadro 1) abordam a temática da inclusão digital na terceira idade, a partir da utilização de tecnologias, considerando o processo de envelhecimento, aprendizagem ao longo da vida e a qualidade de vida.

⁸ O artigo não foi discutido no escopo do texto.

Quadro 1 - Artigos encontrados na Capes no período de 2012 a 2017

	Título dos Artigos	Autores	Ano
01	Processo de formação e inclusão tecnológica para a terceira idade	Paixão e Freitas	2017
02	Efeitos de oficinas de inclusão digital em adultos tardios: novos conhecimentos para um envelhecimento saudável	Goulart, Ferreira, Mosqueira e Stobäus	2015
03	Desafios e possibilidades para a inclusão digital da terceira idade	Loreto e Ferreira	2014
04	Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de software educativo	Sales, Mazzali, Amaral, Rocha e Brito	2014a
05	Tecnologias de Informação e Comunicação via Web: preferências de uso de um grupo de usuários idosos	Sales, Amaral, Sales e Junior	2014b
06	Envelhecimento e inclusão digital	Petersen, Kalempa e Pykosz	2013
07	Inclusão digital na adultez tardia e o reencantamento da aprendizagem	Goulart, Ferreira, Mosqueira e Stobäus	2013
08	Idosos on-line: exemplo de metodologia de inclusão digital	Ordonez, Lima-Silva, Yassuda e Cachioni	2012

Fonte: Elaboração própria (2019).

Iniciaremos nossas considerações sobre os artigos apresentados anteriormente a partir do envelhecimento. Goulart et al. (2015), sobre o desenvolvimento humano, compreendem que as limitações que ocorrem nesta fase da vida fazem parte do processo natural de envelhecimento. O artigo busca conhecer melhor como os idosos pensam. Neste sentido, para os idosos o envelhecimento saudável está relacionado com o modo de conseguir realizar novas aprendizagens. Os autores consideram que a idade cronológica não deve ser vista como um empecilho ao desenvolvimento de novos saberes, mas como um estímulo para a idade funcional.

Sales et al. (2014b), a partir dos estudos realizados com idosos e suas interações com as tecnologias disponíveis na *web*, consideram que envelhecer é um processo que acontece com todos os indivíduos e que esse processo é contínuo e inerente ao ser humano.

Por sua vez, Petersen, Kalempa e Pykosz (2013), em sua pesquisa sobre o envelhecimento e inclusão digital, também refletem o processo de envelhecer na perspectiva do envelhecimento saudável. Essa perspectiva refletida pelos autores é bastante significativa, pois, para eles, o uso das tecnologias pode ampliar esse processo, proporcionando momentos de lazer e interação.

Ao longo do estudo de Goulart et al. (2013), sobre inclusão digital na adultez tardia, os autores tentam responder sobre o que motiva os adultos a procurarem cursos de inclusão digital.

Constatam que o desejo de aprender para não serem excluídos é um dos motivos apontados na pesquisa. Nesta direção, ao discorrer sobre os dados da pesquisa, os autores ressaltam que

não podemos mais permanecer ‘neutros’ ante a questão da possibilidade de inclusão digital, uma vez que, em um mundo tão desafiador e cada vez mais competitivo e individualizador, temos mesmo a obrigação de cuidar e motivar nossos adultos tardios, até porque todos chegaremos a esse estágio de vida (GOULART et al., 2013, p. 150).

Com relação à inclusão digital, para Loreto e Ferreira (2014), em seu estudo sobre desafios e possibilidades sobre inclusão digital, as iniciativas dessa inclusão se tornam relevantes quando possibilitam ao idoso apropriação das tecnologias para serem utilizadas em seu cotidiano.

A falta de acesso, de uso e o estrangeirismo em hardware e software para Sales et al. (2014b) podem agravar a exclusão digital para os idosos. É necessário, segundo os autores, criar alternativas de inclusão digital que atendam às necessidades específicas deste público, considerando seu ritmo.

Petersen, Kalempa e Pykosz (2013) compreendem que, para incluir socialmente o indivíduo, não basta apenas fornecer ferramentas para que ele possa interagir na sociedade com as tecnologias. É necessário que o indivíduo participe individualmente e coletivamente dessa sociedade.

Goulart et al. (2013) chamam a atenção para que, diante das possibilidades de inclusão digital devemos motivar os indivíduos de mais idade em sua busca por novas aprendizagens, para que estes possam não apenas desenvolver habilidades, mas para continuar contribuindo de forma mais positiva para sua qualidade de vida.

No que diz respeito ao processo de aprendizagem em ações extensionistas, Paixão e Freitas (2017) consideram, como referência, as competências tecnológicas e as ações educativas. As autoras constatarem pontos positivos com relação à aprendizagem adquirida pelos idosos referentes ao uso do computador no curso e que poucos grupos estão pesquisando sobre a temática abordada por elas. As autoras ressaltam que essas ações têm possibilitado inclusão social e tecnológica do idoso.

Na aprendizagem ao longo da vida, Loreto e Ferreira (2014) identificam que as tecnologias digitais assumem importante papel nesse novo contexto. As autoras refletem sobre as metodologias construídas para os cursos de informática. Acreditam ser fundamental a adequação dessas metodologias às necessidades dos idosos.

Sales et al. (2014b) consideram que é necessária uma aprendizagem contínua dos indivíduos de mais idade, visto que as tecnologias são aperfeiçoadas constantemente.

Goulart et al. (2013) destacam que o desenvolvimento dos saberes acontece a partir da infância e que a construção desses saberes quando é realizada em rede, essa rede colabora para a construção de saberes de forma mais qualificada. Os autores pensam que a educação digital deve ser voltada para uma cidadania global, onde o indivíduo possa ser capaz de humanizar as relações intergeracionais.

Por sua vez, Ordonez et al. (2012), sobre o desempenho dos idosos em curso de informática, consideram que estes necessitam de mais tempo para aprender a usar o computador. Para os autores variáveis como: idade, escolaridade e renda desempenham forte influência no desempenho dos idosos. Ressaltam principalmente a necessidade de contextualizar o conhecimento e uma metodologia adequada conforme sugerido por Loreto e Ferreira (2014). Ordonez et al. (2012) também consideram positiva a inserção dos idosos em cursos de informática, mas é necessária cautela no planejamento das atividades.

Assim como na pesquisa de Sales et al. (2014a), aspectos relacionados à autoestima e à autoimagem aparecem em Goulart et al. (2015), de forma a mostrar a importância de regatar esses aspectos para uma melhor qualidade de vida. Os autores compreendem que, além do uso das tecnologias, os encontros tornam-se ferramentas de resgate para a autoestima.

Uma característica interessante no artigo de Goulart et al. (2013) é a preocupação em refletir sobre as mudanças na sociedade, devido à expansão das tecnologias. Para os autores, surge um novo modelo de pensamento nesta sociedade em que o uso de tecnologias pode possibilitar aos idosos interagir e desfrutar deste universo à medida que estes adquirirem conhecimentos tecnológicos. No entanto, os autores ressaltam a necessidade de considerar suas dificuldades em relação ao desenvolvimento de habilidades necessárias para o uso dessas tecnologias.

Os artigos analisados (Quadro 2), além de abordarem as categorias elencadas anteriormente, relacionavam as questões das habilidades digitais.

Quadro 2 - Artigos encontrados em outras bases no período de 2012 a 2018

	Título dos Artigos	Autores	Ano
01	Um Estudo sobre as Habilidades Necessárias para utilização das Tecnologias Digitais como Recurso Metodológico	Silva e Kalhil	2017
02	Uma Revisão sistemática da Literatura sobre conhecimentos, habilidades, atitudes e competências desejáveis para auxiliar a aprendizagem de programação	Henrique e Tedesco	2017
03	Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis	Silveira, Parrião e Fragelli	2017
04	Seniores Online: Análise de um inquérito sobre apropriação de dispositivos móveis táteis em diferentes cenários de aprendizagem	Rodrigues e Morgado	2017
05	As Tecnologias de Informação e Comunicação na Inclusão de cidadãos da Terceira Idade	Vieira, Silva, Barbosa e Garcia	2016
06	Mapeamento de Competências Digitais: a inclusão social dos idosos	Machado, Grande, Behar e Luna	2016
07	Inclusão digital na terceira idade: um estudo sobre a propensão de idosos à adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs)	Farias, Vitor, Lins e Filho	2015
08	Uso da Tecnologia por Idosos: Perfil, Motivações, Interesses e Dificuldades	Lolli e Maio	2015

Fonte: Elaboração própria (2019).

No estudo realizado por Rodrigues e Morgado (2017), sobre apropriação dos dispositivos móveis táteis pelos seniores em Portugal, as autoras observam, assim como Silveira, Parrião e Fragelli (2017), que o fenômeno do envelhecimento representa um dos grandes desafios para as sociedades no século XXI. Segundo as autoras, alguns estudos revelam que o uso da internet estimula os seniores ao envelhecimento ativo.

O envelhecimento saudável, para Vieira et al. (2016), é aquele que é ativo, onde se pode otimizar as oportunidades direcionada à saúde, à segurança e à participação na sociedade buscando autonomia, independência e desenvolvimento de competências para uma melhor qualidade de vida.

Em outro sentido, Silveira, Parrião e Fragelli (2017) nos dizem, em seu estudo sobre a relação do uso da internet e dispositivos móveis pelos idosos, que o envelhecimento ativo pode ir além das mudanças morfológicas, bioquímicas e fisiológicas, ressaltando o bem-estar como elemento fundamental nesse processo. Consideram ainda que o envelhecimento saudável pode propiciar uma longevidade prazerosa.

A inclusão digital, para Rodrigues e Morgado (2017), representa um desafio para os idosos, podendo contribuir significativamente para mudar a vida destes com relação a autoestima, autonomia, problemas físicos, emocionais, sociais e no desenvolvimento de suas

potencialidades. Na investigação, as autoras concluem que, ao utilizar os dispositivos móveis, estes podem auxiliar os seniores a se tornarem menos infoexcluídos.

Silveira, Parrião e Fragelli (2017) corroboram essa questão, assinalando que a sensibilidade ao toque, nos dispositivos que possuem telas Touch Screen, pode favorecer a inclusão digital, visto que não será preciso deslocar as mãos ao mesmo tempo em que olham para o teclado ou mouse. Os autores consideram também que “a inclusão digital favorece a socialização, a melhoria da autoestima e auxilia na manutenção física e cognitiva” (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 50).

Farias et al. (2015), em seu estudo sobre a percepção dos idosos em adotar as tecnologias, ressaltam que alguns autores consideram a inclusão digital como uma forma de inclusão social, visto que a tecnologia possibilita que o indivíduo participe da sociedade.

Um aspecto interessante no artigo de Rodrigues e Morgado (2017) é o fato de que, em Portugal, os idosos se encontram mais habilitados a utilizarem dispositivos móveis do que equipamentos tradicionais, como computadores. Para estas autoras, os dispositivos móveis, como telefones, poderão assumir um papel importante na busca por novos conhecimentos e na realização de atividades cotidianas.

Vieira et al. (2016) compreendem que o domínio de questões básicas sobre informática leva o idoso a ficar mais independente ao adquirir novos conhecimentos. Estes autores, em estudo sobre as motivações que trazem o idoso para participar de cursos para terceira idade, ressaltam a sociabilidade como uma das primeiras questões, assim como o desenvolvimento cognitivo e afetivo que contribuem também para o envelhecimento saudável.

Na pesquisa de Farias et al. (2015) é observado que os indivíduos que não apresentam ou não percebem a competência, que os autores associaram à aptidão, serão considerados como inaptos ao uso de tecnologias. No entanto, segundo o estudo, existem fatores que contribuem e que inibem a propensão em adotar as tecnologias. Os autores ressaltam o *otimismo* como um fator que contribui para essa percepção e a *vulnerabilidade* como fator inibidor preponderante a essa adoção.

Ao analisar as produções relacionadas à qualidade de vida, verificamos que, nos estudos de Rodrigues e Morgado (2017), a internet contribui para a diminuição do isolamento.

No entanto, Lolli e Maio (2015), no estudo sobre o perfil, motivações, interesses e dificuldades dos idosos em relação ao uso das tecnologias, sugerem que a qualidade de vida tem relação com a interação da pessoa com o meio em que vive e que esta deve acontecer em todos os aspectos da vida incluindo as tecnologias.

No que concerne ao uso de tecnologias, Lolli e Maio (2015) consideram que os idosos, ao se comunicarem através da internet com parentes e amigos, sentem-se capazes e satisfeitos com relação às suas vidas. Consideram também que, apesar dos benefícios trazidos pelas tecnologias, grande parte dos idosos apresenta dificuldades em utilizá-las, pela capacidade que necessita ter ou pela falta de aprendizado, uso e funcionamento dessas ferramentas.

Acerca dos artigos apresentados (Quadro 2), encontramos três estudos que fazem referência à habilidade enquanto elemento constituinte da competência.

O estudo de Silva e Kalhil (2017) tem como foco o diálogo entre habilidades, tecnologias digitais e sociedade da informação. Por meio da revisão de literatura, esses autores ressaltam a importância das habilidades para lidar com as tecnologias, uma vez que as capacidades, quando adquiridas, modificam a maneira do indivíduo compreender e se localizar em diferentes situações. O artigo enfatiza que as metodologias para uso das tecnologias precisam estar de acordo com as características dos imigrantes e excluídos digitais. Eles consideram que as pesquisas na linha de informática na educação trazem como foco a aplicabilidade dos recursos, mas não discutem as habilidades necessárias para a utilização consciente e crítica desses recursos.

Henrique e Tedesco (2017) consideram, em sua revisão da literatura sobre o processo de ensino e aprendizagem de programação, que este processo pode se tornar mais efetivo. Para isso, é necessário que os estudantes possuam alguns conhecimentos, habilidades, atitudes e competências. Os autores constatarem em seu estudo que o termo habilidade consiste em *saber como fazer*, que consiste em utilizar conhecimentos, técnicas e equipamentos para desempenhar tarefas específicas. Segundo Henrique e Tedesco (2017), os resultados mostraram que o *raciocínio lógico* é a habilidade mais citada no ensino de programação, além de saber estruturar o programa, reconhecer padrões de resolução de problemas do mundo real.

O estudo de Machado et al. (2016) sobre competências digitais de idosos em cursos de inclusão digital aponta que a competência é constituída de três elementos: conhecimentos, habilidades e atitudes, e discute a importância da relação desses três elementos. As autoras visualizam algumas habilidades digitais como: arrumar galerias de fotos, mandar e receber mensagens, pesquisar, anexar figuras entre outras. Machado et al. (2016) acrescentam que a inclusão digital também pode possibilitar segurança na autonomia, com relação ao uso das tecnologias. Considerando a relevância deste estudo, retomaremos sua análise no final dessa seção.

De acordo com o recorte temporal estabelecido correspondente ao período entre 2012 – 2018, selecionamos três dissertações das publicações localizadas (Quadro 3), considerando que estas apresentam reflexões relevantes sobre os participantes da pesquisa.

Quadro 3 - Dissertações encontradas no período de 2012 a 2018

	Título	Autores	Natureza	Ano
01	Inclusão Digital na Terceira Idade: a Integração das TIC numa Escola Superior Sénior	Gomes	Dissertação	2014
02	Inclusão Digital na Terceira Idade: um Estudo de Usuários sob a Perspectiva Fenomenológica	Gandra	Dissertação	2012
03	O Impacto dos Cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade	Varela	Dissertação	2012

Fonte: Elaboração própria (2019).

Sobre as dissertações analisadas acerca das discussões referentes à temática da inclusão digital na terceira idade, iniciaremos com os estudos de Gandra (2012) intitulado *Inclusão Digital na Terceira Idade: um Estudo de Usuários sob a Perspectiva Fenomenológica*, que se configura como referência nas publicações brasileira. O estudo tem como foco compreender a percepção que os idosos têm da inclusão digital vivenciada por eles.

No estudo, ao refletir sobre o processo de envelhecimento, Gandra (2012) elenca, entre os efeitos do envelhecimento populacional, a predominância do número de mulheres na população idosa como questão preocupante para as políticas públicas, devido às poucas oportunidades no mercado de trabalho. A autora chama a atenção para consequências positivas e negativas do uso das tecnologias pela terceira idade, refletindo sobre “a influência da tecnologia no setor financeiro, nas empresas, no processo de trabalho e nas relações humanas” (GANDRA, 2012, p. 42).

Ao discorrer sobre a inclusão digital, a autora salienta as inúmeras definições atribuídas ao termo, indicando que, muitas vezes, as definições são focadas em diversos aspectos como o aspecto tecnológico, social e de aprendizagem. Gandra (2012) considera que, em relação às categorias relacionadas à *percepção*, os idosos descrevem suas vivências a partir da recordação, imaginação e sentimentos percebidos durante o processo de inclusão digital. Ressalta que os entrevistados incorporam as tecnologias com naturalidade. Parece não haver para os idosos uma percepção de exclusão que necessite de inclusão.

Ao analisar o sentido atribuído à inclusão digital pelos entrevistados, Gandra (2012) constata que, para a terceira idade, a experiência com a inclusão digital é singular para cada indivíduo e que esta experiência está associada ao contexto do sujeito, motivação e sua relação

com a tecnologia. Nesse estudo, a autora identifica duas concepções de inclusão digital atribuídas pelos entrevistados: 1) ter acesso e uso; e 2) apropriação e aplicação das novas tecnologias, no cotidiano.

Assim como Gandra (2012), Gomes (2014) também contribui para a reflexão da inclusão digital na terceira idade. Em sua dissertação, *Inclusão Digital na Terceira Idade: a Integração das TIC numa Escola Superior Sénior*, a autora tem como foco o impacto desses cursos na formação dos indivíduos desta faixa etária, considerando se a formação vai ajudar na melhoria da qualidade de vida destes indivíduos na realidade de Portugal. Assim como em alguns artigos citados anteriormente, a autora introduz sua pesquisa ressaltando que, para atender às necessidades dos indivíduos dessa faixa etária, é necessário refletir sobre os caminhos do envelhecimento associado ao bem-estar.

Uma característica do estudo de Gomes (2014) é a reflexão sobre a Gerontologia, como o estudo do processo de envelhecimento, e sobre a Geriatria, como o tratamento de doenças para essa faixa de idade. A autora salienta que a sociedade da informação pode ser caracterizada pela relação de poder em relação aos domínios da informação. Ela chama a atenção para as informações que são dominadas pelas tecnologias e circulam na internet.

Gomes (2014) salienta, com relação aos idosos e às tecnologias, que estes têm revelado dificuldades no uso dessas tecnologias; no entanto, “Aqueles que utilizaram o tempo para aprender a utilizar as TIC rompem com a ideia de que velho e passado e não se renova” (GOMES, 2014, p. 41). Na análise dos dados, a autora verificou que 68% dos participantes concordam que o curso os ajudou na melhoria da qualidade vida, mostrando-se satisfeitos por estarem de volta ao processo de aprendizagem. Ao buscar analisar os resultados obtidos nas entrevistas com os professores, Gomes (2014, p. 90) verifica que, como os resultados das respostas dos alunos, os professores também acreditam “que os alunos se sentem bem e gostam de utilizar o computador”.

Varela (2012), em sua dissertação de mestrado intitulada *O Impacto dos Cursos TIC das Universidades Sénior na Inclusão Digital da Terceira Idade*, pesquisou o impacto dos cursos TIC das Universidades, em dez Universidades Sénior do distrito de Setúbal, Portugal.

Na primeira fase do estudo, foram coletados dados de 13 idosos que participavam do curso de iniciação com os computadores. Na segunda fase, foram envolvidas as 10 universidades. Na pesquisa, Varela (2012) ressalta que a inclusão digital depende de três instrumentos: 1) o computador; 2) o acesso à rede; 3) o domínio dessas ferramentas. E o idoso inserido nesse contexto pode: recuperar a autoestima; exercitar a cidadania; interagir socialmente; vivenciar a cultura e o lazer.

Em suas considerações finais, Varela (2012) considera que os idosos participantes dos cursos nas universidades revelam um grau de satisfação em participar do curso e na comunicação entre seus pares. Eles valorizam e utilizam ferramentas como facebook, correio eletrônico, skype, *msn*, para interagir e partilhar informações. A autora ainda sugere que futuramente seja realizado um estudo comparativo entre homens e mulheres, de modo a fazer uma análise levando em consideração “aspectos psicológicos, atitudes e habilidades pertencentes ao gênero feminino e masculino” (VARELA, 2012, p. 54), sendo importante explorar essas variáveis.

Essa revisão nos permitiu identificar lacunas relevantes que necessitam de maiores evidências, os quais tentaremos discutir durante o desenvolvimento da pesquisa.

3 HABILIDADES DIGITAIS

*Quantas canções parecidas
E tão desiguais
Como as coisas da vida
Coisas que são parecidas
Feito impressões digitais*

*(Geraldo Azevedo e Renato Rocha, 1981,
Inclinações Musicais)*

Nesta seção, conceituaremos o termo *habilidades*, buscando entendê-lo a partir da mobilização de conhecimentos associados a vários recursos para obter um resultado desejado e os desdobramentos das habilidades desenvolvidas no uso das tecnologias digitais pelas pessoas da terceira idade.

3.1 Conceituando habilidades

A palavra pode ser considerada de uso comum, significando que o seu conceito pode ser atribuído por muitas pessoas, de forma corriqueira. De maneira geral, essa ideia está intimamente relacionada à aptidão para realizar tarefas específicas, indicando a qualidade de um indivíduo hábil.

O termo, por vezes, é utilizado no plural, para representar um conjunto de competências ou características necessárias para que o indivíduo possa realizar um determinado objetivo. Apresenta como sinônimos palavras como: capacidade, destreza, talento, agilidade etc.

Um aspecto a ser destacado é que o uso genérico do termo *habilidade* pode gerar confusão ao representar coisas distintas. Em consonância com o termo *competência*, a habilidade é um elemento essencial de uma ação concreta realizada pelo indivíduo. No entanto, é necessário o domínio do conhecimento adquirido, que vai além de uma ação motora.

Neste sentido, a noção de competência, que era associada a desempenho e eficiência, em diferentes sentidos, passa a substituir outras noções anteriores como os saberes e conhecimentos na esfera educativa e na qualificação do trabalho, surgindo associadas a ela outras conotações (PERRENOUD, 2013; ROPÉ; TANGUY, 2003).

Segundo estes autores, essa noção vem se modificando e o termo vai ficando progressivamente polissêmico, conforme as diferentes épocas, sociedades e contextos, estando intimamente relacionado às questões sociais. Um exemplo disso é que, no fim dos anos 70, as

preocupações com o emprego fazem com que a escola se aproxime do mundo do trabalho (ROPÉ; TANGUY, 2003). Neste sentido, a noção de competência tanto contribui para modelar como para justificar uma realidade como noção construída pela prática social e científica.

É preciso enfatizar que, na literatura, muitos autores tratam *habilidades* e *competências* como sinônimos. Em nosso caso, vamos tratar as habilidades como ações específicas em prol de uma competência mais ampla. Por isso cabe abordar a definição de Perrenoud (2013, p. 48), que vê as habilidades “como esquemas que orientam as operações mentais e as operações concretas”. Neste sentido, o conjunto de pensamentos e habilidades pode se constituir de várias competências.

A ação de mobilizar esses conhecimentos deve estar associada a vários recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para lidar com diversas situações nas quais estão os conhecimentos adquiridos, ou seja, a competência deve dialogar com os três elementos que a constituem: os conhecimentos, as habilidades e as atitudes (ROPÉ; TANGUY, 2003; PERRENOUD, 1999, 2013).

Portanto,

falemos de competência quando se tratar do domínio global de uma situação, e de habilidade no caso de uma operação específica que, sozinha, não seria suficiente para enfrentar um conjunto de parâmetros a serem geridos. Assim, as competências estão relacionadas a um conjunto de situações a serem geridos e as habilidades a operações ou esquemas que podem funcionar como recursos a serviços de múltiplas competências (PERRENOUD, 2013, p. 49).

Deste modo, no que diz respeito à habilidade, esta pode ser entendida como um elemento da competência, podendo contribuir para o desenvolvimento de diferentes competências, ou seja, o “saber fazer” (habilidade) é associado ao “conhecer” (conhecimento) e “saber ser” (atitudes), o que constituiria a ideia de competência. A habilidade, também denominada de *skills* ou saberes processuais, estabelece uma relação de domínio dos diferentes componentes envolvidos em determinadas situações. No entanto, habilidades como saber ler, contar, classificar, pesquisar etc., sozinhas, não bastam para resolver os problemas dessas situações (PERRENOUD, 2013).

Dessa forma, “A partir do momento em que ele fizer “o que deve ser feito”, sem sequer pensar, pois já o fez, não se fala mais em competência, mas sim em habilidades ou hábitos” (PERRENOUD, 1999, p. 26). Esse saber, que está no centro da competência, diz respeito à aplicabilidade desses saberes de forma particular, ou seja, o indivíduo por ser competente pode resolver problemas da vida real rapidamente, sem pensar, de forma ágil utilizando recursos para

resolver esses problemas a serviço de uma competência mais geral. Neste sentido, o indivíduo está utilizando a habilidade.

Para Perrenoud (1999), a habilidade trata de uma sequência de modos operatórios, de intuições, onde são utilizados esquemas mentais de alto nível que inserem decisões.

Ainda segundo o autor, o indivíduo aciona uma série de procedimentos mentais para resolução de problemas reais, onde ele necessita tomar uma decisão como, por exemplo, quando um aluno está aprendendo a subtração, ele pode utilizar habilidades de adição e vice-versa. Tais habilidades como inteligência capitalizada, como modos operatórios de forma contextualizada postos em prática, ampliam a capacidade de resolver novos problemas, de comunicar ideias sejam com operações matemáticas, interpretação de texto ou uso esclarecido e crítico da tecnologia.

Desta maneira,

É preciso saber que as habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar correlacionar e manipular são exemplos de habilidades. Logo, habilidade refere-se basicamente a capacidade e a disposição para (fazer) algo (SILVA; KALHIL, 2017, p. 71).

Para Silva e Kalhil (2017, p. 71), “sabe-se que as habilidades para se lidar com as tecnologias estão se tornando tão importante na sociedade brasileira quanto à alfabetização em língua portuguesa ou em matemática”. Como podemos perceber, a habilidade não só está intimamente relacionada com aptidão para realizar tarefas específicas (saber fazer), mas também ao processo de desenvolvimento dessas habilidades, no sentido da compreensão do uso das tecnologias para o pleno exercício da cidadania.

3.2 Marco documental sobre habilidades

Diante de tantas mudanças na sociedade moderna, elevou-se o nível de desempenho necessário para agir corretamente nos diversos campos dessa sociedade.

Assim, o Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e a Cultura (Unesco) sobre a “*Educação para o século XXI*” sintetiza como a educação pode desenvolver saberes, habilidades e atitudes de que os estudantes precisam, para lidar com o mundo dinâmico em que a globalização acontece de forma progressiva e que as novas tecnologias constituem um desafio no processo de construção da cultural coletiva e pessoal

(UNESCO, 2015). Baseada na cultura da paz e do bem-estar, a Unesco defende um compromisso para a Educação do século XXI baseado em quatro tipos de aprendizagem os quais denomina de *quatro pilares da educação*:

- i) Aprender a conhecer;
- ii) Aprender a fazer;
- iii) Aprender a ser;
- iv) Aprender a conviver.

O relatório defende uma educação contextualizada para que o indivíduo possa viver em sociedade ampliando elementos essenciais para aprendizagem como leitura, escrita, resoluções de problemas etc., e valorizando os conhecimentos prévios do indivíduo. Também reconhece que a educação deve “ir além do desenvolvimento do conhecimento e de habilidades cognitivas e passar a construir valores, habilidades socioemocionais (*soft skills*) e atitudes entre alunos que possam facilitar a cooperação internacional e promover a transformação social” (UNESCO, 2015, p. 9).

Neste sentido, *aprender a fazer* envolve uma série de procedimentos e técnicas a serem trabalhados. Para isso, a Unesco (2015) apresenta as três dimensões conceituais sobre habilidades comuns que podem ser fomentadas nos estudantes (Quadro 4).

Quadro 4 - Dimensões conceituais sobre habilidade apresentadas pela Unesco

Dimensões conceituais	
Habilidades cognitivas (hard skills)	Os alunos adquirem conhecimentos, compreensão e raciocínio crítico sobre questões globais e sobre a interconectividade/interdependência entre países e entre diferentes populações
Habilidades socioemocionais (soft skills)	Os alunos têm o sentimento de pertencer a uma humanidade comum, ao compartilhar valores e responsabilidades e possuir direitos
	Os alunos demonstram empatia, solidariedade e respeito por diferenças e diversidade
Habilidades comportamentais	Os alunos agem de forma efetiva e responsável nos contextos local, nacional e global, em prol de um mundo mais pacífico e sustentável

Fonte: Dados extraídos da Unesco (2015) sobre Educação para a Cidadania Global.

No que concerne à educação no Brasil, as diretrizes curriculares nacionais (Parâmetros Curriculares Nacionais) referentes às bases legais, enfatizam como foco no ensino e aprendizagem o desenvolvimento de “competências e habilidades para que o aluno entenda a sociedade em que vive como uma construção humana, que se reconstrói constantemente ao longo das gerações” (BRASIL, 2000, p. 21), em lugar de focar no conteúdo. Isso implica uma mudança por parte da escola, em relação aos conteúdos que se ampliam, passando a incluir procedimentos e atitudes. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incorporam os quatro pilares da educação apontados pela Unesco, como diretrizes gerais: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver.

No que se refere ao *aprender a fazer*, os PCNs ressaltam que

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. Privilegiar a aplicação da teoria na prática e enriquecer a vivência da ciência na tecnologia e destas no social passa a ter uma significação especial no desenvolvimento da sociedade contemporânea (BRASIL, 2000, p. 15).

Dessa forma, entendemos que o desenvolvimento das habilidades está relacionado ao *saber fazer*. Esse saber fazer propõe o desenvolvimento do saber crítico que possibilita uma prática reflexiva.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerada como documento relevante na discussão acerca do que é ensinado, define competência como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 08). Com foco nas habilidades, as emoções, os comportamentos e as ações dos indivíduos podem influenciar positivamente na aprendizagem e no desenvolvimento do pensamento crítico contribuindo para uma sociedade mais justa.

Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular reconhece a necessidade de “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 9). As competências para o século XXI valorizam a utilização prática do *saber fazer* dos conhecimentos, incluindo o mundo digital.

Ao definir essas competências, a BNCC nos diz que

as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2017, p. 13).

Isso impõe considerar que uma ação intencional no processo educativo considera o desenvolvimento das habilidades associadas às necessidades dos indivíduos para os desafios da sociedade informacional. Assim, o conceito de habilidade faz parte do processo educacional e está relacionado à forma com que o indivíduo resolve as situações-problemas em seu cotidiano. Este é o conceito abordado em nosso estudo.

Para Masetto (2003), ao substituir a ênfase no ensino pela aprendizagem, estamos falando no desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade, ou seja, nos mais diversos aspectos de sua personalidade:

- Desenvolvimento das capacidades intelectuais e cognitivas de pensar, raciocinar, buscar informações, produzir e relacionar conhecimentos e informações;
- Desenvolvimento das habilidades humanas e profissionais de atenção, respeito, cooperação, trabalhar em equipe, comunicar-se, conhecer às habilidades;
- Desenvolvimento das atitudes que inclui a aprendizagem de valores políticos e sociais buscando soluções que contemplem as necessidades de cada indivíduo.

Por sua vez, Morin (2011) afirma que a educação deverá centrar o ensino na condição humana, ao mesmo tempo que reconhece, tanto no plano individual como na relação entre as culturas, diversidades culturais e avanços tecnológicos. Isso significa que a aprendizagem alicerçada nas tecnologias deve considerar os diversos processos de comunicação e informação. Assim, tratar a dimensão de atitudes e valores é também valorizar o conhecimento, a atualização contínua, a pesquisa, a criticidade, a criatividade, o trabalho em equipe etc.

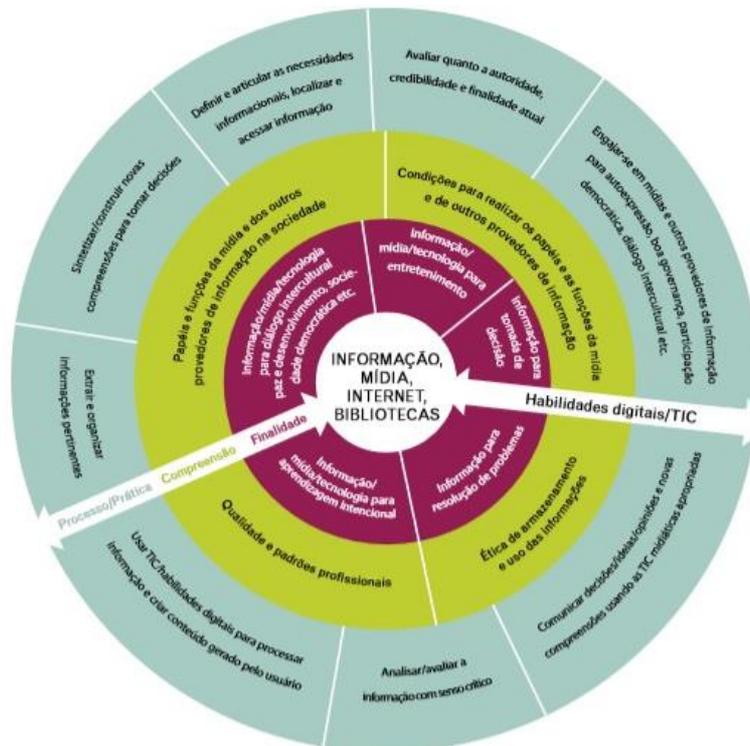
Dessa forma, as habilidades não devem ser preteridas em prol dos conteúdos técnicos, no paradigma voltado à aprendizagem. É necessário um olhar que contemple, sobretudo, os aspectos afetivos e comportamentais que possam favorecer um maior envolvimento entre os

indivíduos, potencializando atuar de um ou de outro modo. Isso indica que é imprescindível refletirmos sobre o processo de formação dos indivíduos para uma educação que acontece ao longo da vida, de forma permanente, não como um único modelo de educação, mas podendo vivenciá-la também de maneira informal e não-formal.

Em virtude dessas considerações, é importante “produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores” (MASETTO, 2003, p. 3) que favoreçam as ações necessárias para que a aprendizagem aconteça, fundamentando-a em saberes que preparem os indivíduos para a vida e os conectem com as habilidades das novas gerações. Isso indica considerar os desafios práticos que o ensino apresenta.

A matriz conceitual da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) das Diretrizes para a Formulação de Políticas e Estratégias (UNESCO, 2016) propõe harmonizar conhecimentos, habilidades e atitudes que podem ser identificados na era digital, de forma a permitir aos cidadãos usufruir plenamente desses saberes. A matriz conceitual⁹ faz referência às habilidades digitais, mas não as conceitua (Figura 1).

Figura 1 - Alfabetização midiática e informacional: uma proposta de matriz conceitual



Fonte: Figura extraída Unesco (2016).

⁹ Matriz conceitual da Alfabetização Midiática Informacional (AMI) da Unesco (2016, p. 16). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421>. Acesso em: 17 mar. 2019.

Na figura 1, no círculo mais distante do centro denominado *processo/prática*, são apontadas as habilidades digitais como um dos elementos principais da AMI. O círculo se refere aos

vários passos que devem ser realizados ou as competências que os cidadãos devem adquirir para criar e usar as informações e os conteúdos midiáticos com eficácia e ética, assim como para se engajarem no uso da mídia e dos outros provedores de informação como parte de sua vida social, econômica, política, cultural e pessoal (UNESCO, 2016, p. 17).

Dessa forma, no mundo digital, “a alfabetização informacional é parte de um conjunto integrado de habilidades que os adultos necessitam assimilar para serem eficazes em todas as dimensões de suas vidas” (UNESCO, 2013, p. 41).

Segundo a Unesco, navegar no ciberespaço, por exemplo, requer tanto habilidades técnicas, para utilizar a internet, como habilidades de letramento, para interpretar a informação.

Warschauer (2006, 65-66) destaca que, “embora o senso comum defina o letramento como a habilidade individual de ser capaz de ler e escrever, os teóricos do “novo letramento” preferem uma definição mais abrangente, que leva em consideração os contextos sociais da *prática* associada ao letramento”, ou seja, com ênfase nos contextos sociais relacionada ao letramento.

Neste sentido, considerando a presença das tecnologias digitais, é possível considerar “letramentos digitais como redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mútua e continuamente por meio, em virtude e/ou por influência das TIC” (BUZATO, 2007, p. 168).

Para o autor, os letramentos digitais “são inevitavelmente instáveis, de modo que, assim como no caso do letrado no sentido tradicional, a condição de letrado digital está sempre restrita a situações e finalidades específicas” (BUZATO, 2007, p. 168).

Considerando que, nas diversas pesquisas realizadas, incluindo Capes, Portal de Domínio Público, Scielo, Buscador Google Acadêmico e no repositório das Universidades Federais do Brasil e de Portugal, não encontramos um marco teórico que trate de habilidades digitais, observamos que o termo *habilidades digitais* é um termo novo que vem sendo incorporado às interações que os indivíduos executam ao utilizar as tecnologias. Nas atividades cotidianas, “as maneiras, jeitos ou habilidades especiais para lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, chamamos de técnicas” (KENSKI, 2012, p. 24).

Neste sentido, consideramos necessário realizar uma conceituação da referida temática.

Assim, entendemos que as habilidades digitais se referem aos processos técnicos de uso das tecnologias, relacionados à forma como o indivíduo resolve situações-problemas em seu cotidiano.

Essa conceituação é baseada nos estudos de Perrenoud (1999, 2013) e Ropé e Tanguy (2003), que tratam conhecimentos, capacidades e habilidades como elementos constituintes da competência. Portanto, neste estudo, pretendemos abordar as habilidades digitais como os processos técnicos desenvolvidos pelas pessoas da terceira idade no uso das tecnologias digitais, tais como: digitar, navegar, acessar etc.

No entanto, essa conceituação não poderá deixar de considerar a importância das habilidades humanas ressaltadas por Perrenoud (2013) como, por exemplo, atenção, respeito, cooperação, solidariedade etc., ou seja, características que potencializem o interesse do indivíduo para o exercício da cidadania.

3.3 Habilidades digitais na terceira idade

Partindo da conceituação de habilidades digitais, entendemos que, na sociedade informacional, onde tudo está conectado em redes, com informações que chegam instantaneamente por meio de e-mails e redes sociais (GOULART et al., 2015), tornou-se indispensável a busca por atualizações através das tecnologias digitais.

Nesse contexto, inserir-se e participar desse novo sistema informacional, em que os indivíduos estão conectados em tempo real (SILVA; KALHIL, 2017), tornou-se uma necessidade, sobretudo para as pessoas da terceira idade.

A tecnologia utilizada pelas pessoas que estão na terceira idade possibilita novas descobertas, resultando no aprimoramento de habilidades. Dessa forma, questionamos quais são as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital que podem facilitar o acesso à comunicação, trazendo de forma rápida as informações necessárias para essas pessoas. A pressão social, muitas vezes, faz com que as pessoas da terceira idade, devido à pouca habilidade com recursos tecnológicos, saiam à procura de espaços tecnológicos para se apropriarem dos recursos da internet e de várias tecnologias, nas universidades que oferecem programas educacionais para a terceira idade.

A escassez de literatura sobre o objeto da pesquisa nos instiga a refletir acerca dessas habilidades digitais a serem desenvolvidas pelas pessoas que se encontram na terceira idade, para sua inclusão no mundo digital.

Nessa reflexão, retomamos aqui o estudo de Machado et al. (2016), quando essas autoras apontam que o tema das habilidades digitais, com pessoas na terceira idade, é pouco discutido. Em seus estudos sobre os conhecimentos, as habilidades e as atitudes, utilizando os recursos da internet, as autoras constataam que as pessoas de mais idade têm potencial para construir e aprimorar esses elementos para utilizar as diferentes tecnologias, inclusive as digitais (Quadro 5).

Quadro 5 - Conhecimento, habilidades, atitudes apontadas, inicialmente, pelos idosos

Competência no Uso da Internet		
Conhecimento	Habilidade	Atitude
<ul style="list-style-type: none"> - Saber o básico para poder usar; - Conhecer idioma inglês e outros; - Conhecer mais para ter liberdade escrita na internet. 	<ul style="list-style-type: none"> - Arrumar galerias de fotos; - Utilizar meio de comunicação; - Efetuar compras; - Mandar e receber mensagens; - Pesquisar; - Falar com pessoas de longe; - Ver receitas para fazer; - Anexar figuras ou fotos; - Ler notícias; - “Macetes” para facilitar o uso; - Localizar lugares (virtual) onde haja mais cursos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ajudar meus netos nas pesquisas; - Curiosidade; - Vontade própria para pesquisa; - Criatividade; - Tranquilidade.

Fonte: Machado et al. (2016).

As autoras consideraram, ao realizarem um mapeamento dos conhecimentos, habilidades e atitudes apontadas pelos idosos, utilizando os recursos da internet, que foi possível avaliar individualmente cada um desses elementos. Dessa forma, observamos, a partir dos dados apresentados, o interesse das pessoas que se encontram na terceira idade em desenvolver habilidades digitais que possibilitem o manuseio e uso adequado das tecnologias para sua inclusão no mundo digital.

Para esse uso adequado, “uma das condições necessárias, mas não suficientes, é o domínio das habilidades técnicas” (KENSKI, 2012, p. 36). Diante disso, há uma necessidade

em acrescentar contribuições significativas para aqueles que pretendem desenvolver habilidades digitais com o uso de tecnologias com as pessoas que estão na terceira idade.

4 ENVELHECER NA TERCEIRA IDADE

*Corra não pare,
Não pense demais
Repare essas velas no cais
Que a vida é cigana
É caravana*

*(Alceu Valença e Geraldo Azevedo, 1975,
Caravana)*

Iniciamos esta discussão descortinando o universo dos indivíduos que estão na terceira idade, a partir dos diferentes processos pesquisados que envolvem o envelhecimento humano.

4.1 A terceira idade e os processos de envelhecimento humano

Com o avanço da idade, associado ao processo de envelhecimento humano, é inevitável que ocorram modificações no organismo, inerentes ao processo da vida, que determinam a capacidade vital orgânica de cada indivíduo. Em consequência disso, os indivíduos começam, com o passar do tempo, a apresentar declínios no plano biológico.

Dessa forma, biologicamente

o envelhecimento se caracteriza por ser um processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível, que se instala em cada indivíduo desde o nascimento e o acompanha por todo o tempo de vida possível para a espécie humana culminando com sua morte. Nesse transcurso, provoca no organismo modificações morfológicas (alterações na forma do corpo), fisiológicas (modificações nas funções orgânicas) e bioquímicas (transformações nas reações químicas presentes no organismo) (NETTO, 1997, p. 37).

Quando essas modificações passam a ser irremediáveis, podemos afirmar que o corpo está declinando. Isso indica que as perdas orgânicas acabam por deixar as pessoas vulneráveis aos processos patológicos, ou seja, às alterações decorrentes de doenças (NETTO, 1997).

Dessa forma, “o envelhecimento acarreta diversos declínios de ordem fisiológica, cognitiva e emocional, que se acentuam com o passar do tempo” (SALES et al., 2014a, p. 66).

No século XIX, a problemática relacionada à velhice como questão social apareceu no cenário francês, associada às pessoas já velhas e sem bens ou sem condições de trabalhar. Na época, a velhice era caracterizada como invalidez e incapacidade para a produção. As pessoas

de mais idade, de acordo com a situação socioeconômica, eram denominadas de *idosas*, cujo termo ficou associado ao indivíduo velho e inativo (KACHAR, 2003).

Na passagem do século, diante dessa lógica de associar a velhice à invalidez, surgem novas políticas sociais de atenção à velhice. A criação da categoria *aposentado*, instituída para garantir a sobrevivência, eleva os valores das pensões, melhorando a imagem e as condições de vida dos indivíduos envelhecidos.

Para Debert (1999, p. 14), “a ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas”. A pessoa idosa passa a ter um lugar respeitado na sociedade e, aos poucos, a ideia de perdas vai sendo substituída por momentos propícios a novos desafios.

Dessa forma, surge a expressão *terceira idade* para representar os aposentados que se mostram ativos e independentes, celebrando a velhice como um momento de satisfação e realizações pessoais próprias dessa faixa etária (DEBERT, 2011).

Portanto, os indivíduos da terceira idade tornaram-se mais independentes. Conseqüentemente, as pessoas com 60 anos ou mais, antes afastadas, muitas vezes excluídas da sociedade e tidas como peso para a família e o Estado, passaram a recriar e cultivar hábitos alternativos de laços afetivos.

No Brasil, na década de 60, as palavras *velhice*, *velho* e *idoso* sofrem transformações na terminologia. O cenário brasileiro absorve o novo termo, terceira idade, sem o compromisso de promover políticas voltadas à questão da velhice (KACHAR, 2003).

Para Sales et al. (2014b, p. 63), “tal segmento da população é alvo de preocupações do Estado, da Previdência Social, dos serviços de saúde e das políticas públicas de educação e cultura, no sentido de criar meios de atender de maneira específica suas demandas”.

Neste sentido, é importante ressaltar que, nas últimas décadas, surgiram vários programas voltados para as pessoas idosas, como as universidades abertas à terceira idade, que incentivam formas de sociabilidades entre os idosos (DEBERT, 1999).

Kachar (2003), ao refletir sobre os estudos de Beauvoir (1970), enfatiza que a representação social, o lugar e o papel da pessoa idosa sofrem diversas alterações ao longo da história. Cada sociedade traduz expressões e formas de tratar o indivíduo envelhecido, de acordo com seu contexto social.

O envelhecimento, embora seja um processo individual e espontâneo, repercute em toda sociedade (BEAUVOIR, 1970; NETTO, 1997). Em seus estudos sobre gerontologia¹⁰ básica, Netto (1997) acrescenta que, além dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais que envolvem o envelhecimento, os fatores culturais são bastante relevantes, visto que essas concepções podem variar de uma cultura para outra.

A Constituição Federativa da República do Brasil, de 1988 (BRASIL, 1988), refere-se a pessoa idosa, em seu Artigo 230, dispondo que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 2016, p. 133).

Neste sentido, Rodrigues e Morgado (2017) salientam que não se deve pensar no envelhecimento como algo que limita, visto que os idosos podem contribuir muito para a sociedade.

Sobre isso, Lolli e Maio (2015) ressaltam que o significado de velhice para a sociedade tem mudado nos últimos anos, visto que, na atualidade, os indivíduos com 60 anos ou mais são pessoas independentes e ativas na sociedade e no núcleo familiar. Os autores explicam este fato pela expansão da participação deste público nas escolas, meios de comunicação e no mercado de trabalho.

Dessa forma, o indivíduo ao “envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental” (PETERSEN; KALEMPA; PYKOSZ, 2013, p. 122).

Para Gandra (2012, p. 35), “o envelhecimento não é um processo que começa aos 60 anos, mas é, sim, um processo contínuo que permeia toda a vida dos sujeitos”. Na verdade, o processo de envelhecimento, que é inerente à condição humana em sua totalidade, acompanha o indivíduo ao longo da vida.

Portanto, hoje, o conceito sobre o envelhecimento está relacionado à passagem do tempo na vida das pessoas.

No dia 01 de outubro é comemorado o Dia Internacional da Pessoa Idosa, que foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU)¹¹. O tema do dia internacional de 2018

¹⁰ A gerontologia, no seu todo, é um conjunto de conhecimentos científicos aplicados ao estudo do envelhecimento humano, nos aspectos biológicos psicológicos e sociais (NETTO, 1997, p. 33).

¹¹ A Organização das Nações Unidas é uma instituição internacional formada por 192 Estados soberanos, fundada após a 2ª Guerra Mundial para manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações cordiais entre as nações, promover progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos. Os membros são unidos em torno da Carta da ONU, um tratado internacional que enuncia os direitos e deveres dos membros da comunidade

foi “Celebrando os mais velhos defensores dos direitos humanos” visando refletir sobre garantias, direitos e liberdades, celebrando a importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). A ONU comemora esta data desde 1991.

4.2 Dimensão cronológica da terceira idade

A velhice só pode ser compreendida quando se estabelece relação entre os diversos aspectos que envolvem o envelhecimento como os aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017).

Para Kachar (2003, p. 28), a “definição cronológica de idoso não é precisa nem única, mas é usada para determinar uma população”. A Organização Mundial de Saúde (OMS)¹² classifica cronologicamente como idosa as pessoas com mais de 65 anos de idade, em países desenvolvidos, e com mais de 60, em países em desenvolvimento.

Embora o envelhecimento seja um processo contínuo ao longo da vida, a classificação atribuída ao maior de 60 anos é a convenção geral.

No entanto, podemos observar na citação de Paschoal (1996, p. 27 apud KACHAR, 2003, p. 29) que há “diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica”, e que, no processo de envelhecimento, as alterações biológicas variam de pessoa para pessoa. Associado a isso, as condições externas como meio ambiente, boa alimentação, atividades físicas entre outros, podem possibilitar um envelhecimento saudável.

Debert (1999) ressalta que cada sociedade pode perceber as alterações cronológicas de maneira diferente, não apenas pelo desenvolvimento biológico, mas também pelos estágios de maturidade do indivíduo na estrutura social.

Em relação aos estágios de maturidade, a autora sugere que

O ritual de passagem de um estágio para outro não se orienta pela idade cronológica dos indivíduos, mas pela transmissão de *status* sociais, tais como poder e autoridade jurídica, através de rituais específicos cujo momento de transmissão depende, na maioria das vezes, da decisão dos mais velhos (DEBERT, 1999, p. 46).

internacional. Desde 1947 as Nações Unidas têm representação fixa no Brasil, representada por agências especializadas que desenvolvem suas atividades em função de seus mandatos específicos. (NAÇÕES Unidas no Brasil. Conheça a ONU). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/>. Acesso em: 11 nov. 2018.

¹² A Organização Mundial de Saúde / Organização Pan-Americana da Saúde é um organismo internacional de saúde pública, dedicado a melhorar as condições de saúde dos países das Américas. Também faz parte dos sistemas da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/opasoms/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Nas sociedades ocidentais, a idade cronológica está relacionada à maioridade legal, mercado de trabalho e ao direito à aposentadoria, ou seja,

Os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não porque elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidade, mas por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão (DEBERT, 1999, p. 47).

Como percebemos, as sociedades estabelecem diferentes formas de conceituar a idade cronológica. Isso indica que a transformação das idades não é uma categoria natural e universal em todas as sociedades, mas uma necessidade da vida social de cada uma delas.

4.3 Envelhecimento biológico no tempo de vida

O processo natural de envelhecimento durante muito tempo foi caracterizado como um estado patológico, ou seja, decorrente da doença. Essas alterações produzidas por afecções correspondem à senilidade¹³. Todavia, alguns estudos, segundo Netto (1997), mostram que essas alterações, muitas vezes não são decorrentes do tempo de vida, mas das condições inadequadas às quais o organismo foi submetido em épocas anteriores, como, por exemplo, a má alimentação e a herança genética.

Neste sentido,

é possível falar de fatores que podem contribuir tanto para ocorrência de um envelhecimento normal e até saudável (pois a velhice não é uma doença, como muitos supõem), como de fatores responsáveis por um envelhecimento precoce e patológico (NETTO, 1997, p. 40).

No entanto, com relação ao processo de envelhecimento biológico, vamos dar destaque às alterações fisiológicas que caracterizam a senescência, ou seja, as alterações fisiológicas do envelhecimento natural, visto que estas podem interferir na forma como a terceira idade utiliza as tecnologias digitais. Embora o processo de envelhecimento provoque alterações no organismo do indivíduo, elas acontecem de forma diferente para cada indivíduo: alguns podem sofrer maiores alterações funcionais em órgãos dos sentidos; e outros, poucas alterações. Essas perdas funcionais são geralmente parciais e gradativas.

¹³ Senilidade corresponde às alterações fisiológicas do processo de envelhecimento produzidas por doenças.

Dessa forma, “em relação à linguagem, no idoso não há alterações nem na produção, nem na representação dos sons da fala. Há, entretanto, uma disfluência com hesitações devidas às falhas de acesso aos vocábulos, formulações de frases e etc.” (KACHAR, 2003, p. 40).

O declínio auditivo apresenta-se em ambos os gêneros, com perdas nas frequências agudas, com zumbido e intolerância para sons altos.

No que se refere à visão, o indivíduo passa a ter dificuldades para leitura; com a diminuição da sensação cromática, dificuldade para enxergar a noite, e nas mudanças bruscas de ambientes com luminosidades diferentes (MANSUR; VIUDE, 1996 apud KACHAR, 2003, p. 41).

Além dessas alterações em órgãos dos sentidos, há também mudanças no sistema nervoso, em que a cognição e a memória muitas vezes são comprometidas. Entretanto, percebemos que, no processo de envelhecimento, ainda não se estabeleceu uma relação entre cognição e os declínios das atividades intelectuais ao longo da vida.

É típico das pessoas da terceira idade experienciar algum declínio no desempenho envolvendo novos estímulos ou habilidades em resolver problemas, porém, muitos indivíduos entre 70 e 80 anos apresentam desempenho em testes psicológico igual ou próximo aos dos jovens (WOODS; BIRREN, 1991 apud KACHAR, 2003, p. 42).

Neste sentido, é possível considerar uma estabilidade intelectual ao longo dos anos, embora alguns aspectos da inteligência pareçam sensíveis aos efeitos causados pelo envelhecimento. Mesmo nesse processo natural,

o cérebro dos idosos reage mais lentamente e leva mais tempo para armazenar, recuperar e processar informações. Os idosos por mais inteligente que sejam ou por mais intactas que estejam suas memórias e a fluência verbal não diminuem com a idade. Com o tempo suficiente, o cérebro velho saudável, em geral, recupera informações tão bem quanto os cérebros jovens, apesar de não ser tão rápido (LIMA, 2001, p. 20).

Diante disso, a capacidade em adquirir e armazenar informações apresenta declínio em relação à memória, sem prejuízos das funções cognitivas e das habilidades verbais em pessoas com mais idades.

A capacidade de memória primária, isto é, o estoque de informação que é perdido, se não solicitado a curto prazo, sofre mínimas alterações com a idade. (...) A capacidade de memória secundária, que se refere à armazenagem de informação apreendida recentemente, apresenta decréscimo mais intenso nas

peessoas com mais idade. A capacidade de memória terciária, que é de fatos distantes, lembranças remotas, é pouco alterada em relação aos mais jovens (KACHAR, 2003, p. 42-43).

Apesar da diminuição da capacidade de memória, no envelhecimento natural, muitas vezes o cérebro das pessoas que se encontram na terceira idade depende muito dos estímulos mentais realizados desde a infância. Os exercícios e fatores ambientais como estilo de vida podem possibilitar melhor funcionamento mental aos indivíduos dessa faixa etária.

No estudo de Sales et al. (2014a), algumas pesquisas indicam a dificuldade em memorizar nomes, objetos, números de telefone etc., como uma das principais queixas entre as pessoas da terceira idade. No entanto, isso não caracteriza declínio dessa capacidade.

4.3.1 Características psicológicas e sociais do envelhecimento

Os seres humanos, além de envelhecerem biologicamente, do ponto de vista comportamental envelhecem também psicologicamente (NETTO, 1997). Devido à idade avançada, impõe-se às pessoas da terceira idade padrões de comportamentos esperando que estes conduzam suas atitudes conforme a sociedade em que vive.

Sobre isso, o autor afirma que,

na realidade, impõem-se às pessoas uma espécie de “envelhecimento psicológico”, pelo fato de elas haverem atingido uma determinada idade, mesmo que seus reflexos, sua motricidade ou sua capacidade intelectual não se apresentem substancialmente alterados pelo passar dos anos (NETTO, 1997, p. 13).

Essas transformações, muitas vezes, afetam o estado emocional, provocando alterações no que diz respeito à autoestima e à autoimagem do indivíduo, como, por exemplo, cabelos embranquecidos, pele enrugada, perda dos dentes, diminuição da atividade sexual, pós-menopausa etc.

Para Kachar (2003), esta fase da vida, devido às perdas com morte de entes queridos, dificuldades econômicas, degeneração da saúde e perdas de papéis sociais, pode ser encarada como sofrimento de perdas e, conseqüentemente, esse estado pode levar à diminuição da autoestima e da autoimagem. Essas perdas muitas vezes estão relacionadas ao estado depressivo, sem relação com aspectos cognitivos. Nessa perspectiva, é comum ouvir *chavões*, que se empenham em desqualificar psicologicamente a pessoa idosa, devido aos lapsos de memória, como “velho gagá”, “caduco” e até mesmo “esclerosado”.

Nas sociedades agrícolas, mantidas pelo sistema de produção familiar, embora sem condições de produzir, as pessoas idosas geralmente eram respeitadas e não perdiam o apoio familiar. Entretanto, nas sociedades capitalistas, as mudanças ocorridas no sistema de produção redefinem as relações socioeconômicas dos indivíduos e, conseqüentemente, a maneira de como o envelhecimento e a aposentadoria possam ser vividos.

Durante muito tempo, a velhice é caracterizada pelas sociedades contemporâneas como decadência e ausência de papéis sociais. Ao mesmo tempo em que caracteriza os indivíduos de “velhos”, a sociedade estabelece modelos comportamentais que muitas vezes servem para manter o preconceito contra os indivíduos de mais idade (NETTO, 1997).

Associada a isso, a desqualificação social relacionada aos idosos é mais acentuada no momento em que estes se afastam das atividades de trabalho.

É o caso clássico das pessoas que são excluídas precocemente do mercado de trabalho, não obstante sua competência e principalmente sua experiência, pelo simples fato de, ao atingir certa idade, passarem a ser consideradas “velhas” pelo sistema, em particular o sistema capitalista (NETTO, 1997, p. 13).

Nesta fase da vida, cada indivíduo tem sua forma de encarar e de lidar com o envelhecimento considerando sua singularidade. Associados aos aspectos psicológicos, os sociais podem potencializar às pessoas da terceira idade uma vivência mais positiva como conquistas e perspectivas de realizações para o futuro, dependendo da sua capacidade de adaptação. Para isso, o indivíduo da terceira idade precisa de carinho, de afeto e de convívio com pessoas de outras gerações.

4.3.2 Características demográfica e populacional do envelhecimento

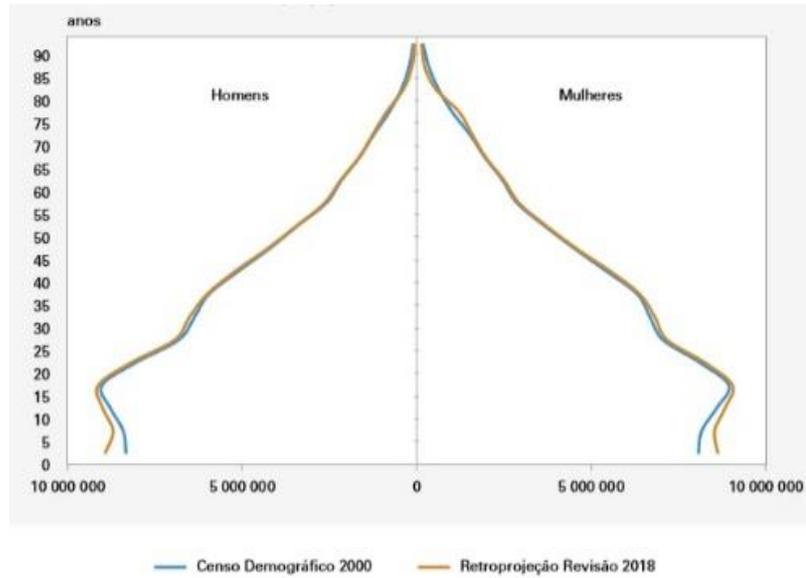
Com a revolução industrial, tecnológica e as melhorias nas condições de vida da sociedade, observamos a cada nova estatística realizada um contingente significativo de indivíduos com mais de 60 anos no Brasil e no mundo. A expectativa de vida¹⁴ da população brasileira, considerando ambos os gêneros, aumentou de 73,86 anos, em 2010, para 76,25 em 2018, de acordo com os dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018).

Entre 2000 e 2018, é visível o aumento da população idosa, conforme as pirâmides etárias do censo demográfico 2000 e 2010, já revisadas em 2018. Isso indica um estreitamento

¹⁴ Números de anos que as pessoas podem esperar viver.

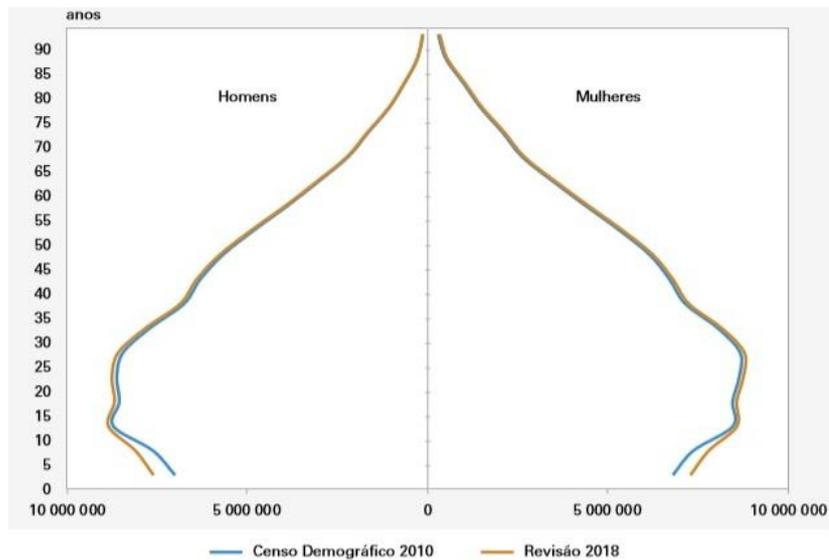
na base da pirâmide e um alargamento em seu topo (Figura 2 e 3), que representam o impacto dessas mudanças no país. Percebemos, em comparação com os dois censos, um aumento significativo da população feminina acima de 60 anos.

Figura 2 - Pirâmides etárias Censo Demográfico 2000 (Revisão 2018) Brasil



Fonte: Dados extraídos do IBGE (2018).

Figura 3 - Pirâmides etárias Censo Demográfico 2010 (Revisão 2018) Brasil



Fonte: Dados extraídos do IBGE (2018).

Segundo esses indicadores, o país está alterando sua faixa etária, pois se confirma o aumento da longevidade da população brasileira. Com a redução significativa nos índices de

natalidade¹⁵ e mortalidade¹⁶, é possível que, em 2060, um quarto da população no Brasil, seja de indivíduos com mais de 65 anos e com projeção para esperança de vida de 81,04.

Segundo o mesmo instituto, a população entre 2010 e 2018 aumentou em todas as regiões do Brasil. Isso indica que a expectativa de vida das pessoas idosas aumentou em todo o País (Tabela 1).

Tabela 1 - Esperança de vida ao nascer, por região, no Brasil

REGIÕES	2010	2014	2018
Norte	70,79	71,77	72,65
Nordeste	71,23	72,51	73,63
Sudeste	75,55	76,89	78,03
Sul	75,87	77,19	78,35
Centro-Oeste	73,69	74,67	75,56

Fonte: Elaboração própria com dados extraídos do IBGE (2018).

Podemos observar que a região Sul é a que tem a maior esperança de vida ao nascer, entre as regiões, no período de 2010 a 2018. Isso significa uma diferença de 5,7 anos entre a região com a maior esperança de vida ao nascer e a região com a menor esperança de vida.

O Estatuto do Idoso, Lei n.º 10.741, faz disposições acerca deste grupo.

O aumento da longevidade e a redução das taxas de mortalidade, nas últimas décadas do século passado, mudaram o perfil demográfico do Brasil. Rapidamente, deixamos de ser um “país de jovens” e o envelhecimento tornou-se questão fundamental para as políticas públicas (BRASIL, 2003, p. 5).

A melhoria nas condições de vida dos indivíduos é fator importante na qualidade de vida das pessoas e no aumento da expectativa de vida. Os investimentos nas áreas da saúde e educação contribuem para o crescimento dessa faixa etária da população.

Todavia, as mudanças na estrutura etária trazem consigo preocupações, não só para o Brasil, mas para qualquer lugar do mundo, principalmente com relação aos serviços públicos

¹⁵ Proporção de nascimentos por mil habitantes;

¹⁶ Proporção de óbitos por mil habitantes.

básicos, tais como educação, saúde e previdência social voltados para os indivíduos dessa faixa etária.

Neste sentido, os três primeiros artigos do Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741, asseguram que,

Art. 1º – É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º – O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º – É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003, p. 7-8).

Estas alterações não podem deixar de ter reflexos na composição por gênero e por idade da população. A população por gênero, do Estado de Pernambuco, entre 2010 e 2018, aumentou (Tabela 2). Isso indica que a expectativa de vida da terceira idade aumentou no Estado.

Tabela 2 - Esperança de vida ao nascer, por gênero, no Estado de Pernambuco

ANOS	MULHERES	HOMENS
2010	75,47	66,83
2014	77,06	68,97
2018	78,36	70,78

Fonte: Elaboração própria com dados extraídos do IBGE (2018).

Percebemos que há um aumento de anos ganhos principalmente para as mulheres. Dessa forma, se faz necessária uma atenção especial ao processo de envelhecimento e suas dimensões. Neste contexto, é importante salientar que o envelhecimento do indivíduo passa por transformações físicas, fisiológicas e psicológicas, devido ao processo natural de envelhecimento (KACHAR, 2010).

Segundo Kachar (2003, p. 34), “caracteriza-se o envelhecer como uma fase de inatividade e improdutividade, na qual o indivíduo depende de outro para viver, sendo um “peso” para a família, os parentes e o Estado”.

Com o aumento do percentual de pessoas idosas e, conseqüentemente, de aposentados, muito se discute sobre as reformas no sistema previdenciário sobre a aposentadoria (GANDRA 2012), embora, muitas vezes, nessas discussões, não se leve em consideração o bem-estar dos indivíduos. Neste sentido, a concepção que foi criada sobre a velhice ao longo dos anos associa sua imagem, de forma pejorativa, a velho, dependência e doença.

Dessa forma, em função do envelhecimento populacional, que “é uma das tendências mais significativa no século XXI” (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 44), notamos que a sociedade não está preparada para essa situação. Percebemos uma necessidade de políticas de assistência à saúde da pessoa idosa a fim de possibilitar a prevenção de doenças.

Pelo contrário, com o aumento da esperança de vida, o mercado de consumo vem crescendo e oferecendo diversos serviços para essa faixa etária. Cresce a indústria de produtos cosméticos e farmacêuticos com promessas de retardar o envelhecimento. Segundo Kachar (2003), isso pode trazer benefícios para os indivíduos de mais idade, buscando uma nova imagem na sociedade, antes associada a inutilidades e impotência. Por outro lado, a imagem que se constrói pode muitas vezes endeusar a juventude, como se a longevidade não tivesse relação com a velhice.

No entanto, a essa nova imagem das pessoas que se encontram na terceira idade, muitas vezes não são oferecidos instrumentos que possam enfrentar o declínio das habilidades cognitivas, físicas e emocionais necessárias para o exercício pleno da cidadania (DEBERT, 2011).

Devemos considerar que, em cada etapa da vida, os valores precisam ser refletidos e discutidos, para que as pessoas da terceira idade não sejam condicionadas por regras e comportamentos que a sociedade constrói sobre elas, gerando compreensão inconveniente das potencialidades das pessoas idosas. Essa compreensão geralmente está ligada a uma imagem estereotipada em que essas pessoas muitas vezes não sabem lidar com ela.

4.4 Aprendizagem ao longo da vida

Tentamos compreender o mundo desde que nascemos, conforme os estímulos que recebemos e de acordo com os valores culturais do contexto que estamos inseridos. Dessa forma, nos deparamos com situações que nos impulsionam às descobertas e à construção de novos saberes que vão além da aprendizagem formal, como forma de vencermos novos desafios.

Nesta direção, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), entende-se que a Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV),

Refere-se à aprendizagem realizada por toda pessoa desde o nascimento até a morte, em qualquer idade, em âmbitos formais, não formais e informais de aprendizagem (a família, a comunidade, o sistema escolar, o grupo de pares, os meios de informação, o sistema político, a participação social, o jogo, o trabalho, a leitura e a escrita, etc.) e recorrendo a todos os recursos socioculturais a seu alcance (UNESCO, 2014, p. 38).

Dessa forma, aprender ao longo da vida pode gerar maior acesso a ambientes de aprendizagens flexíveis para desenvolver conhecimentos e habilidades contextualizados à sociedade contemporânea em todas as fases da vida.

Valente (2001, p. 29) ressalta a necessidade de continuar a aprender ao longo da vida. Para este autor, aprender significa “ser capaz de utilizar sua experiência de vida e conhecimentos já adquiridos na atribuição de novos significados e na transformação da informação obtida, convertendo-a em conhecimentos”. Diferente da reprodução, isso indica que a construção do conhecimento é o resultado da compreensão desses significados.

Valente (2001, p. 37) ainda corrobora: “a aprendizagem continuada ao longo da vida significa que, se uma pessoa tem o desejo de aprender, ela terá condições de fazê-lo, independentemente de onde e quando isso ocorre”. No entanto, é necessário, além da vontade de aprender, criar oportunidades para que as pessoas possam dar continuidade a esse desejo e ser capazes de atuar na sociedade à medida que novas habilidades são exigidas por esta sociedade.

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, estabelece em seu Artigo nº 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, p. 123). Significa dizer que este é um direito garantido pela Carta Magna a todos os brasileiros, independente das diferenças de gênero e de idade.

No que se refere às pessoas da terceira idade, de acordo com o Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741, em seu Artigo 20, “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003, p. 17). Isso indica que o exercício dos direitos, produtos e serviços prestados ao indivíduo nessa faixa etária devem respeitar sua condição de idade, proporcionando oportunidades de participação no meio social em que está inserido.

Sendo assim,

A Educação, então, deveria perpassar uma real e efetiva educação social, na qual pudéssemos implementar processos, ao longo de toda nossa vida, e possibilitar melhores condições e mais adequadas aprendizagens significativas, não sendo uma simples transmissão de conhecimento, mas superando o que já existe, e possibilitando, assim, maior autonomia para as pessoas com sessenta ou mais anos, a fim de terem condições de viver um futuro melhor (GOULART et al., 2013, p. 142).

Contudo, no século XXI, várias linguagens são usadas nessa nova forma de comunicação envolvendo esquemas sensoriais, emocionais, éticos, pessoais e sociais (MORAN, 2013), em que as informações são processadas com rapidez e precisão.

Segundo Loreto e Ferreira (2014), os idosos procuram curso de inclusão digital buscando se incluir socialmente apesar das limitações referentes à memória, à visão, à audição e à mobilidade. Essas limitações devem ser respeitadas ao se desenvolver aprendizagens específicas e habilidades com as pessoas que se encontram na terceira idade, como, por exemplo, para a digitação que requer o desenvolvimento físico, podendo ser utilizados *software* que explorem aspectos lúdicos.

Goulart et al. (2013) refletem que, mesmo com os limites impostos pelo envelhecimento, não se deve abandonar os saberes já adquiridos, mas é necessário continuar a aprender, ter vida social ativa e desfrutar, auxiliados também pelas tecnologias, dos momentos de lazer.

Nesse contexto, Lolli e Maio (2015) chamam a atenção para os profissionais que exercem atividades na área educacional com os grupos de idosos, no sentido de perceber as características específicas deste público.

Seguindo este pensamento,

Os formadores devem planificar atividades que envolvam os formandos em interações com os seus pares, por exemplo: troca de mensagens utilizando o email; sessões de conversação no chat ou partilha de músicas, vídeos, imagens e fotos utilizando o *Facebook*, podendo também dinamizar atividades onde sejam realizadas pesquisas sobre assuntos do interesse dos seniores, tais como: culinária, cuidados médicos, saúde, imagens da freguesia de onde é natural, etc. (VARELA, 2012, p. 53).

Essas iniciativas poderão estimular a curiosidade das pessoas que se encontram na terceira idade ao adquirir conhecimentos sobre o uso das tecnologias além de possibilitar o bem-estar a essa população.

4.5 Qualidade de Vida

Com o desenvolvimento socioeconômico e os avanços científicos e tecnológicos, é cada vez mais visível a mudança no perfil demográfico das sociedades.

Neste contexto, para Goulart et al. (2015, p. 964), “o reflexo da projeção etária está diretamente ligado a uma melhor qualidade de vida, presenciada nas últimas décadas”. Isso indica que a Qualidade de Vida (QV), quando relacionada à saúde e a outros fatores, pode favorecer a melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Não existe um consenso referente ao conceito da QV. Existe um método científico, realizado por meio de instrumento estatístico para medir a qualidade de vida dos indivíduos, baseado em um questionário em que se verifica essa qualidade nos diferentes grupos sociais, países e culturas. E outro conceito ligado à saúde do indivíduo.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2005, p. 14), a Organização Mundial de Saúde define a QV como “a percepção do indivíduo de sua inserção no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Esta pode ser entendida como o nível das condições básicas que envolvem o bem-estar físico, psicológico, social e também da saúde e da educação que atinge a vida humana, diferente do padrão de vida, que é medido pela quantidade de bens que o indivíduo consome.

Ainda segundo o mesmo ministério, “à medida que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade de manter autonomia e independência” (BRASIL, 2005, p. 14).

Segundo Gomes (2014), com a melhora na condição de vida das pessoas, surge uma nova forma de envelhecer, o envelhecimento saudável. A autora considera que, para essa condição, é necessário que o indivíduo tenha alguns cuidados ao longo da vida, como forma de prevenir doenças e o declínio funcional.

Dessa forma, a qualidade de vida não significa apenas viver mais, mas ela está relacionada também a hábitos saudáveis como: atividades físicas, alimentação equilibrada, relacionamentos saudáveis, um tempo dedicado à família, aos amigos, ao lazer e a outros hábitos que possibilitem o bem-estar do indivíduo. Conseqüentemente, essas ações acarretam uma melhor condição à vida dos indivíduos.

Neste mesmo sentido, segundo Sales et al. (2014a), a qualidade de vida também está relacionada às questões psicológicas como autoestima e autoimagem.

Para Vieira et al. (2016), a qualidade de vida nessa faixa etária refere-se à manutenção da saúde física, social, psíquica e espiritual.

Não obstante, a melhoria da qualidade de vida, quando associada à capacidade de aprender novos conhecimentos, pode possibilitar o usufruto de recursos tecnológicos, incentivando a sua autonomia e participação (VARELA, 2012).

Dessa maneira, entendemos que a Qualidade de Vida tem relação com a interação da pessoa com o meio em que ela vive e que esta deve acontecer em todos os aspectos da vida incluindo as tecnologias na qual o bem-estar das pessoas possa ser percebido a partir dessas inovações.

Considerando essas questões, procuramos compreender a partir dos processos de envelhecimento humano como são as pessoas que estão na terceira idade.

5 INCLUSÃO DIGITAL E TERCEIRA IDADE

*Há uma voz que canta
Uma voz que dança
Uma voz que gira (Gira!)
Bailando no ar
Uh! Uh! Uh!*

*(Raul Seixas, Paulo Coelho e Marcelo Motta, 1975,
Tente Outra Vez)*

Nesta seção, contextualizamos a inclusão/exclusão social e digital das pessoas da terceira idade em uma sociedade informacional, assim como a sociedade da informação, abordando os aspectos relacionados à sociedade contemporânea, à cultura digital e ao uso das tecnologias digitais pelas pessoas da terceira idade.

5.1 Inclusão digital na terceira idade e a sociedade da informação

Para iniciar nossa reflexão, veremos como a inclusão se aplica aos mais variados contextos. O conceito de inclusão, definido pelo dicionário Houaiss como o ato ou efeito de incluir-se – *substantivo feminino* -, é usado com muita frequência para se referir às pessoas com deficiência, inclusão social e inclusão digital. Ao analisar o ato de se incluir, percebemos uma lógica de adicionar algo ou alguém a uma coisa já existente ou a uma situação social, ou seja, ao fato de pertencimento.

Dessa forma, a “inclusão é um processo a partir do qual uma pessoa passa a participar de usos e costumes de outros grupos e a ter os mesmos direitos e deveres daqueles” (FARIAS et al., 2015, p. 166).

Nos contextos sociais, essa relação de pertencimento não é tão passiva e os objetos socioculturais transformam-se e são transformados nos processos sociais. Nesta direção, existem vários conceitos e abordagens de inclusão social. No entanto, para o nosso estudo, trataremos mais das abordagens ligadas ao uso das tecnologias digitais na sociedade contemporânea. Dessa maneira, do ponto de vista social,

a inclusão social não é apenas uma questão referente à partilha adequada dos recursos, mas também de “participação na determinação das oportunidades de vida tanto dos indivíduos como coletivas”. Essa ideia sobrepõe-se ao conceito de igualdade socioeconômica, mas não equivale a esse conceito (WARSCHAUER, 2006, p. 24-25).

Na sociedade informacional, Warschauer (2006) ressalta que é necessário compreender essas relações sociais e a inclusão digital, visto que novos sujeitos estão surgindo nesse contexto em que é possível emitir e obter as informações de diversos formatos.

Esta discussão tem se aprofundado no sentido de perceber que as necessidades da população, no que diz respeito aos direitos dos indivíduos, não são mais viáveis sem as tecnologias digitais da informação e da comunicação.

Vale salientar que as modificações não ocorrem de forma igual para os indivíduos, ou seja, para algumas pessoas as mudanças podem acontecer de forma acelerada, mas, para outras, esse mesmo processo pode ser mais demorado, e muitas vezes isso pode revelar situações de exclusão.

Warschauer (2006) amplia a reflexão acerca da inclusão digital, na perspectiva de inclusão social. O autor atribui de forma mais ampla a essa discussão, além das questões físicas e de conectividade, outras questões como conteúdo, língua, educação e letramento.

Inclusão, numa perspectiva tecnológica, significa não apenas incluir para a melhoria da qualidade de vida ou até mesmo por questões profissionais. Ela possibilita desenvolver as habilidades necessárias para que, ao tomar decisões em relação ao uso das tecnologias, os indivíduos possam participar plenamente da sociedade, promovendo o desenvolvimento social, sobretudo os indivíduos de mais idade que, muitas vezes, usam, como alternativa para se apropriar das tecnologias como celular, tablets e caixas eletrônicos, os cursos e as oficinas de informática (LORETO; FERREIRA, 2014).

Por sua vez, Kenski (2012) afirma que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) caracterizam-se pela linguagem oral, escrita e digital, e que estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Já Warschauer (2006, p. 25) assinala que “a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso da nova tecnologia de informação e comunicação é decisiva para a inclusão social na época atual”. O autor ainda apresenta o equipamento, a conectividade e o letramento como modelos de acesso a essas tecnologias como elementos fundamentais para a inclusão social. Ele ressalta, também, que o letramento é elemento fundamental para que o indivíduo possa desenvolver as habilidades digitais necessárias para utilizar os recursos tecnológicos.

Para Cazaloto (2008, p. 125), a inclusão digital é “um conjunto de discursos e práticas cujo objetivo é levar a informatização a grupos sociais que, sem esses procedimentos, muito provavelmente não teriam condições de acesso às ferramentas informáticas”. Neste sentido, a inclusão digital passa a ser considerada fundamental para o cidadão. Essa inclusão está voltada

para as camadas da população menos beneficiadas na sociedade, o que se aproxima do conceito de inclusão social de Warschauer (2006).

No entanto, a inclusão social e tecnológica deve ser flexível, uma vez que a esse acesso inclui questões econômicas, culturais, sociais e políticas, podendo gerar exclusão social. Nesta direção, Silva e Kalhil (2017, p. 69) ressaltam que “a exclusão digital nos países em desenvolvimento está fortemente relacionada às desigualdades sociais”.

Gandra (2012, p. 22) enfatiza que “a questão de ter ou não acesso aos equipamentos e conexão já não são aceitos sem resistência para explicar a complexidade deste fenômeno”.

É necessário superar essa dicotomia “em termos de “ter ou não ter” acesso às ferramentas digitais” (CAZELOTO, 2008, p. 149). Para o autor, a inclusão digital vai além dessa discussão. Assim, é necessário refletir sobre o uso que pode ser dado às tecnologias, para que estas possam ter impacto positivo na vida do indivíduo, visto que, muitas vezes, as informações chegam de forma diferente para cada indivíduo.

Sobre isso, Warschauer (2006, p. 282) nos diz que “o desafio político global não é superar a exclusão digital, mas expandir o acesso e o uso da TIC para promover a inclusão social”. Dessa forma, percebemos que a inclusão digital não significa apenas dar acesso a computadores e à internet, ou seja, incluir digitalmente não é apenas alfabetizar as pessoas em informática, de maneira que elas sejam capazes de utilizar programas e sistemas operacionais, mas fazer com que elas compreendam que a construção do conhecimento se estabelecerá com a apropriação crítica das tecnologias, e que o uso do computador pode, como benefício, possibilitar aos indivíduos o protagonismo e o usufruto de vários serviços para a melhoria da qualidade de vida.

Refletir sobre a inclusão digital das pessoas da terceira idade, na sociedade da informação, é refletir antes de tudo sobre um universo de possibilidades e dificuldades inerente ao indivíduo nessa fase da vida.

Ao escrever sobre a Sociedade da Informação, Castells (2006, p. 43) salienta que, na relação entre sociedade e tecnologia, “a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. Neste sentido, para discutir o uso das tecnologias digitais pelas pessoas que estão na terceira idade é preciso compreender como somos capazes de ampliar nossos conhecimentos, habilidades e atitudes para utilizar essas ferramentas, visto que essas pessoas não dominam essa lógica da sociedade da informação (VIEIRA et al., 2016).

No entanto, para Vieira et al. (2016), a inclusão digital na terceira idade quando acontece de forma coletiva tem proporcionado uma melhoria nos aspectos psicológicos como depressão, solidão etc.

As transformações tecnológicas podem influenciar diretamente no processo de formação, na qualidade de vida e na longevidade das pessoas. Essas transformações têm se tornado um desafio, em todas as fases da vida, sobretudo para as pessoas que estão na terceira idade, devido aos limites que o envelhecimento proporciona, “mas também ao fato de que a maioria dos dispositivos tecnológicos pode não apresentar interfaces que se adequem às especificidades desses usuários” (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 46). Assim, a educação pode ser uma alternativa de inclusão digital.

Desse modo, a Política Nacional do Idoso, Lei nº. 8.842, assegura que é competência dos órgãos públicos “adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinado ao idoso” (BRASIL, 1994, p. 11), assim como o Estatuto do Idoso, a Lei nº. 10.741, em seu Artigo 21, assegura que “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2003, p. 17). Isso indica que a educação deve acontecer em todas as fases da vida, independente das condições socioeconômicas dos indivíduos.

Para Sales et al. (2014b), o desenvolvimento das interfaces tecnológicas, os cursos e as metodologias voltadas para os idosos precisam respeitar essas limitações decorrentes da idade.

Silva e Kalhil (2017) acrescentam que, ao utilizar essas ferramentas, o indivíduo possa desenvolver as habilidades e competências necessárias para lidar com essas tecnologias.

Alguns autores, ao tratar a inclusão digital na terceira idade, ressaltam a importância das iniciativas de inclusão digital em instituições públicas e privadas, para o desenvolvimento das habilidades para os indivíduos de mais idades (GANDRA, 2012; LORETO; FERREIRA, 2014; SALES et al., 2014b).

A revolução tecnológica no contexto social e cultural ao longo dos anos tem transformado as relações sociais e materiais da sociedade de forma acelerada em todos os aspectos da vida humana. Essas mudanças, seja no modo de pensar ou no modo de agir, configuram uma nova relação nos meios de produção e disponibilização de informações relacionadas ao uso das tecnologias que fazem parte dessa transição (FARIAS et al., 2015; RODRIGUES; MORGADO, 2017). Dessa forma,

A tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo (CASTELLS, 2006, p. 43).

Para o autor, embora a tecnologia não determine a sociedade, ambas estão interligadas e a tecnologia pode exercer poder de transformação sobre a sociedade.

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2006, p. 44-45).

Não obstante essas transformações sociais tenham relação direta com as transformações tecnológicas, elas não determinam as formas e os processos sociais pelos quais a sociedade se mantém. Nesse novo modelo de reconfiguração social, de interdependência global na base da sociedade, sobretudo econômica, surge um novo sistema de comunicação que se configura baseado na economia da informação: o informacionalismo (CASTELLS, 2006).

Esse novo formato de produção e comunicação é “moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX” (CASTELLS, 2006, p. 51). Nessa dinâmica, a tecnologia e a internet assumem um lugar importante na compreensão dessa estrutura social. A sociedade em rede, como denomina o autor, caracteriza essa nova forma de buscar informações pela transformação e produção da tecnologia facilitando a interação entre as pessoas.

Estar conectado, hoje, desperta uma sensação de pertencimento e participação na gigantesca rede digital integrada com o mundo (SALES et al., 2014b). A internet como articuladora dessa situação é “o ponto de encontro e dispersão de tudo isso” (KENSKI, 2012, p. 34). Percebemos isso com relação aos computadores, smartphones, tablets que, ao serem conectados à internet, possibilitam interação entre os indivíduos e o acesso às informações.

Essas mudanças sociais, devido ao processo de transformação tecnológica e econômica, muitas vezes estabelecem relações de poder entre os que dominam e os que não dominam as tecnologias da informação. Nessa perspectiva,

Os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do poder na sociedade em rede. Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças” (CASTELLS, 2013, p. 18).

Isso significa dizer que existe uma relação de dominação há muito estabelecida. Na sociedade informacional, em que tudo está conectado a redes e tecnologias eficientes, a construção do conhecimento vai além do acesso aos dados e às informações disponíveis na internet. Assim, “não basta ter um computador conectado à Internet: é preciso saber usá-lo em suas possibilidades capazes de potencializar a cidadania no ciberespaço” (LORETO; FERREIRA, 2014, p. 122). Ainda segundo esses autores, isso gera a necessidade de aprofundar algumas questões acerca da inclusão digital.

5.1.1 Terceira idade e cultura digital

Neste cenário, a expansão do acesso a tecnologias digitais na sociedade contemporânea possibilitou uma relação estreita entre sociedade e cultura, a cibercultura¹⁷, o que Lévy (1999, p. 17) denominou como “(...) o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Essa relação convergiu na transformação das práticas sociais na esfera da comunicação na forma de consumir, compartilhar e produzir informação utilizando múltiplas linguagens.

Nesse movimento de interação,

O poder da linguagem digital, baseada no acesso a computadores e todos os seus periféricos, à internet, aos jogos eletrônicos etc., com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e outra realidade informacional (KENSKI, 2012, p. 33).

Trata-se do advento da cultura digital, da reconfiguração entre o indivíduo, as tecnologias e a cultura. Ou seja, a informação deixou de ser um monopólio e passa a fomentar as interações nas relações sociais. No livro “Cultura digital.br”, Lemos (2009, p. 136) define a cibercultura ou cultura digital como “a cultura contemporânea, onde os diversos dispositivos eletrônicos digitais já fazem parte da nossa realidade”. Essa realidade já se configura associada às tecnologias digitais, sobretudo com o surgimento das redes. A internet, de acordo com Castells (2006, p. 431), “é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes”.

¹⁷ Cibercultura é a cultura que surgiu a partir do uso da rede de computadores, e de outros suportes tecnológicos como o smartphone e o tablet.

Neste sentido, a cultura digital cria novas formas de interação e socialização (LEMOS, 2009). O indivíduo conectado não está mais isolado, ele amplia suas formas de socialização.

Nessa realidade contemporânea, as pessoas que estão na terceira idade manifestam no acesso às tecnologias a busca por maior autonomia caracterizando essa nova forma de se comunicar e se relacionar, principalmente com os dispositivos móveis conectados em rede, como *tablets*, *notebooks* e *smartphones*. Essas práticas culturais possibilitam também a essas pessoas na cultura digital escolher e selecionar as informações em seu próprio tempo e espaço, não mais estabelecido pelas tecnologias de massa como o rádio e a televisão.

5.2 Uso das tecnologias pelas pessoas da terceira idade

Desde os tempos remotos, o homem tem “a necessidade de expressar sentimentos e opiniões e de registrar experiências e direitos” (KENSKI, 2012, p. 27) e, para vivenciar essa necessidade, podemos utilizar diferentes processos e produtos.

Sobre isso, Castells (2005, p. 19) afirma que “nos primeiros anos do século XXI, a sociedade em rede não é a sociedade emergente da Era da Informação: ela já configura o núcleo das nossas sociedades”. Isso indica que através dessa inter-relação existente entre os internautas e a internet o conhecimento já se configura de forma diferente no desenvolvimento das sociedades.

Neste sentido, com o avanço tecnológico, segundo Kachar (2003, p. 152), “há uma grande necessidade de inserir-se na dinâmica atual, de sentir-se incluído, envolvido no processo de desenvolvimento da sociedade e conectado ao mundo moderno, associado à informação e comunicação”. Isso pode facilitar, para as pessoas da terceira idade, o processo de comunicação, a troca de experiência com parentes e amigos, maior interação, melhorando a autoestima e consequentemente a qualidade de vida (SALES et al., 2014a).

Por outro lado, é necessário identificar de que forma as pessoas que estão na terceira idade se relacionam com o universo tecnológico na cultura digital, levando em conta suas limitações. Estudioso da sociedade da informação e da cibercultura, Lévy (1999, p. 245), afirma que “cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos”. Isso indica que, antes do computador, não existiam pessoas sem computador, portanto não existiam analfabetos digitais. Já nos dias atuais, é comum ver pessoas que não sabem usar caixas eletrônicos, cartões de crédito, telefones celulares e outros eletrodomésticos.

A população idosa engrossa a massa dos excluídos. A exclusão digital faz com que as pessoas cheguem atrasadas às tecnologias, privando-as da ampliação do conhecimento, da

comunicação em rede, aprofundando a desigualdade social e ao mesmo tempo agravando a exclusão social. Do contrário,

o acesso significativo à TIC abrange muito mais do que meramente fornecer computadores e conexão à internet. Pelo contrário, insere-se num conjunto de fatores, abrangendo recursos e relacionamentos físicos, digitais, humanos e sociais. Para proporcionar acesso significativo a novas tecnologias, o conteúdo, a língua, o letramento, a educação e as estruturas comunitárias e institucionais devem todos ser levados em consideração (WARSCHAUER, 2006, p. 21).

Para que a tecnologia faça diferença é necessário um olhar mais atento ao sistema social e humano. Neste sentido, dada a intensa presença dos recursos tecnológicos em nosso contexto, para muitas pessoas da terceira idade a inclusão se impõe, uma vez que há uma exigência da sociedade para que se utilizem as tecnologias, em especial o smartphone, seja para facilitar sua inserção, seja para sobreviver em sociedade cada vez mais digital.

Evidente que a “prática não envolve apenas a atividade individual de decodificar e codificar o texto, mas também a atividade social de exercer o controle” (WARSCHAUER, 2006, p. 164), o acesso ao mundo digital pode possibilitar ao indivíduo adquirir novas práticas culturais não só ligadas à busca e à construção do conhecimento, mas a novas formas de comunicação com parentes e pessoas do mundo inteiro, ou seja, saber utilizar essas tecnologias, além de adquirir conhecimento, melhora a interação social (SALES et al., 2014b).

A tecnologia digital cria uma nova forma de obter e produzir informações.

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetitivas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz (KENSKI, 2012, p. 32).

Neste contexto da cultura digital, diferente dos que nasceram mergulhados no universo digital e cresceram usando computadores, videogames, internet e celulares, consumindo e descartando informações de forma rápida, quase que instantânea, seja em seus computadores conectados à internet, seja através de outras tecnologias como laptops, tablets e/ou smartphones com uma certa dependência dessas tecnologias (RODRIGUES; MORGADO, 2017), algumas pessoas da terceira idade veem com reserva essas novas linguagens, pois elas podem não estar habituadas com essas tecnologias.

Nesse confronto, temos a impressão de que as pessoas idosas de hoje, por não terem familiaridade com as tecnologias digitais, são simplesmente deixadas de lado desse

acontecimento rico, móvel, ágil e instigante. Por outro lado, essa forma diferente de pensar e processar informações nos mais diversos tipos de linguagens desenvolve habilidades jamais vivenciadas fazendo com que ela seja considerada uma segunda língua.

Para Rodrigues e Morgado (2017), a tecnologia está inserida no cotidiano das pessoas. Caixas eletrônicas, máquinas de lavar roupa e micro-ondas usam recursos digitais e as pessoas da terceira idade, nesse contexto, precisam aprender a utilizar esses aparelhos e compreender seus benefícios.

Para Kachar (2003, p. 52-53), “A geração dos idosos de hoje tem revelado suas dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos até mesmo nas questões mais básicas como os eletrodomésticos, celulares e os caixas eletrônicos instalados nos bancos”.

Dessa maneira, Kenski (2012, p. 44) considera que, além de adquirir a tecnologia, é necessário aprender a utilizá-la e a se relacionar com ela, para que essa tecnologia possa se incorporar “ao nosso universo de conhecimentos e habilidades e fazemos uso dela na medida de nossas possibilidades e necessidades”. Diante disso, os indivíduos de mais idade “estão acostumados à funcionalidade unidirecional das mídias clássicas e por isso, para eles, a inclusão digital é um desafio maior” (LORETO; FERREIRA, 2014, p. 122).

Sales et al. (2014b) constatam, em seu estudo sobre o uso das tecnologias nessa faixa etária, que os idosos ao interagirem com essa tecnologia são capazes de realizar tarefas que fazem parte do seu cotidiano como movimentações bancárias, compras, acessar e-mail e redes sociais, interagir com parentes e amigos independentemente da distância.

Mesmo adquirindo conhecimentos em questões básicas para o domínio das tecnologias, as pessoas da terceira idade podem se tornar mais independentes, sem precisar de outras pessoas para realizar seus interesses pessoais, como, por exemplo, o uso de cartões eletrônicos para transações bancárias (VIEIRA et al., 2016).

Para Sales et al. (2014a, p. 77), “a interação idoso-computador pode contribuir principalmente para o seu bem-estar emocional e psicológico”. Isso pode possibilitar uma melhoria na autoestima e na apropriação dessas novas tecnologias. Relacionado a isso, outras questões podem aparecer como, por exemplo, maior interação com as gerações mais novas ou novos círculos de amizade sem levar em consideração a distância.

Como as tecnologias estão em permanente mudança, a aprendizagem por toda a vida torna-se consequência natural do momento social e tecnológico em que vivemos. Já não há um momento determinado em que qualquer pessoa possa dizer que não há mais o que aprender. Ao contrário, a sensação é a de que

quanto mais se aprende mais há pra estudar, para se atualizar (KENSKI, 2012, p. 41).

Nesta realidade, “temos a aprendizagem que acontece depois que a pessoa deixa a vida profissional – ou diminuem as obrigações familiares – e passa a dedicar parte do seu tempo para ‘fazer as coisas de que gosta’ ou aquelas que não foram realizadas por conta da ‘falta de tempo’” (VALENTE, 2001 apud KACHAR, 2001, p. 31). Dessa forma, Kachar (2003, p. 114) ressalta que “aprender tem uma conotação de encontro e reencontro”.

Sobre isso, estudos de Goulart et al. (2015, p. 971) constataram que os adultos tardios, após adquirirem conhecimentos básicos de informática, “passaram a se sentir mais úteis e ativos socialmente, e que o uso do computador e das ferramentas propiciou-lhes novas e mais reais perspectivas de futuro, além de ter possibilitado maior interatividade social e familiar”.

Entendemos que é fundamental proporcionar aos indivíduos de mais idade experiências de aprendizagem em um ambiente estimulante e que tenha como ênfase a discussão em grupo (RODRIGUES; MORGADO, 2017; VALENTE apud KACHAR, 2001).

As pessoas que estão na terceira idade, apesar de apresentarem dificuldades com o uso das tecnologias, se sentem capazes e satisfeitas ao se comunicarem com familiares e amigos por meio da internet em tempo real. Isso revela que essas pessoas se sentem incluídas pelo simples fato de poder participar da sociedade com valores diferentes dos que foram acostumados (VARELA, 2012; LOLLI; MAIO, 2015).

A utilização de dispositivos táteis, por exemplo, poderá auxiliar as pessoas de mais idade a se integrarem mais facilmente em diferentes contextos, tornando-os, dessa forma, menos infoexcluídos (RODRIGUES; MORGADO, 2017). Para Kachar (2003), o uso desses recursos pelos mais velhos pode melhorar a qualidade de vida em diversos aspectos.

5.2.1 Terceira idade e percepção de habilidades digitais

As experiências vividas pelas pessoas da terceira idade, na cultura digital, trazem a necessidade de um olhar mais atento para a relação destas pessoas com as tecnologias.

A interação com o mundo por meio das tecnologias digitais pode despertar diversos sentimentos, mediante as experiências e percepção das habilidades digitais nessa fase da vida. No imaginário social, a percepção está associada a apreensão, impressão ou intuição, indicando a consciência sobre alguma coisa ou pessoa.

Almeida (2007, p. 48 apud GANDRA, 2012, p. 74) afirma que a “percepção da nossa situação sempre nos é desvelada antes pelos sentimentos do que pelo conhecimento”. Sendo assim, é através das emoções que o indivíduo percebe sua existência.

Para Morin (2011, p. 19-20), “as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos”, ou seja, o conhecimento é sempre uma tradução e uma reconstrução por meio do pensamento.

Neste sentido, Kachar (2003, p. 42) chama a atenção para as alterações nas funções de percepção “mesmo no envelhecimento normal há usualmente uma percepção subjetiva de declínio na habilidade em adquirir e recordar informações”. Isso indica que a percepção envolve também processos mentais relacionados à cognição e à memória que podem influenciar na interpretação da realidade.

Dessa forma, a percepção vai além de atribuir significado a experiências visuais, ou seja, “tais experiências só se configuram como uma percepção se suas condições de satisfação forem atendidas, do contrário, diremos que se trata de uma experiência visual” (ARAÚJO, 2019, p. 85). Sendo assim, cada indivíduo compreende de forma diferente os significados, no decorrer da interação com as tecnologias digitais, de acordo com a forma que este olha para a realidade, a partir das diferentes experiências, não de forma isolada, mas sempre “em relação com outros objetos e estados de coisas no mundo” (ARAÚJO, 2019, p. 157) em que o indivíduo se encontra. A partir desses referenciais, discutiremos na análise dos dados a percepção das pessoas que estão na terceira idade acerca de suas habilidades digitais.

5.2.2 Terceira idade e comunicação

A incorporação das tecnologias digitais trouxe mudanças radicais nos últimos anos. A circulação intensa de informações por diferentes sistemas midiáticos vem alterando a forma de comunicação como um todo. Essa dinâmica, conforme o tipo de tecnologia utilizada, traz consigo uma nova cultura. Segundo Jenkins (2009), essa cultura pode potencializar a capacidade de comunicação e interação social entre os indivíduos.

Dessa forma, o uso das mídias envolve maiores desafios, sobretudo para as pessoas que estão na terceira idade. Lévy (1999, p. 107) afirma que o Ciberespaço¹⁸ “permite a combinação de vários modos de comunicação”. Isso indica que no espaço digital, hoje, é possível, devido à

¹⁸ Ciberespaço é o universo das redes digitais.

multiplicidade de recursos oferecidos pela tecnologia, encontrar vários recursos dentro de um mesmo aparelho, como por exemplo, o smartphone, que a cada dia se reinventa para atender às necessidades do consumidor, permitindo ao indivíduo, além de receber chamadas, a utilização de vários recursos como: vídeo, fotos, sons, figuras, enviar e receber mensagens etc., assim como acessar vários conteúdos por meio da internet.

Sendo assim, esse processo de circulação midiática de conteúdos que rompe os conceitos de tempo e espaço, presença e distância, Jenkins (2009) chama de *cultura da convergência*¹⁹, onde conteúdos de velhas e novas mídias se fundem reconfigurando a relação entre tecnologias e consumidores. Para o autor, “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29-30). Isso indica uma nova relação dos meios de comunicação adaptados à internet. Para o autor, a convergência não se configura apenas pelas transformações tecnológicas, mas, também, pelas transformações culturais e sociais.

Sobre isso,

Mais do que as infraestruturas físicas, o *hardware*, equipamentos tecnológicos que viabilizam o acesso, a necessidade das estruturas de *software*, das pessoas – o conhecimento, o tempo, a dedicação, a motivação – e do desenvolvimento ampliado nesse novo modelo de sociedade fazem a diferença (KENSKI, 2012, p. 36).

Neste contexto de cultura digital, na posição de consumidor e produtor de informação, as pessoas que estão na terceira idade, muitas vezes, não mais se comportam como mero expectador. Elas buscam além da funcionalidade, participar e propagar essas informações veiculadas por diversas mídias. Para Jenkins (2009, p. 46), com relação a interação, os “consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais complexo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores”.

Dessa forma, apesar de alguns indivíduos terem mais habilidades para participar dessa cultura da convergência do que outros, é possível que as habilidades digitais desenvolvidas por essa faixa etária possibilitem diferentes formas de comunicação e interação coletiva, antes separadas pelo tempo e pelo espaço.

¹⁹ Cultura da Convergência - “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29).

5.2.3 Terceira idade e o uso do Smartphone

Na cultura digital, os smartphones, hoje, “vêm alterando significativamente a forma como as pessoas interagem com informações e serviços, que anteriormente só eram acessados por meio de desktops, em casa ou no trabalho” (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 48).

Os celulares mais básicos, nos últimos anos, vêm sendo substituídos no mercado por equipamentos denominados smartphones, que correspondem às diversas funcionalidades de computador com internet e comportam o uso de aplicativos de variados temas como saúde, educação, entretenimento etc. Essa tecnologia tem despertado a atenção da população idosa, que muitas vezes não gosta de depender de terceiros para realizar tarefas do dia a dia.

Neste sentido, surge um novo modelo de pensamento em que o uso dessa tecnologia pode possibilitar às pessoas da terceira idade interagir e desfrutar deste universo à medida que estes adquirirem conhecimentos tecnológicos (GOULART et al., 2013). Isso implica considerar as limitações próprias do envelhecimento, as habilidades e as necessidades.

os dispositivos móveis (Smartphones e Tablets) por possuírem telas Touch Screen, tendem a facilitar a interação, pois todas as informações se encontram na superfície, sensíveis ao toque, sem que haja necessidade de deslocar as mãos e o olhar para o teclado ou mouse; todas as atenções se concentram em um só ponto (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 48).

Para Rodrigues e Morgado (2017), o uso de dispositivos móveis pode facilitar a aprendizagem para as pessoas de mais idade, visto que a interface desses dispositivos, que é baseada no toque, facilita também a aquisição de competências digitais. Segundo estas autoras, em Portugal, uma grande percentagem de pessoas de mais idade possui dispositivos móveis, como telefones, mas apenas o utiliza de forma limitada para receber ou enviar mensagens e/ou chamadas.

Sales et al. (2014b) consideram que é necessária uma aprendizagem contínua dos indivíduos de mais idade, visto que as tecnologias são aperfeiçoadas constantemente “principalmente no que tange ao uso de smartphones por usuários seniores” (SILVEIRA; PARRIÃO; FRAGELLI, 2017, p. 48). Este aparelho demanda certa atenção do indivíduo que vai além da interação com o equipamento, que, por vezes, não se adequam aos interesses e às necessidades desta geração.

A seguir, apresentamos o percurso metodológico desenhado para analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas que estão na terceira idade, para sua inclusão no mundo digital.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

*Um passo à frente
E você não está mais
No mesmo lugar*

(Chico Science, 1996, Um Passeio No Mundo Livre)

A presente seção demonstra o caminho metodológico percorrido para a realização desta pesquisa, fornecendo dados sobre a natureza, os objetivos e os procedimentos usados em seu desenvolvimento.

6.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa consiste em um estudo qualitativo de caráter descritivo tendo como objetivo analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital.

Optamos pela abordagem qualitativa, a qual nos permite compreender e interpretar o fenômeno investigado e sua relação com os indivíduos envolvidos. Nesse sentido, Triviños (2009) destaca que a abordagem qualitativa contribui para o pensamento crítico, uma vez que, orientados por esse enfoque, podemos ter melhor entendimento da realidade social, que parte da necessidade de conhecer essa realidade, permitindo realizar nosso estudo e aprofundar esse entendimento, inclusive de populações específicas.

Dessa forma, entendemos que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Na atualidade, as Ciências Sociais exigem aprofundamento na compreensão da realidade para o entendimento das questões sociais. Para Laville e Dione (1999, p. 43), isso significa “conhecer as motivações, as representações, considerando os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis”. Tal compreensão permite descrever e analisar os fenômenos de uma determinada realidade considerando a participação do sujeito.

Nesta perspectiva, essa pesquisa possui características de um estudo descritivo, em que o foco essencial “reside no desejo de conhecer” e se “exigem do pesquisador uma série de

informações sobre o que se deseja pesquisar” (TRIVIÑOS, 2009, p. 110). Isso demanda do pesquisador conhecer as informações que o orientam no campo de pesquisa, em relação às habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade. Considerando essas habilidades, associadas ao *saber fazer* ao qual está relacionada a forma com que o indivíduo resolve situações problemas em seu cotidiano, este estudo pretende descrever os fatos e o fenômeno dessa realidade.

A partir do nosso problema de pesquisa que visa responder “quais são as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital?”, acreditamos que tal estudo, baseado na pesquisa participante, direcionará as informações necessárias sobre o objeto da pesquisa. Entendemos, assim como Lüdke e André (1986), que essa atitude de pesquisa coloca o pesquisador no meio da cena investigada como participante.

Neste sentido, optamos por realizar uma pesquisa participante que, “em torno dos aspectos teóricos e práticos, (...) apresenta em nosso meio tentativas muito valiosas, frente aos problemas da pesquisa qualitativa e na busca de alternativas metodológicas para a investigação” (TRIVIÑOS, 2009, p. 118).

Esse processo metodológico

permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

Isso estreita a relação entre a teoria e a prática na busca de encontrar os caminhos certos para a pesquisa. Esta aproximação sugere a participação, tanto do pesquisador no contexto social quanto dos atores que estão envolvidos no processo da pesquisa. Dessa maneira, esta abordagem nos permitiu elaborar instrumentos de coleta de dados para a investigação que somente a pesquisa qualitativa ajudaria nesse processo de investigação. Assim, pudemos participar desse processo interpretando o fenômeno e atribuindo-lhe significados.

Para analisar os dados coletados, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo.

A seguir, apresentamos as opções tomadas para alcançar aos objetivos propostos (Quadro 6), que foram sendo construídas para o desenvolvimento dessa pesquisa e que serão melhor detalhadas ao longo desta seção.

Quadro 6 - Classificação da pesquisa

Natureza	Qualitativa
Objetivo	Descritiva
Procedimentos	Pesquisa de Campo/Participante
Instrumentos	Observação de aulas, Questionário e Entrevista
Análise dos Dados	Análise de Conteúdo

Fonte: Elaboração própria (2019).

6.2 Caracterização do campo de pesquisa

Nosso campo de pesquisa corresponde à Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), que se caracteriza por uma ação extensionista da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) localizada na Cidade Universitária. O bairro surgiu no entorno da UFPE, que foi criada em 1946 e seus primeiros edifícios no *campus* foram inaugurados em 1958. Como podemos visualizar, a Cidade Universitária fica localizada a Oeste da região metropolitana do Recife (Figura 4).

Figura 4 - Localização do Bairro Cidade Universitária



Fonte: Figura extraída da Wikipédia.

A Cidade Universitária limita-se com os bairros do Engenho do Meio, Iputinga, Várzea e Curado e integra a 4ª Região Político-Administrativa do Recife (RPA-4), Microrregião 4.3. A Cidade Universitária é composta por uma área territorial de 162 hectares² e uma população

residente de 818 habitantes²⁰. A UnATI, por sua vez, está localizada no prédio do Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) no Campus da Cidade Universitária (Figura 5).

Figura 5 - Imagem do prédio onde funciona a UnATI/UFPE



Fonte: Narrativa fotográfica extraída do site da UnATI/UFPE.

A escolha por essa instituição deve-se ao fato de que ela desenvolve programas de atenção à terceira idade e desenvolve cursos sobre inclusão digital. No que se refere às habilidades digitais, objeto de nosso estudo, a UnATI iniciou em 15 de março, às terças-feira, o curso *Idosos Conectados* desenvolvido com o uso do *smartphone*.

Como campo específico de pesquisa, utilizamos as aulas do curso sobre inclusão digital *Idosos Conectados*, no processo de investigação. Observamos que o espaço físico da sala de aula era considerado pequeno para o quantitativo de estudantes. Apesar das cadeiras estarem disponibilizadas em semicírculo, a sala não possibilitava maior movimentação dos estudantes, professor, auxiliar e pesquisadora. Quanto à infraestrutura, a sala era composta por ar condicionado, cadeiras escolares, mesa com televisão e quadro de avisos.

6.2.1 Universidade Aberta à Terceira Idade

Tendo a França como precursora, na década de 60 foram desenvolvidas ações voltadas ao público idoso, visando ocupar o tempo livre dos aposentados para tirá-los do isolamento. Posteriormente, essas ações foram associadas ao ensino. Criada por Pierre Vellas, em 1973, em Toulouse (FRA), a “Universidade da Terceira Idade” (UTI) foi se disseminando por toda a Europa e, depois, por todo o mundo, adaptando-se a diversos contextos. O modelo francês,

²⁰ Dados disponíveis em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/cidade-universitaria?op=NTI4Mg==>. Acesso em: 6 mar. 2019.

segundo Cachioni (2012, p. 3), foi “fundamentado no sistema universitário tradicional e tomou as características das diversas localizações em todo o mundo”.

Essa iniciativa no Brasil foi creditada ao Núcleo de Estudos à Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1983, servindo de inspiração a outras universidades federais (GOMES, 2014; CACHIONI, 2012).

Percebemos que não há uma padronização sobre a nomenclatura para essas ações desenvolvidas nas instituições com as pessoas da terceira idade, sendo denominadas muitas vezes de Grupo e Núcleo ou expressões como Universidade Aberta ou para Terceira Idade (UnATI), assim como Universidade Sênior e Universidade da Maturidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394 em seu Artigo 43 em que estabelece as finalidades da educação Superior, afirma em seus parágrafos V, VI e VII entre outras atribuições que as universidades devem

suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural (...) integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; promover a extensão, aberta à participação da população (BRASIL, 2017, p. 32-33).

Ciente dessas atribuições, a intenção maior não é a certificação, mas propiciar aos indivíduos mais velhos troca de experiências, sociabilidade e resgate da cidadania (CACHIONI, 2012).

Nesse sentido, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) é vinculada ao Programa do Idoso (PROIDOSO), da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A UnATI funciona no prédio do Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) que, por sua vez, promove ações direcionadas para a promoção das condições de saúde da pessoa idosa. Criada em agosto de 1996, a UnATI foi regulamentada por Portaria Normativa nº 1 de 17/01/2002 – BO/UFPE.

A UnATI, de acordo com o site disponível na página www.ufpe.br/proexc/unati, tem como finalidade a promoção e o incentivo de ações para melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas, mediante a realização de cursos que facilitem a aquisição de novos conhecimentos e integração na sociedade contemporânea. No *campus* da UFPE, a UnATI representa: compromisso com a valorização do idoso; espaço de convivência em grupo; estímulo à participação ativa do idoso; difusão de conhecimentos; e espaço de prática para estudos do envelhecimento em diversas áreas de conhecimento.

A UnATI mobiliza docentes, técnicos, voluntários e estudantes de pós-graduação e graduação para a realização de cursos e atividades dirigidas aos idosos. Com autonomia na elaboração de seus conteúdos programáticos para as atividades formativas, estas são realizadas em regime não-formal no contexto da aprendizagem ao longo da vida, privilegiando os saberes informais e visando o bem-estar das pessoas idosas.

6.3 Participantes da pesquisa

Os participantes escolhidos para este estudo foram as pessoas de mais idade, em especial as que estão na terceira idade, regularmente matriculadas na Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de ambos os gêneros, com idade equivalente ou superior a 60 anos. A escolha por esse público deve-se ao fato de ter aumentado consideravelmente a busca deste público pela sua inclusão na cultura digital.

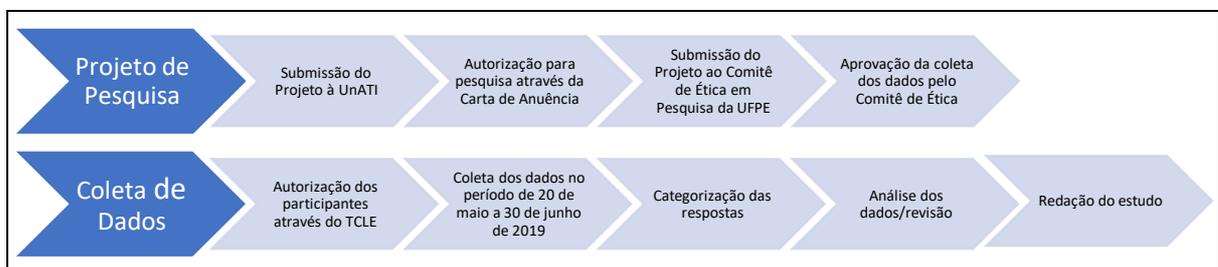
A amostragem envolveu uma turma do curso, no turno da tarde, com 11 estudantes. Um desses estudantes nunca compareceu ao curso. No início da pesquisa, todos os participantes foram informados sobre os objetivos pretendidos com o estudo e a metodologia a ser utilizada.

Participaram da pesquisa 10 estudantes. O perfil dos participantes para desenvolvimento da pesquisa será apresentado na próxima seção.

6.4 Procedimentos da pesquisa

Os procedimentos da pesquisa foram organizados e desenvolvidos em duas etapas distintas: projeto de pesquisa e coleta dos dados (Figura 6).

Figura 6 - Procedimentos da Pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2019).

A primeira etapa objetivou a aprovação do projeto para realização da pesquisa. Nesta etapa, após a autorização da Universidade Aberta à Terceira Idade – UFPE, através da Carta de

Anuência (Apêndice 1), foi realizado o cadastro da pesquisa na *Plataforma Brasil*²¹ e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da CCS/UFPE para autorização da coleta dos dados, por envolver seres humanos. Após a autorização do CEP sob parecer nº. 3.334.657, iniciamos a segunda etapa em que, a partir da autorização dos estudantes através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 2), foi possível iniciar a pesquisa. Esta etapa contou com o auxílio dos instrumentos de coletas de dados que apresentaremos em seguida.

6.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Para compreendermos melhor nosso objeto de estudo, que são as habilidades digitais, na pesquisa de campo utilizamos instrumentos para coletar as informações adotando procedimentos decisivos para essa compreensão. Segundo Triviños (2009, p. 137), tais instrumentos “são vitais na pesquisa qualitativa (...) pela implicância nelas do investigador”. Para essa compreensão, após a autorização no Comitê de Ética em Pesquisa, utilizamos com os participantes da pesquisa os seguintes instrumentos para coleta dos dados: observação de aulas, questionário e entrevista.

Na Qualificação, a banca examinadora sugeriu que além da observação de aula, poderíamos aplicar apenas um instrumento de coleta de dados, focando nossas atenções nas entrevistas. No entanto, optamos por manter os dois instrumentos, que têm características peculiares para realização da coleta de dados, visto que consideramos a possibilidade de que alguns estudantes não demonstrassem interesse em participar da entrevista.

Os examinadores consideraram também a necessidade de elaborarmos duas questões que fizessem referência às atitudes das pessoas da terceira idade frente ao uso das tecnologias.

6.5.1 Observação de aula

No que se refere às observações das aulas, Triviños (2009, p. 122) salienta “a necessidade de observar os sujeitos não em situações isoladas, artificiais, senão na perspectiva

²¹ Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep. O sistema permite, ainda, a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando ainda à sociedade o acesso aos dados. <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf;jsessionid=134610B39BCE6066188F23BEA143367D.server-plataformabrasil-srvjpdf130>. Acesso em: 21 fev. 2019.

de um contexto social, coloca ênfase na ideia dos significados latentes do comportamento do homem”. Observamos pontos específicos com relação às reflexões acerca das habilidades digitais e inclusão digital. A observação que se processou durante o período entre maio e junho nos permitiu ter uma visão dos elementos possíveis para descrever e analisar as habilidades digitais desenvolvidas na sala de aula. Neste sentido, iniciamos nossa observação registrando no *diário de campo* as discussões e fotografando as ações ocorridas no decorrer das aulas entre o professor e os estudantes. Nosso olhar voltou-se, de modo especial, para as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade com o uso do smartphone.

6.5.2 Questionário

Aplicamos também um questionário semiestruturado, através do qual buscamos responder aos objetivos da pesquisa, identificando os elementos presentes em nosso estudo (TRIVIÑOS, 2009; GRAY, 2012). Dessa forma,

o interrogado acha simplesmente um espaço para emitir sua opinião. Tem assim a ocasião para exprimir seu pensamento pessoal, traduzi-lo com suas próprias palavras, conforme seu próprio sistema de referências. Tal instrumento mostra-se particularmente precioso quando o leque das respostas possíveis é amplo ou então imprevisível (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 186).

O questionário se constituiu por questões fechadas, abertas e de múltiplas escolhas, perguntas claras e objetivas sobre o tema abordado. Utilizamos o questionário pelo uso do *Formulário Eletrônico GDocs*²², por ser uma ferramenta online. No entanto, optamos também pela utilização do mesmo questionário de forma impressa (Apêndice 3), para aquelas e aqueles participantes da terceira idade que assim o preferissem. O questionário foi utilizado para obter informações referentes a dois blocos: caracterização do perfil das pessoas da terceira idade, e habilidades digitais acerca do uso de smartphone na terceira idade.

Os questionários impressos foram aplicados aos participantes da pesquisa na UnATI nos dias 28 de maio e 11 de junho de 2019, obedecendo à disponibilidade de cada um.

²² Formulário Eletrônico GDocs é um pacote de aplicativo do Google. Funciona on-line diretamente no browser. Os aplicativos são compatíveis com o OpenOffice.org/BrOffice.org, KOffice e Microsoft Office, e atualmente compõe-se de um processador de texto, um editor de apresentações, um editor de planilhas e um editor de formulários. Alguns dos recursos mais peculiares são: a portabilidade de documentos, que permite a edição do mesmo documento por mais de um usuário, e o recurso de publicação direta em blog. Os aplicativos permitem a compilação em PDF. https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Docs. Acesso em: 19 out. 2018.

Tabela 3 - Tipo de questionários aplicados aos participantes da pesquisa

Participantes	Questionários online	Questionários impressos
Terceira Idade	0	10

Fonte: Elaboração própria (2019).

6.5.3 Entrevista

Entendemos, assim como Triviños (2009, p. 137), que a entrevista “pode ser um meio pelo qual precisamos para obter as certezas que nos permitem avançar em nossas investigações”.

Sendo assim, optamos pela entrevista semiestruturada, a qual Laville e Dionne (1999, p. 188) definem como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. Dessa forma, utilizamos entrevista semiestruturada, em que estabelecemos um roteiro prévio para coleta de dados tendo por finalidade dar voz aos participantes da pesquisa. O roteiro da entrevista (Apêndice 4) foi o mesmo para todos os estudantes. Essas entrevistas foram presenciais e contêm questionamentos básicos, apoiados na teoria estudada (TRIVIÑOS, 2009) em que

O entrevistador tem uma lista de questões e perguntas a ser coberta, mas pode não usar todas em cada entrevista. A ordem das perguntas também pode mudar, dependendo da direção que a entrevista tomar. Na verdade podem ser feitas perguntas adicionais, inclusive algumas que não tenham sido previstas no início da entrevista, à medida que surgem novas questões (GRAY, 2012, p. 302).

Seguindo essa linha de pensamento, o informante começa a participar da pesquisa. Realizamos as entrevistas utilizando um gravador de voz, por meio do aparelho celular, como recurso para gravar as entrevistas realizadas com os participantes. As perguntas norteadoras da entrevista buscaram, além de verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital, refletir sobre as possibilidades e os desafios que as pessoas da terceira idade apresentam sobre as habilidades digitais desenvolvidas para o uso das tecnologias, em especial o uso do smartphone.

As entrevistas foram realizadas com as pessoas que estão na terceira idade (Tabela 4), no período entre 20 de maio e 18 de junho. A ordem das entrevistas foi de acordo com a vontade e disponibilidade de cada participante. Observamos na Tabela 4 que, dos 10 participantes que estão na terceira idade, apenas 7 se disponibilizaram a participar da entrevista.

Tabela 4 - Quantitativo de entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa

Instrumento	Participantes	Entrevistados
Entrevista	10	7

Fonte: Elaboração própria (2019).

Os procedimentos apresentados anteriormente se desenvolveram a partir dos instrumentos de coleta de dados para alcance dos objetivos específicos propostos (Quadro 7).

Quadro 7 - Procedimentos e instrumentos de coleta de dados dos objetivos específicos

Objetivos específicos	Procedimento	Instrumento de coleta
Verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital	Aplicar questionário <i>online</i> ou impresso	Questionário com as pessoas da terceira idade
	Realizar a entrevista oral e presencial	Entrevista com as pessoas da terceira idade
Identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital	Registrar, fotografar e anotar as observações no diário de campo	Observação de aulas
Relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital	Relacionar os dados obtidos no questionário e na entrevista (objetivo I) com tudo o que foi fotografado e anotado nas observações (objetivo II)	Observação de aulas

Fonte: Elaboração própria (2019).

Buscamos, como estratégia, realizar os questionários e as entrevistas na UnATI, no final da aula ou no intervalo disponibilizado pela professora de acordo com os critérios éticos, riscos e benefícios considerados nesta pesquisa.

6.6 Aspectos éticos, riscos e benefícios da pesquisa

A realização da pesquisa obedeceu aos preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) CCS/UFPE e iniciada após a sua aprovação.

Como critérios de participação da pesquisa, definimos: ter idade equivalente ou superior a 60 anos e frequentar regularmente as aulas no curso sobre inclusão digital na UnATI. Não ter disponibilidade para responder ao questionário e a entrevista foi o critério de exclusão. Aos estudantes do curso esclarecemos a proposta de pesquisa após a autorização dessas pessoas em participarem da pesquisa. A autorização concedida foi registrada em documento institucional contemplando os objetivos e os procedimentos que pretendíamos utilizar para coleta de dados, assim como os riscos e benefícios em participar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de pesquisa, que foi constituído em duas cópias, sendo uma entregue ao participante da pesquisa.

Todos os dados coletados nesta pesquisa (entrevistas, fotos e anotações) são confidenciais e estão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço residencial²³, e-mail: mmelasilva@gmail.com, pelo período de no mínimo 5 anos.

Em caso de interferência na vida cotidiana dos participantes e receio ao interagir com estranhos, minimizamos esses riscos, limitando as observações específicas para a pesquisa. Com relação às imagens (foto, vídeo) no decorrer das observações das aulas, foram realizadas de forma individual e coletiva, assegurando a não-estigmatização das imagens e garantindo a não-utilização dessas imagens em prejuízo dos participantes.

Com relação ao questionário, em caso de cansaço ou aborrecimento do participante ao responder as questões, minimizamos esse risco prestando atenção aos sinais de cansaço ou aborrecimento durante a pesquisa.

Já nas entrevistas, em caso de constrangimento para a pessoa idosa em participar da pesquisa, minimizamos esse risco realizando a coleta de dados de forma individual, respeitando o tempo, a forma e a fala do participante. No caso de riscos com relação à identificação do nome ou informações do participante, optamos por não coletar o nome e o contato do participante.

Como benefício, consideramos que o voluntário ao participar da pesquisa ajudou aqueles que pretendem desenvolver habilidades digitais com o uso das tecnologias com as pessoas que estão na terceira idade.

²³ O endereço residencial foi suprimido nesse texto pela pesquisadora.

6.7 Instrumentos e procedimentos de análise dos dados

Através dos instrumentos de pesquisa, citados anteriormente, iniciamos o processo de tratamento dos dados coletados para análise a partir das recomendações da técnica da Análise de Conteúdo (AC), organizado em três polos cronológicos: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados. Para a análise dos dados optamos por adotar a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011). Para essa autora, a AC corresponde a

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Para Moraes (1999, p. 2), a AC "constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos".

Em relação aos procedimentos para análise dos dados, optamos por este processo sugerido por Moraes (1999) que pode ser dividido em cinco fases: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização; 3) Categorização; 4) Descrição; 5) Interpretação.

Nossa opção pela técnica de AC foi pelo fato de considerar não apenas as unidades de registros, mas as unidades de contexto, ou seja, considerar as condições contextuais de seus participantes para compreender além de seus significados.

Nesta pesquisa, a análise dos dados procurou responder, na perspectiva da AC especificamente, os seguintes objetivos: verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital; identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital; e relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital.

6.7.1 Preparação e tratamento das informações

A preparação do *corpus* dos dados apresenta “uma importância não negligenciável no conjunto do processo, pois se não podem, por si sós assegurar a qualidade das análises e interpretações, correm, no entanto, o risco de obstaculizarem, quando realizadas sem o necessário cuidado” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 199).

Após a coleta dos dados referentes à pesquisa que objetiva analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital, iniciamos o processo de preparação das informações para a análise, identificando a amostra a ser analisada. Diante disso, foi necessária uma leitura exaustiva de todo material para identificar as diferentes informações que não são percebidas por meio da leitura flutuante e quais delas estão de acordo com os objetivos da pesquisa.

A primeira etapa com relação aos dados foi a observação de aulas, que nos permitiu considerar que a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Com relação aos questionários, após a coleta dos dados transferimos todas as respostas para o *Formulário Eletrônico GDocs*, gerando o arquivo com as informações transportadas e organizadas por gráficos que representavam as respostas fechadas. Quanto às perguntas abertas, criamos um arquivo no *Word* relacionado às perguntas com as respostas de cada participante.

Quanto às entrevistas gravadas, elas foram transcritas, sendo ouvidas, digitadas e codificadas identificando os estudantes que estão na terceira idade por códigos constituídos de letras (TI, que corresponde à Terceira Idade) e números (que corresponde à ordem das respostas), por exemplo, Participante 1, TI1 e assim consecutivamente (TI2, TI3..., TI7), e então, analisadas. O processo de codificação estabelecido nos possibilitou identificar rapidamente cada elemento da amostra. Após a preparação dos dados (Quadro 8), iniciamos a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades de análise.

Quadro 8 - Instrumentos, procedimentos e tratamento dos dados

Instrumentos	Procedimentos	Tratamentos
Observação de aulas	Registramos, fotografamos e anotamos as observações no diário de campo	Os dados foram protocolados no diário de campo
Questionário semiestruturado	Aplicamos o questionário impresso	Transferimos as respostas fechadas para o <i>Formulário Gdocs</i> e as abertas para um arquivo no <i>Word</i> relacionado às perguntas com as respostas de cada participante
Entrevista semiestruturada	Realizamos a entrevista oral e presencial	As entrevistas gravadas foram transcritas, sendo ouvidas, digitadas e codificadas.
		Os estudantes foram identificados por letras e números TI (TI1, TI2, TI3..., TI7)
		Os conteúdos foram transformados em unidade de análise, categorizados e interpretados

Fonte: Elaboração própria (2019).

Para Moraes (1999, p. 5), “o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação”, é denominada também de *unidade de significado*. Essas unidades definidas pela pesquisadora (palavras, frases, temas) possibilitaram as diferentes mensagens serem divididas em elementos menores, e, em seguida, a classificação.

6.8 Categorias de análises

Para facilitar a análise das informações, iniciamos o processo de categorização/classificação das unidades em categorias, agrupando as partes comuns existentes entre os dados, de forma a destacar nesse processo os aspectos mais importantes da pesquisa. Para tanto, as categorias definidas *a priori* pela pesquisadora foram confirmadas e agrupadas conforme Moraes (1999) e apresentam subcategorias que foram definidas *a posteriori*. Dessa forma, foi possível expressar os significados captados nas mensagens analisadas.

Os procedimentos e tratamentos dos dados apresentados anteriormente se desenvolveram para análise dos dados conforme as categorias *a priori* relacionadas aos objetivos específicos e as subcategorias *a posteriori* que foram emergindo durante a execução da pesquisa. Embora não fosse nosso objetivo verificar a percepção de inclusão digital, incluímos no roteiro das entrevistas para refletir sobre a perspectiva de inclusão digital e discutir sobre habilidades digitais e essa inclusão.

Dessa forma, ficamos com 4 categorias e 5 subcategorias (Quadro 9) que emergiram das respostas das entrevistas. Essas categorias foram definidas para responder aos objetivos específicos.

Quadro 9 - Categorias e subcategorias

Objetivos específicos	Instrumentos	Categorias	Subcategorias
Verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital	Questionário com as pessoas da terceira idade Entrevista com as pessoas da terceira idade	Saber fazer	Aprendizagem Interação social/Comunicação
		Pertencimento	Sentimento positivo
Identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital	Observação de aula	Técnicas digitais	Comandos básicos do smartphone
			Uso da internet por meio do smartphone

Relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital	Observação de aula	Interesses	
--	--------------------	------------	--

Fonte: Elaboração própria (2019).

Ressaltamos ainda que, no momento da qualificação deste estudo, a banca sugeriu suprimir a utilização do *software* de análise qualitativa Atlas TI²⁴, que tinha como finalidade auxiliar na análise dos dados, pois argumentou não ser necessário utilizá-lo nessa abordagem metodológica.

Cumprida estas etapas, passamos a discutir, a seguir, a análise dos dados e os resultados, buscando sempre relacioná-los com o fenômeno descrito e seu contexto.

²⁴ O Atlas TI é uma ferramenta versátil para a análise de dados em larga escala. Sua plataforma permite agregar arquivos PDF, imagens de diversas extensões, áudios e vídeos, além de documentos em Word e outros aplicativos. Disponível em: <http://www.software.com.br/p/atlas-ti-7>. Acesso em: 17 ago. 2019.

7 ANÁLISE DOS DADOS

*Não é de fora que a nave vem
É de dentro do peito que a nave sai
É de dentro da gente que a nau inaudita
Habita, repousa, amor e hidrogênio*

(Zé Ramalho, 2007, A Nave Interior)

Nesta seção, analisaremos os dados. Em seguida, interpretaremos os dados obtidos procurando fazer inferências, compreender e dar um significado mais amplo às respostas, vinculando essa análise ao objetivo da pesquisa.

7.1 Resultados e discussões

A partir dos dados levantados na pesquisa através dos instrumentos de investigação, emergiram respostas dos 10 participantes da pesquisa que estão na terceira idade no curso sobre inclusão digital na UnATI/UFPE. Considerando que os instrumentos de coleta dos dados foram aplicados de forma diversificada, na análise dos dados são apresentados seguindo a ordem dos objetivos específicos.

Iniciamos nossa análise num primeiro momento com os resultados e as discussões dos dados dos questionários dos 10 participantes, que obtiveram informações referentes à caracterização do perfil da amostra, para tecermos nossas primeiras reflexões. Em seguida, buscamos aprofundar essas reflexões com o segundo bloco do questionário, referente às habilidades digitais acerca do uso do smartphone e as entrevistas realizadas com os 7 participantes a partir da análise de conteúdo, buscando verificar a percepção das pessoas da terceira idade em relação às habilidades digitais.

Os relatos das observações registradas no diário de campo são tratados no decorrer da seção quando necessárias refletindo sobre os pontos específicos com relação às habilidades digitais desenvolvidas no curso e suas relações com a inclusão digital.

Nesta pesquisa, buscamos delinear as percepções de habilidades digitais contidas nas falas dos participantes e as habilidades digitais desenvolvidas no curso buscando relações com as categorias e o referencial teórico.

Assim, optamos por dividir essa análise da seguinte forma:

- Perfil da amostra e uso das tecnologias pela terceira idade;
- Percepção de habilidades digitais pelas pessoas da terceira idade;

- Habilidades digitais desenvolvidas no curso pelas pessoas da terceira idade;
- Relações acerca da percepção e das habilidades digitais desenvolvidas para inserção na cultura digital.

7.1.1 Perfil da amostra e uso das tecnologias por pessoas da terceira idade

Este início da análise dos dados correspondeu ao objetivo específico I da pesquisa: verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital. Os dados apresentados e analisados a seguir foram coletados pela pesquisadora através de um questionário semiestruturado.

Para isso, após esclarecer sobre os procedimentos para coleta dos dados, apresentamos e disponibilizamos para os participantes o questionário semiestruturado pelo uso do *Formulário Eletrônico GDocs* e o mesmo questionário, de forma impressa, como já foi descrito anteriormente. No entanto, todos os participantes da pesquisa optaram pelo questionário impresso.

Responderam ao questionário semiestruturado 10 participantes que estão na terceira idade: 9 do gênero feminino e 1 do masculino. Dos 10 participantes da pesquisa podemos perceber predominância do público feminino, de modo que a maioria dos respondentes da pesquisa são mulheres. A amostra foi distribuída nas seguintes faixas etária (Tabela 5).

Tabela 5 - Faixa etária dos participantes da pesquisa

60 anos	Mais de 60 anos	Mais de 70 anos	Mais de 80 anos
0	5	4	1

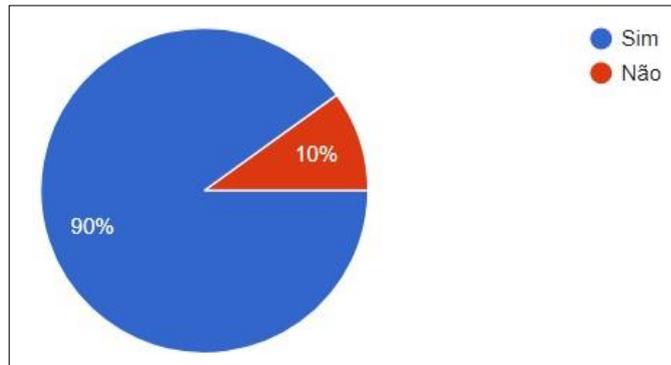
Fonte: Elaboração própria (2019).

Observamos na tabela 5 que a faixa etária da maioria dos respondentes concentra-se entre 60 e 80 anos de idade e 10% têm idade maior que 80 anos. Isso indica que o indivíduo de qualquer geração e faixa etária demonstra interesse em se conectar ao mundo virtual.

No que se refere à formação acadêmica, dos 10 participantes da pesquisa, 1 concluiu o Ensino Fundamental, 6 participantes concluíram o Ensino Médio, 2 participantes concluíram o Ensino Superior e apenas 1 participante fez pós-graduação. Chama nossa atenção o fato das pessoas da terceira idade, em sua maioria, terem formação concentrada no Ensino Médio (60%) e apenas 10% terem concluído uma Pós-graduação. Esses dados sugerem que, independente do grau de instrução, essas pessoas procuram se utilizar da tecnologia.

Solicitamos aos participantes que, ao responderem sobre sua atual situação profissional (Gráfico 1), especificassem qual profissão exercem ou exerciam.

Gráfico 1 - Situação profissional dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2019).

Observamos no Gráfico 1 que apenas 10% dos participantes ainda exercem atividade profissional no mercado de trabalho, como *motorista*. Com relação a “Qual profissão você exerceu?”, apenas 6 participantes responderam: *motorista, autônomo, secretária do lar, comerciária, do lar e professora*. Observamos que os participantes, em sua maioria, não exercem ou exerciam atividades relacionadas ao uso das tecnologias.

Entre os entrevistados, constatamos que 90% deles são aposentados, sendo que uma aposentada afirmou ser *pensionista* e estar trabalhando como *costureira*. Esses dados corroboram com Debert (1999), no sentido de que a aposentadoria considerada como descanso pode tornar-se um período de atividade produtiva e de lazer.

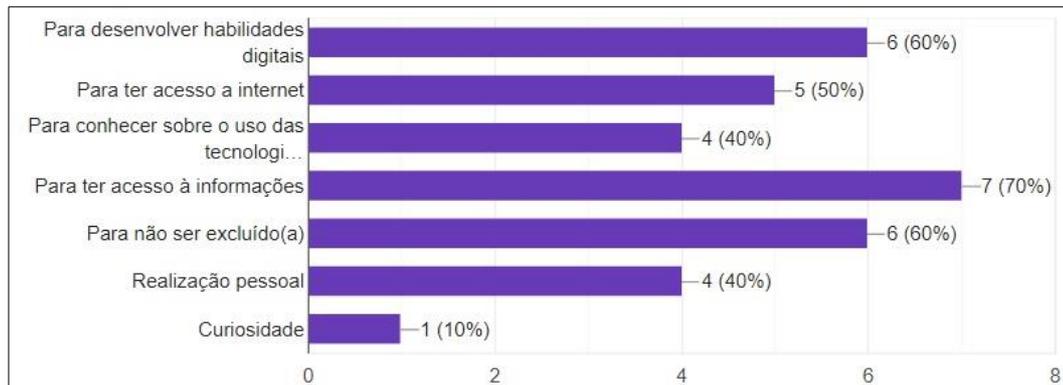
Com relação ao estado civil, dos 10 participantes da pesquisa, 1 é solteiro, 5 são casados, 4 são viúvos e nenhum é divorciado. Constatamos que o estado civil, muitas vezes, não afeta o tempo dedicado às atividades relacionadas às tecnologias.

Questionados sobre a renda mensal, observamos que a renda desses participantes se concentra na faixa de dois salários mínimos por mês. Podemos inferir que a situação financeira dos participantes está relacionada com os baixos benefícios previdenciários. Muitas vezes, esse baixo poder aquisitivo dificulta a melhoria da qualidade de vida, que é fundamental para promover a inclusão social.

Os resultados relacionados ao perfil dos entrevistados indicam que o curso sobre inclusão digital na UnATI/UFPE é frequentado principalmente por mulheres, aposentadas, com baixo poder aquisitivo, com nível médio de escolaridade e, em sua maioria, casadas, embora algumas tenham relatado que estão viúvas.

Antes de discutirmos sobre as habilidades digitais, vamos refletir sobre o uso da tecnologia entre as pessoas que estão na terceira idade, revelados nas respostas do segundo bloco do questionário. Com relação ao smartphone, quando perguntados “Por que você escolheu fazer um curso sobre o uso do smartphone?”, elas responderam (Gráfico 2) da seguinte maneira, podendo escolher mais de uma opção.

Gráfico 2 - Por que fazer um curso sobre o uso de smartphone?



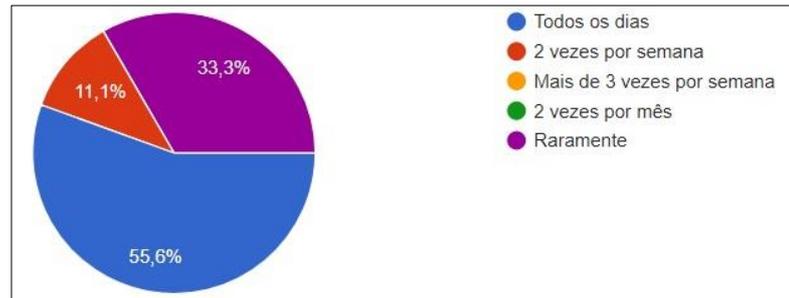
Fonte: Elaboração própria (2019).

Observamos no Gráfico 2 que *para ter acesso a informações* se destaca por 70% das opções assinaladas. Percebemos que a maioria dos respondentes procura curso sobre o uso de smartphone para ter acesso às informações. Outros dados que nos chamam atenção nesta questão, são as respostas: *para desenvolver habilidades digitais* e *para não ser excluído(a)*, que configuram 60% das opções assinaladas. Esses dados evidenciam que as pessoas que estão na terceira idade acreditam que o curso pode possibilitar sua inclusão no mundo digital. Este resultado coincide com o que dizem Warschauer (2006), Cazeloto (2008), Goulart et al. (2013) e Sales et al. (2014b), no que se refere ao desafio de expandir o acesso e o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação para promover a inclusão social.

Sobre a frequência de acesso à internet, 70% dos participantes responderam que a utilizam. Dos 10 respondentes, 7 afirmaram utilizar a internet e 3 afirmaram que não a utilizam. No entanto, um dado curioso é observado: quando perguntados sobre “Com que frequência você acessa a internet?” (Gráfico 3), marcando apenas uma opção, dentre os 3 que não acessam, 2 participantes responderam acessar *raramente*. Isso indica que, a partir das reflexões de Castells (2006) sobre essa nova forma de buscar informações, é possível afirmar que, mesmo não utilizando a internet, há o desejo de se conectar, na vida das pessoas que estão na terceira idade. Nessa discussão, concordamos com Kachar (2003), no sentido de que a geração adulta

anterior à disseminação da internet não consegue acolher tranquilamente os benefícios dessas evoluções.

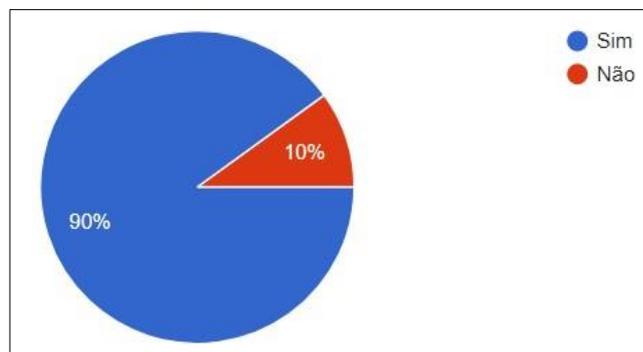
Gráfico 3 - Frequência de acesso a internet



Fonte: Elaboração própria (2019).

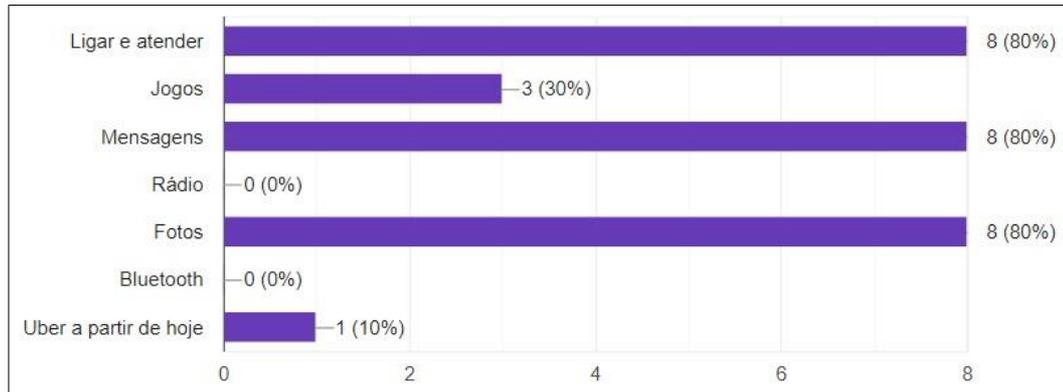
Na questão sobre a utilização do smartphone (Gráfico 4), quando questionados sobre “Você utiliza o smartphone?”, 90% dos participantes afirmaram utilizar esse dispositivo e 10% informaram não o utilizar. Considerando os resultados, percebemos que os participantes buscam utilizar as interfaces da tecnologia digital, seja para comunicação, interação e/ou entretenimento. Isso pode revelar que, para as pessoas que estão na terceira idade, utilizar o smartphone pode significar estar incluído no contexto da cultura digital, sintonizando com o que ressalta Lemos (2009), no que se refere à cultura do telefone celular e das redes sociais, e com o que ressalta Kenski (2012), quanto à influência cada vez mais forte dessas tecnologias digitais no cotidiano das pessoas.

Gráfico 4 - Utilização do smartphone



Fonte: Elaboração própria (2019).

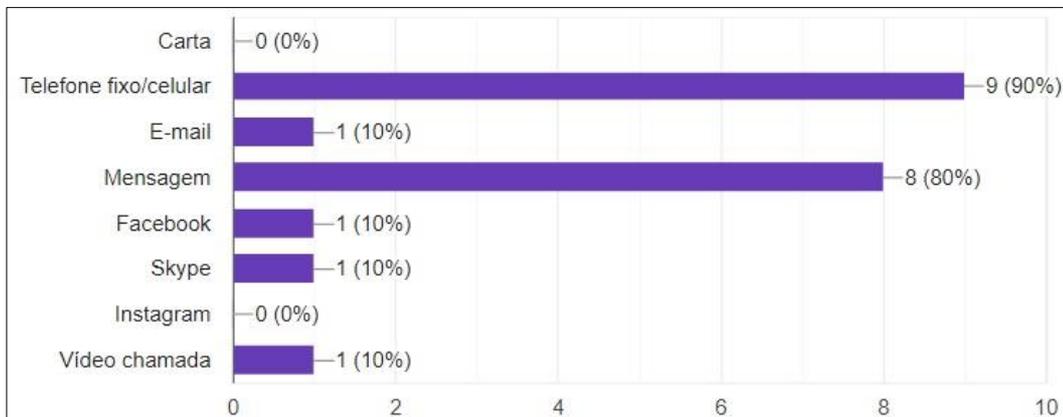
Dessa forma, na próxima pergunta, buscamos identificar “Quais recursos do smartphone você utiliza?”. Escolhendo mais de uma opção, eles responderam (Gráfico 5):

Gráfico 5 - Recursos utilizados no smartphone

Fonte: Elaboração própria (2019).

Observamos que, entre os recursos mais utilizados no smartphone pelas pessoas que estão na terceira idade, estão: *ligar e atender*, *mensagens* e *fotos* 80%; *jogos* 30%. *Rádio* e *bluetooth* não foram assinalados, como podemos ver no gráfico acima. Um dado que nos chama a atenção é o que se refere ao item *outros*. Apenas um respondente acrescentou no item o aplicativo de transporte *Uber*, como um recurso utilizado no smartphone. Consideramos que essa menção ao uso do aplicativo indica a prática de cultura digital discutida por Lemos (2009) e a importância dessa tecnologia para melhoria da qualidade de vida da população, em diversos aspectos, como afirma Kachar (2003).

Quando perguntados sobre “Como você normalmente se comunica com seus familiares/amigos?”, podendo escolher mais de uma opção, observamos que duas opções se destacaram: *telefone fixo/celular* 90% e *mensagem* 80%, além de *e-mail*, *facebook* e *skype* 10%. A *vídeo chamada* foi acrescentada em *outros* por um participante (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Comunicação com familiares/amigos

Fonte: Elaboração própria (2019).

Essas respostas permitem observar, de maneira geral, o índice de utilização desses recursos pelos participantes da pesquisa, mais especificamente no que se refere à comunicação. Interessante observarmos que as opções *carta* e *instagram* não aparecem como opções de comunicação. Dessa forma, a partir da análise de Castells (2006) sobre a sociedade da informação e comunicação, é possível afirmar que as pessoas que estão na terceira idade estão construindo uma realidade a partir de seus interesses e de seus domínios, pois dominam a maneira de se expressar através da fala, no telefone/celular, e da escrita, nas mensagens de textos. Por outro lado, com relação à opção *carta*, no decorrer das observações registradas no diário de campo e nas fotografadas durante as aulas, percebemos que algumas pessoas da terceira idade não se desvinculam do mundo do papel. Isso indica que algumas pessoas da terceira idade veem com reserva as novas linguagens/suportes, pois elas podem não estar familiarizadas e/ou habituadas com essas tecnologias (Figura 7).

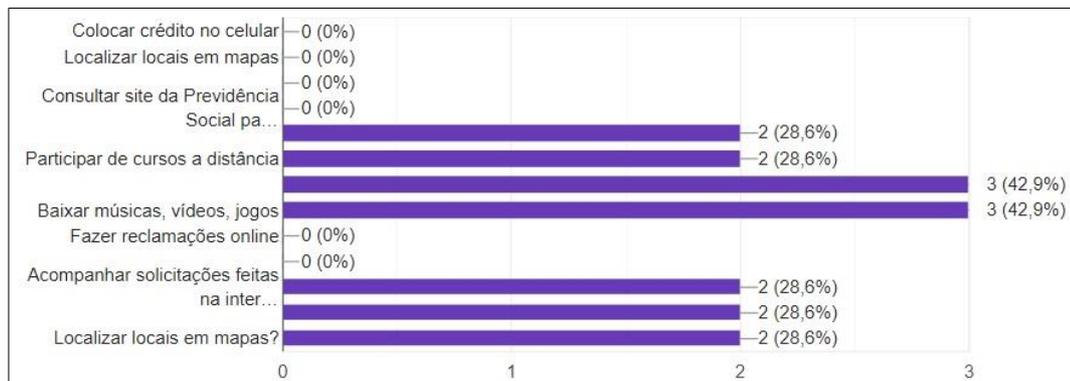
Figura 7 - Participantes da pesquisa usando as tecnologias



Fonte: Narrativa fotográfica própria (2019).

Outro aspecto bastante interessante observado no gráfico anterior é o fato dos respondentes não terem elencado o *instagram* como meio de comunicação. Podemos pensar que essas pessoas estão dissociadas dos termos associados a essa rede social, pelas possíveis dificuldades de criar fotos e vídeos, armazenar os arquivos e, depois, resgatá-los para publicação entre os usuários desta rede específica.

Quando analisada a questão “Que serviços você costuma realizar, utilizando a internet no smartphone?”, podendo escolher mais de uma opção, verificamos que 42,9% dos participantes utilizam serviços relacionados ao entretenimento e 28,6% deles utilizam serviços relacionados à aprendizagem e informação. Outros serviços não foram escolhidos (Gráfico 7).

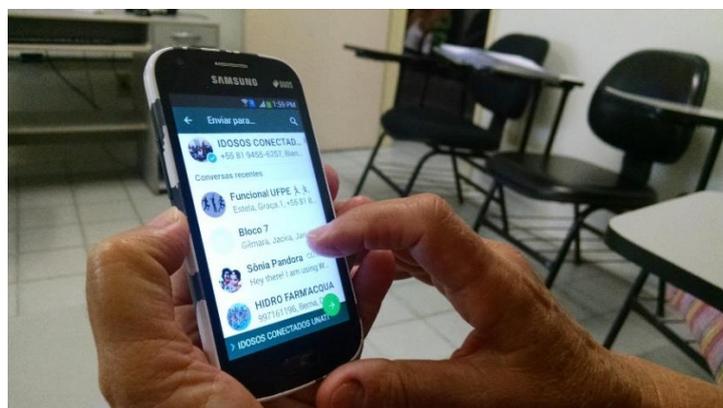
Gráfico 7 - Serviços utilizando a internet no smartphone

Fonte: Elaboração própria (2019).

Dessa forma, essa predileção evidencia a necessidade de utilizar telefones mais equipados, principalmente com funções mais específicas ligadas às necessidades de lazer e de entretenimento, próprias da cultura digital. Isso pode sugerir também que as pessoas da terceira idade utilizam esses serviços como um meio para promover satisfação pessoal.

Quando perguntados se “Você acredita que esses serviços na internet podem ajudar em seu cotidiano?”, e, em caso positivo, solicitamos que indicassem em que eles podem ajudar. De acordo com o resultado, 100% dos respondentes acreditam que sim.

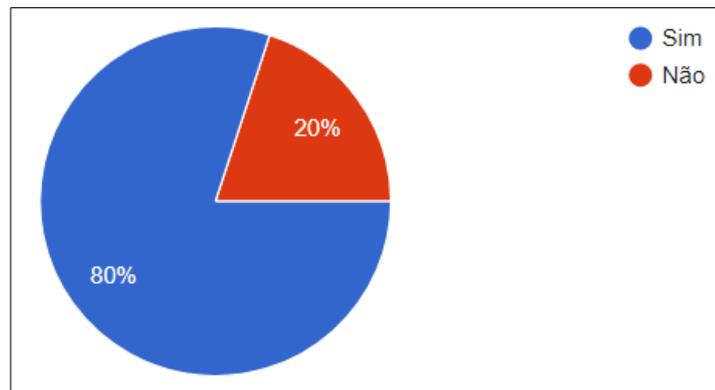
Quanto à indicação, obtivemos os seguintes resultados de apenas 3 dos 10 respondentes: *Atualização, Praticidade e Para consulta médica...* Isso indica que os participantes reconhecem a importância desses serviços em sua vida cotidiana, mesmo que os serviços mais utilizados estejam relacionados ao entretenimento. Podemos pensar que esses serviços, apesar de não serem utilizados pela maioria dos participantes, para alguns, além de se manterem atualizados, estão sendo utilizados em benefício próprio.

Figura 8 - Uso de rede social pelo participante da pesquisa

Fonte: Narrativa fotográfica própria (2019).

Sobre as redes sociais, perguntamos aos participantes “Você utiliza redes sociais?” (Gráfico 8), e, em caso positivo, solicitamos que eles indicassem quais redes sociais utilizam, podendo marcar mais de uma opção. Os resultados mostram que 80% dos respondentes utilizam redes sociais e apenas 20% não as utilizam.

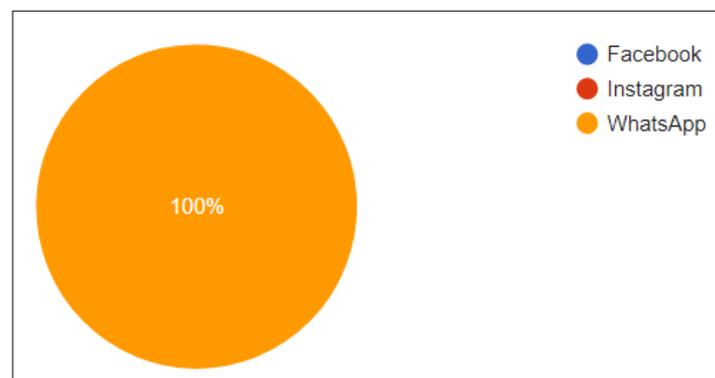
Gráfico 8 - Utilização das redes sociais



Fonte: Elaboração própria (2019).

Considerando os dados dessa primeira parte da questão, podemos perceber que as pessoas que estão na terceira idade, possivelmente, levam uma vida mais independente, com o auxílio da tecnologia, ao utilizarem vários recursos do smartphone, pois isso favorece a interação delas, por meio das redes sociais. No que se refere às redes sociais mais utilizadas (Gráfico 9), 100% dos que utilizam as redes sociais afirmaram utilizar o *WhatsApp* como primeira opção. Os dados, do conjunto da questão, revelam que os respondentes estão inseridos no contexto das redes sociais. No entanto, observamos que estes dados contrariam as respostas do Gráfico 2, visto que estas redes estão diretamente relacionadas com o uso da internet, e com as respostas do Gráfico 8 no que se refere ao uso de redes sociais.

Gráfico 9 - Redes sociais mais utilizadas

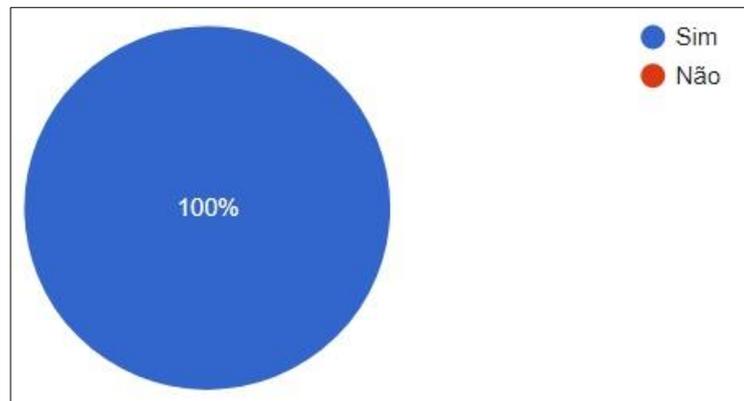


Fonte: Elaboração própria (2019).

Na observação das aulas, podemos destacar que o uso de aplicativos para troca de mensagens, vídeos, fotos etc., evidencia o interesse para troca de conversas, confirmando, segundo Kachar (2003), a necessidade de inserir-se na dinâmica atual, conectados ao mundo moderno.

Os participantes foram perguntados sobre “Você encontra dificuldade em utilizar o smartphone?”, e, “Se sim, quais as dificuldades que você considera mais relevantes?”, podendo marcar mais de uma opção. O primeiro dado da questão mostra (Gráfico 10) que 100% dos participantes responderam que sim, evidenciando que essa tecnologia ainda precisa ser compreendida e assimilada pelas pessoas da terceira idade, demonstrando que, de certa forma, elas ainda não estão completamente incluídas digitalmente.

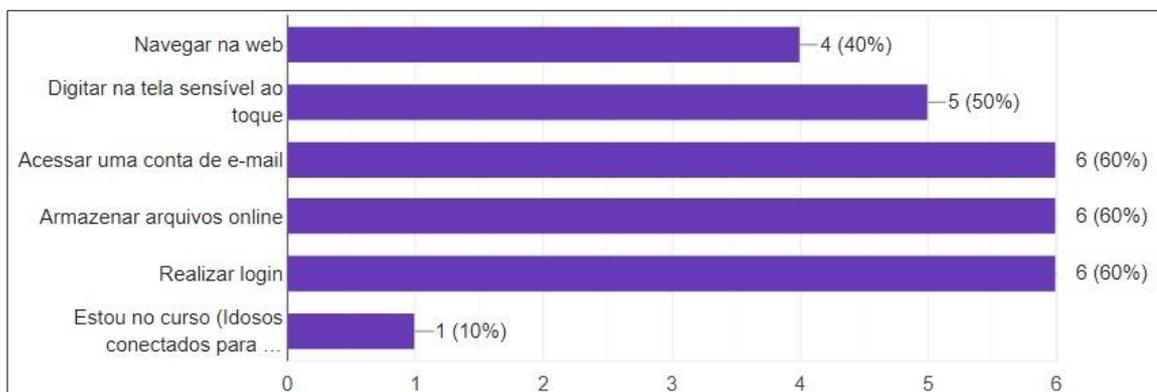
Gráfico 10 - Dificuldade em utilizar o smartphone



Fonte: Elaboração própria (2019).

Para entender as dificuldades mais relevantes dos participantes com relação ao uso do smartphone, obtivemos as seguintes respostas (Gráfico 11) do segundo dado da questão.

Gráfico 11 - Dificuldades consideradas mais relevantes

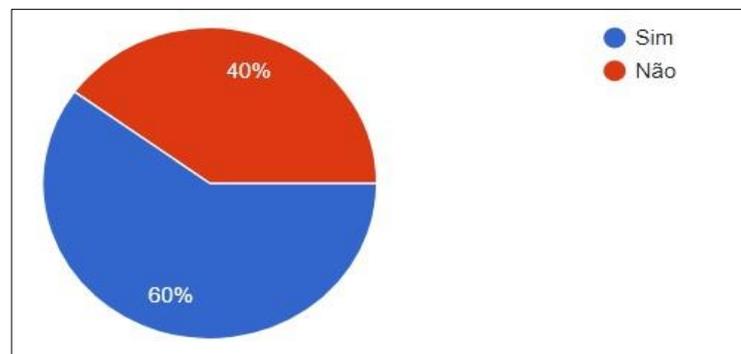


Fonte: Elaboração própria (2019).

Entretanto, podemos observar no gráfico 11 que as dificuldades mais relevantes apontadas pelas pessoas da terceira idade são: *acessar uma conta de e-mail*, *armazenar arquivos online* e *realizar login* (ambas com 60%), *digitar na tela sensível ao toque* 50% e *navegar na web* 40%. De um modo geral, isso evidencia que a dificuldade desse coletivo é mais técnica e, possivelmente, se dá pela falta de uso ou familiaridade. Podemos considerar também que as interfaces dos dispositivos móveis nem sempre são adequadas às necessidades das pessoas de mais idade.

No que se refere às atitudes dos participantes em relação ao uso do smartphone, tentamos identificar, além dessas questões técnicas, alguns indicadores atitudinais. Quando questionados sobre o fato de “Quando você recebe uma notícia pelo WhatsApp, você verifica se é verdadeira?”, e, em caso positivo, dissessem como, eles responderam (Gráfico 12):

Gráfico 12 - Verificação de *fake news* no WhatsApp



Fonte: Elaboração própria (2019).

Nas respostas apresentadas, podemos observar que 60% dos participantes não verificam se a notícia é verdadeira e apenas 40% deles verificam. Os dados apresentados sugerem, apesar de menor representatividade, que os participantes apresentam atitude necessária em relação à segurança com o uso dos dispositivos, no que diz respeito às *fake news*²⁵ disseminadas pelo WhatsApp.

Em complemento à resposta positiva, eles responderam que verificam se a notícia é verdadeira da seguinte forma: *Pergunto ao Google*, *Pergunto*, *Pergunto às filhas*, *Pergunto a minha filha*, *eu deleto*, *Será que é verdade fico na dúvida*. Consideramos, pelo conjunto das respostas, que as atitudes frente às tecnologias não representam uma realidade única para todos

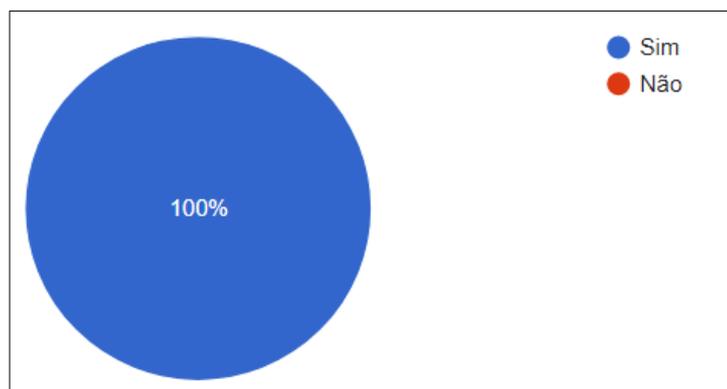
²⁵ Fake News - Notícias falsas em inglês - são uma forma de imprensa marrom que consiste na distribuição deliberada de desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda *online*, como nas mídias sociais. https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa. Acesso em: 10 nov. 2019.

os participantes. De outra forma, podemos afirmar que, apesar da pouca relação com a cultura digital, as respostas sugerem que os participantes estão mais críticos sobre as mensagens recebidas. Mesmo com a falta das habilidades práticas suficientes para que utilizem todos os recursos dessa tecnologia, eles desenvolvem habilidades humanas necessárias, como aponta Perrenoud (2013).

Quando perguntados se “No caso de você se sentir isolado, você acessa o WhatsApp para se comunicar?”, 60% responderam que sim e 40% que não. Isso indica que, de alguma forma, essa interface pode ajudar a mantê-los conectados à sociedade, melhorando a autoestima e, conseqüentemente, a qualidade de vida.

Em relação à pergunta: “Quando você se comunica com amigos e parentes pelo WhatsApp, você estreita as relações sociais?”, e, em caso positivo, dissessem como. Observamos que 100% dos participantes acreditam que a comunicação pelo WhatsApp estreita as relações (Quadro 13).

Gráfico 13 - A comunicação no WhatsApp estreita as relações sociais



Fonte: Elaboração própria (2019).

Com relação ao motivo anterior, obtivemos as seguintes respostas: *Pela aproximação, Marco para ir ao Shopping, restaurante cinemas etc., Aproxima a amizade, Preenche o vazio, Só atenção, Fico bem confortável com a proximidade, Trocamos ideias e alegrias etc., mais próximo, por entrar em contato com a pessoa e Sinto que estou sendo lembrada.* Podemos considerar, pelas respostas, que os respondentes, ao utilizar o smartphone para manter contato com pessoas do seu convívio social e familiar, ampliam sua rede social. Isso favorece a socialização dos mesmos.

Os dados dos questionários, com respeito ao uso das tecnologias, demonstram que as pessoas que estão na terceira idade fazem uso dessas tecnologias, mas que as habilidades necessárias para tal uso não são suficientes. Percebemos que os participantes se colocam

disponíveis para inserção das tecnologias, em especial o uso do smartphone, em seu cotidiano, mas que esse uso se restringe às aplicações básicas voltadas para a comunicação e o entretenimento.

A seguir, discutiremos os dados das entrevistas, a partir das categorias e subcategorias definidas *a priori* e *a posteriori*, frente ao quadro teórico da pesquisa relacionando as categorias e as subcategorias por unidades de interesse e unidades de contexto encontradas nas falas dos entrevistados.

7.1.2 Percepção de habilidades digitais pela terceira idade

Para retomarmos ao processo de análise iniciado no tópico anterior, discutiremos a seguir o olhar que as pessoas que estão na terceira idade têm em relação às habilidades digitais a partir dos dados dos questionários já analisados anteriormente e da análise dos dados coletados pela pesquisadora através das entrevistas aplicadas aos participantes. Estas entrevistas correspondem também ao objetivo I da pesquisa: verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital. Vale ressaltar que apenas 7 participantes se disponibilizaram em participar da entrevista.

Para categorização/classificação das unidades de análise, agrupamos as partes comuns existentes entre os dados conforme Moraes (1999). Dessa forma, neste tópico, adotamos os códigos TI1 e assim sucessivamente (TI2, TI3..., TI7), para identificar as respostas dos participantes que responderam a entrevista.

Assim, construímos categorias que se aproximam do aporte teórico e da realidade dos participantes. Podemos destacar nesse processo duas categorias: ***Saber fazer*** e ***Pertencimento***. Outrossim, definimos as subcategorias com base nas unidades de contexto, em que foi necessário um olhar mais atento da pesquisadora para delinear o contexto de análise, visto que nem sempre encontramos partes comuns nas falas dos entrevistados.

Dessa forma, para melhor compreensão e organização da análise, apresentamos a cada categoria um quadro referente à questão, que consideramos chave, com a categoria, subcategorias, unidades de registro e unidades de contexto. Em seguida, refletimos ao longo da análise as unidades de contexto apresentadas em outras questões, que consideramos importantes, para interpretar o significado implícito nas falas dos entrevistados e fazer as inferências, visto que, muitas vezes, as unidades de análise não são comuns entre os dados.

▪ **Categoria: Saber fazer**

Nossa intenção nessa categoria é questionar o participante sobre o entendimento das habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital, uma vez que eles demonstram interesse em utilizar a tecnologia na cultura digital.

Ao descrever a percepção de habilidades digitais, nas entrevistas, os participantes referiram-se aos sentimentos através das emoções que foram despertadas. Desse modo, consideramos que as percepções relatadas são diversificadas. As unidades de registros que compuseram essa categoria dizem respeito à forma como os participantes percebem as habilidades digitais necessárias para o uso das tecnologias. Definimos como subcategorias: *Aprendizagem e Interação social/Comunicação*.

Quadro 10 - Percepção de habilidades digitais pelos participantes da pesquisa

Objetivo Específico	Categoria	Subcategorias	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital	Saber fazer	Aprendizagem Interação social/ Comunicação	Mundo	<i>“Eu acho que é a pessoa se conectar com o mundo, não é? (...) Acessar essa rede para se comunicar com o mundo, acho que isso é uma habilidade” (T11)</i>
			Comunicação	<i>“Justamente eu estou aqui para aprender, visse, sei um pouquinho ligar e desligar, no tablet ainda não sei (...) Ligo, desligo, no Zap já mando mensagem, recebo mensagem, agora as outras coisas ainda tô aprendendo” (T12)</i>
			Aprender	
			Conhecer o aparelho	<i>“Habilidade digital pra mim é você, como é que se diz, ter intimidade com aquele aparelho, você saber exatamente o que ele pode te dar de informação. É você saber utilizá-lo com precisão (...) (T13)</i>

				<i>Pra mim é conhecer o aparelho, conhecer esse grande mistério desse mundo digital, porque é muito complexo” (T14)</i>
				<i>“Hoje em dia isso é prioridade, mas aí eu acho que a gente tem que se encaixar agora e não ficar pra trás, tão pra trás, acho que a gente tem que aprender alguma coisa para não ficar tão no passado, é por isso” (T15)</i>
				<i>“Eu acho importante porque é uma habilidade prática e rápida para comunicação né” (T17)</i>

Fonte: Elaboração própria, de acordo com a pergunta 1 (2019).

Do ponto de vista da análise das unidades de registros, a palavra *mundo* aparece nas falas dos participantes, indicando que o entendimento de habilidades digitais sugere acompanhar as tecnologias criando um elo com esse mundo digital. Podemos verificar nas seguintes falas:

“Eu acho que é a pessoa se conectar com o mundo, não é? (...)” (T11)

“(...) conhecer esse grande mistério desse mundo digital, porque é muito complexo.” (T14)

Ainda sobre o entendimento das habilidades digitais, a palavra *comunicar* e seu derivado *comunicação* também aparecem nas falas mostrando que além de um mundo digital a percepção de habilidade digital está relacionada ao fato de *interagir* com esse mundo, coincidindo com o que diz Araújo (2019) em relação à percepção.

“Acessar essa rede para se comunicar com o mundo, acho que isso é uma habilidade” (T11)

“Eu acho importante porque é uma habilidade prática e rápida para comunicação né” (T17)

Ao atribuir o entendimento de habilidades digitais ao sentido de *aprender* ou *aprendendo* os participantes entrevistados compreendem que essa necessidade está relacionada para além da ação de ler e escrever. Essa *aprendizagem* pode significar uma oportunidade, para

aqueles que não têm familiaridade com as tecnologias digitais, de desenvolver habilidades necessárias para sua inclusão na cultura digital, como podemos observar a seguir.

“Justamente eu estou aqui para aprender, visse, sei um pouquinho ligar e desligar, no tablet ainda não sei (...) Ligo, desligo, no Zap já mando mensagem, recebo mensagem, agora as outras coisas ainda tô aprendendo” (T12)

“(...) acho que a gente tem que aprender alguma coisa para não ficar tão no passado, é por isso” (T15)

De um modo geral, os participantes possuem uma visão bastante ampla do que vêm a ser habilidades digitais. O fato de poder navegar na rede caracteriza esse entendimento. Embora as questões técnicas estejam presentes na maioria das falas dos entrevistados, é preciso atentar ao que diz Perrenoud (1999) sobre as habilidades no sentido de que, estas, orientam operações mentais e concretas podendo se constituir de várias competências. Dessa forma, percebemos também em uma das falas a necessidade de saber o que a tecnologia pode nos dar de informação. Isso pode indicar que o entendimento das habilidades digitais para os respondentes vai além de conhecer a técnica para o manuseio da tecnologia e acesso ao mundo digital, ou seja, é necessário refletir também sobre a apropriação crítica dessas tecnologias como sugere Perrenoud (1999). Nesse contexto, os participantes percebem algumas habilidades digitais, de forma diferente, mas não isolada, corroborando com o que nos diz Araújo (2019).

Nesse entendimento, algumas habilidades digitais foram apontadas pelos participantes no decorrer das entrevistas.

“(...) acessar esse aplicativo como é que eu vou dizer, acessar essa rede para se comunicar com o mundo acho que isso aí é uma habilidade” (T11)

“Pesquisar que tem hoje Google” (T11)

“Passar mensagem (...) como faz uma ligação” (T12)

“Fazer pesquisa no Google” (T13)

“Eu acho que deveria, como ela diz é praticar” (T13)

“Manusear o aparelho. Não precisa assim, saber coisa por coisa, mas o essencial, por exemplo, tirando telefonar, aí o que mais? uns jogos para distrair” (T15)

“Eu penso todas né, porque o idoso esquece muito (...) enviar” (T17)

Verificamos que essas habilidades digitais apontadas pelos participantes são únicas nas falas de cada entrevistado, exceto *pesquisar* ou *pesquisa*. Para 2 participantes, *pesquisar* no Google requer o desenvolvimento de outras habilidades, devido à intensidade de informações e aos diversos comandos, como podemos confirmar em uma das falas: “(...) às vezes a coisa é simples, mais a gente anda, anda, pra chegar num denominador comum” (TI2). Como podemos observar: *pesquisar, passar mensagens, fazer ligação, praticar, manusear o aparelho, telefonar e jogar* são respostas que representam um conjunto de ações relacionadas às habilidades digitais que levam os participantes à operacionalização, ao *saber fazer*, podendo ser alocadas nessa categoria.

Esses dados nos revelam que apesar dos participantes que estão na terceira idade conhecerem algumas habilidades digitais, saberem utilizar pouco a rede para se *comunicar*, eles reconhecem que desenvolver essas habilidades no curso é muito enriquecedor para a utilização do celular e para melhoria da qualidade de vida. Não podemos afirmar que os participantes relacionam o *saber fazer* às habilidades digitais, no entanto, eles são capazes de reconhecer diferentes habilidades para buscar informações em diferentes situações, sobretudo em situações de lazer e entretenimento.

Nesse mesmo resultado ao dizer que “o idoso esquece muito (...)” (TI7), o respondente deixa claro nesse processo que é preciso desenvolver também outros elementos da competência corroborando com o que diz Perrenoud (1999). Possivelmente essa dificuldade pode estar também relacionada ao processo de envelhecimento referente às dificuldades motoras, sensoriais e cognitivas que surgem devido ao avanço da idade (NETTO, 1997). Como exemplo, a diminuição na capacidade da memória pode acarretar dificuldade em adquirir e armazenar informações, mesmo que sem prejuízos das funções cognitivas, como afirma Kachar (2003).

Procurando entender essas questões perguntamos aos participantes sobre “Quais as principais dificuldades/problemas para utilizar o smartphone?”. Eles responderam:

“Não, eu não senti tanta dificuldade, com o tempo eu fui mexendo como agora mesmo eu desativei o WhatsApp e procurei, procurei e não consegui, perguntei a minha irmã e no instante eu fui lá e habilitei novamente” (TI1)

“Aprendi a ligar, enviar mensagem, as outras coisas não sei não. Tô aprendendo” (TI2)

“Olha, a principal foi ligar o bicho, ligar, falar (...) Sabe, não deixar ele ligado porque apaga, descarrega, desliga e para mim foi muito difícil” (TI 4)

“Muitas, eu pego assim hoje em dia, vou te contar, até pra tocar e ligar eu acho difícil e pra mexer é pior... Enquanto eu acho que as outras faz na maior

facilidade, procurar, ler as mensagens, depois manda outras mensagens eu tenho a maior dificuldade” (T15)

“Eu sinto dificuldades, agora mesmo esse final de semana foi um desastre, que minha filha me deu um celular, como eu disse, meu Deus, eu modifiquei tudinho, eu fiquei desconectada. E o pior é que ela pegou meu celular descarregado, quando carregou não tava o Zap, nada” (T16)

Observamos nos resultados que a maioria dos participantes revela sentir *dificuldades* em utilizar o smartphone, seja na função mais básica de *ligar*, seja nas funções relacionadas à internet, como a rede social *WhatsApp*.

No entanto, podemos dizer que, embora a maioria deles sinta *dificuldades* ou ache *difícil* o uso do smartphone, isso não os impedem de utilizá-lo, seja para fazer ou receber simples ligações ou interagir na rede social. Os resultados demonstram que essas *dificuldades* estão relacionadas, muitas vezes, à falta de conhecimento para utilizar o dispositivo, ou seja, às questões técnicas de *saber fazer* para manusear essa tecnologia e da diversidade de aparelhos no mercado, com comandos cada vez mais sofisticados e suas versões atualizadas, como observamos na fala de um participante: *“Eu acho que deveria, como ela diz é praticar. Teria que ter realmente é porque há uma diversidade muito grande celular, até o meu mesmo, é como você sabe, cada celular tem suas características” (T13)*. Esses dados confirmam as respostas dos questionários respondidos anteriormente, em relação às “dificuldades mais relevantes”. Para Kachar (2003), essa geração tem revelado dificuldades de entender essa linguagem.

Nesta direção, questionamos aos participantes como eles minimizam essas dificuldades com a seguinte questão: “Tem recebido ajuda dos familiares ou amigos em relação ao uso do smartphone?”. Eles responderam:

“Nem filho, nem neto, nem marido. Meus vizinhos e meus amigos” (T11)

“Olha eu pergunto só aos filhos. Aí quando eles querem ajudar beleza, mas é, é complicado porque eles não têm tempo” (T12)

“Não, não, são horríveis, nem gostam e nem adianta eu pedir, não tem paciência e quando eu sei que a pessoa não quer, eu nem vou” (T13)

“Eu prefiro eu fazer minhas coisas sozinha no curso” (T13)

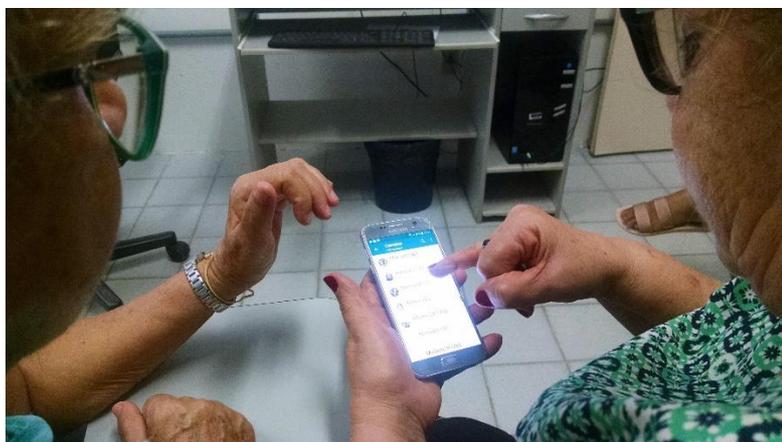
“Você chega para um filho aí pergunta, por exemplo, como é que eu vou ver a minha... o meu saldo, a minha conta? Mas, ah mamãe! A senhora não estuda, vá, faça. Aí você já fica inibido de voltar e perguntar porque você se acha um tanto burrinho e para eles é tão fácil né? (...) Eu fico muito feliz porque aqui mesmo eu já aprendi” (T14)

“O pouco que eu sei é com minhas filhas, assim com os amigos não (...) A gente diz fulaninha ajuda aqui, como ela já sabe, é aqui, quando a gente vê já tá fazendo, tá feito” (TI5)

A maioria dos participantes afirma que não gosta de pedir ajuda da família ou *amigos* para o uso do smartphone. Menos da metade preferem ajuda dos *filhos*, netos e amigos, e uma pequena parcela prefere ajuda do *curso*. Neste conteúdo, a palavra *amigo* tanto é vista como ajuda para minimizar as dificuldades com o smartphone, por um respondente, como não ajuda, por outro. A falta de paciência das pessoas para ensiná-los a mexer no smartphone aparece de maneira forte nas falas dos participantes. Os resultados indicam que a unidade de análise *filho(s)* ou *filhas*, representando aqui os familiares, é a que menos se disponibiliza a ajudar as pessoas de mais idade com o uso da tecnologia. Muitas vezes quando as pessoas de mais idade solicitam ajuda dos parentes, filhos e netos, as explicações são muito rápidas dificultando para a pessoa idosa o entendimento e apreensão do que foi ensinado.

De outra forma, as necessidades de se manterem atualizadas levam alguns participantes a preferirem o auxílio de *curso*s, palavra implícita em uma das falas, sobre inclusão digital para minimizar as dificuldades com o dispositivo, recorrendo à ajuda da professora e dos colegas da sala, confirmando o que discute Kachar (2003) em seus estudos. Concordamos com esses estudos, no que diz respeito à necessidade de metodologias e práticas pedagógicas voltadas para as necessidades desse público. Alguns iniciaram o *curso* sem saber ligar o smartphone e sentem-se felizes em dominar, de alguma forma, a interface digital como sugerem os participantes TI3 e TI4. Constatamos, na observação de campo, que alguns participantes passaram adiante o conhecimento aprendido no *curso* (Figura 9).

Figura 9 - Participantes socializando o conhecimento aprendido



Fonte: Narrativa fotográfica própria (2019).

Dessa forma, indagamos se esse público considerava que o uso dessa tecnologia tinha ajudado a resolver situações/problemas em seu cotidiano e, em caso positivo, que relatasse as situações.

“Tem, tem me ajudado muito, agora não me ajuda nesse negócio de banco e eu sou doida (...) para usar isso aí, tem me ajuda muito, às vezes eu quero mandar um recado, saber se a pessoa tá doente, se é verdade, se comunicar, a maioria é na parte da comunicação, seja ela texto, seja ela através de voz, dos vídeos, dos áudios, tá em uma festa tá mostrando as amigas se amostrando” (T11)

“Tem. Porque olhe, eu passo, eu falo com meus filhos: preciso de alguma coisa na farmácia, água, tudo isso eu uso o celular, médico, marcação de consulta, banco, banco não, isso aí eu tenho medo, de jeito nenhum. Nem pensar” (T12)

“Tem sim, tem. Eu acho que pra mim, eu acho que é mais no sentido de comunicação. Não é? com o WhatsApp você vê as novidades, as coisas, eu acho” (T13)

“Não me ajuda não. Nadinha. Pra falar a verdade pode ser que seja uma deficiência minha, né? porque o povo tá tudo ligado nesse negócio e eu não. Em casa para eu ligar para alguém eu recorro ao fixo e na rua não levo e se você me perguntar qual é o número do seu telefone? eu não sei” (T15)

“100%. A pessoa tá longe de casa quer uma comunicação, vou dizer, é na hora (...). É muito bom. Eu também gosto de olhar mensagem que vem assim, de conta, quer dizer banco” (T17)

Verificamos que os participantes da pesquisa, em sua quase totalidade, responderam que consideram que o uso das tecnologias digitais *tem* ajudado a resolver situações em seu cotidiano. Observamos que apenas 01 entrevistado considerou negativa essa ajuda. Ele relata que *“pode ser que seja uma deficiência”* (T15) dele, visto que ainda recorre ao telefone fixo. Na unidade *comunicação*, percebemos um considerável índice de ocorrência nas falas dos participantes. Essa *comunicação* está relacionada à nova forma de *interação social*, de compartilhar e de produzir informação, como ressalta Lemos (2009).

Uma unidade que nos chama a atenção é a palavra *banco*. Alguns participantes relataram considerar importante essa ajuda, ao enviar e receber recados, interagir com parentes e amigos utilizando os diversos recursos disponíveis no celular, em serviços de ordem pessoal e doméstica, exceto em transações bancárias. A unidade *banco* nos faz pensar que, apesar das tecnologias digitais estarem presentes no cotidiano das pessoas, para alguns, que estão na terceira idade, esse uso ainda é um desafio. Esse medo pode estar relacionado ao fato de que as pessoas de mais idade são estigmatizadas por apresentarem certas dificuldades com os terminais

eletrônicos dos bancos. Ficou claro que elas têm consciência da importância do uso das tecnologias, uma vez que são facilitadas as diferentes formas de comunicação entre as pessoas, antes separadas pelo tempo e pelo espaço. Isso confirma o que defende Jenkins (2009), no que se refere à posição de consumidores e produtores de informações, ou seja, que eles não se comportam mais como mero espectador e que interagem de acordo com suas regras e interesses.

▪ **Categoria: Pertencimento**

Ainda sobre o primeiro objetivo específico, optamos por discutir nesse tópico a perspectiva das pessoas que estão na terceira idade sobre sua inclusão na cultura digital. Ao descrever essa perspectiva, os participantes responderam conforme suas experiências de vida. Dessa forma, o sentido de perspectiva, nesta análise, corresponde ao ponto de vista ou modo particular com que cada participante vê o mundo digital. Neste sentido, questionamos aos participantes sobre o que eles pensam sobre inclusão digital na terceira idade. Nessa categoria, as unidades de registros definidas dizem respeito à forma como os participantes veem a inclusão digital. Definimos como subcategoria: *Sentimento positivo*.

Quadro 11 - Perspectiva dos participantes sobre inclusão digital

Objetivo Específico	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Verificar a percepção das pessoas da terceira idade sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão na cultura digital	Pertencimento	Sentimento positivo	Faixa etária/pessoa de idade/idoso	<i>“(...) acho que coisas novas aparecer para essa faixa etária que está hoje muito, como se dizer, tá muito mais valorizado do que anos atrás entendesse? hoje tem mais respeito (...)” (T11)</i>
			Bom	<i>“É bom, é bom sabe por quê? porque a gente não precisa de tá pedindo as coisas ao povo a ninguém aliás, ao povo não a ninguém (...) A pessoa de idade não tem muita paciência para esperar então a gente tá aprendendo é 100% tudo melhor, com certeza.” (T12)</i>
			Mundo	
			Dificuldade	<i>“Eu acho que isso é uma necessidade do mundo atual que a gente tá vivendo agora,</i>

				<i>eu acho que a dificuldade é um bloqueio” (TI3)</i>
				<i>“Eu penso que é muito bom (...) eu acho isso muito importante ver o idoso incluído nesse novo método, não é? que é esse mundo digital. Que não é fácil, agora tem idoso que ele é fogo, ele vai além né, mas aí tudo é você se dedicar dá 100% a essa causa que aprende também (...)” (TI4)</i>
				<i>“Para falar a verdade deve ser bom porque o povo é tudo viciado nisso, eu acho horrível” (TI5)</i>
				<i>“É bom porque a pessoa deixa de tá ansiosa, de tá só deitado, só vendo televisão” (TI7)</i>

Fonte: Elaboração própria, de acordo com a pergunta 6 (2019).

Nessas unidades de contexto, podemos identificar a perspectiva de inclusão digital implícita de quem “pertence” ou *pertencimento* a uma determinada cultura. A unidade *bom* aparece de forma considerável nas falas dos participantes. Essa unidade pode caracterizar uma satisfação, um *sentimento positivo*, para essa *faixa etária* ou pessoa de *mais idade* ou *idoso*, de pertencer a um *mundo* mais familiarizado com a linguagem digital. Percebemos que, nesse contexto, apenas 01 participante respondeu que a perspectiva de inclusão digital na terceira idade é estar *“incluído nesse novo método, não é? que é esse mundo digital” (TI4)*. Outro disse que a inclusão digital é uma necessidade do *mundo* atual, embora enfatize a dificuldade como um bloqueio a ser superado. Observamos que questões relacionadas à técnica não aparecem de forma contundente nas respostas. A maioria dos participantes acredita que a inclusão digital significa um *boom* de oportunidades positivas favorecendo o bem-estar, principalmente quando estabelece conexões entre os indivíduos. Esse *sentimento positivo* pode indicar que a inclusão digital, mesmo em diferentes níveis, se torna relevante para algumas pessoas que estão na terceira idade, como relata um participante sobre ficar *“ansiosa” (TI7)*.

Podemos inferir que os participantes estão considerando elementos de ordem cognitiva, emocional e social como elementos importantes nesse processo de inclusão digital. Isso aponta

para a dimensão social, mas segundo Cazeloto (2008), no que se refere ao social, é preciso refletir sobre a inserção social das ferramentas digitais, para que estas não se constituam como fator de exclusão social.

Ainda nesta direção, questionamos os participantes se eles se consideram incluídos digitalmente e eles responderam:

“Nem tanto. Porque tem algumas coisinhas que a gente não domina” (T11)

“Eu me sinto, me sinto. Porque além de saber um pouquinho aí eu já vou procurar mais pra aprender, estudar mais” (T12)

“Pouco. Eu quero até repetir o curso. Imagino que eu não tô” (T13)

“Muito, muito, muito, muito bom saber como que é uma oportunidade de você dizer assim poxa eu existo. Eu também sou capaz, eu faço parte desse mundo, eu estou incluída nesse mundo, é maravilhoso, muito bom” (T14)

“Por enquanto ainda não, eu me sinto excluída. Agora porque ainda não aprendi e não sei assim me comunicar por ele (...), mas eu gostaria de saber se eu posso aprender e não ficar, virar um vício” (T15).

“Sim. E se tivesse uma apostila seria melhor (...). Eles acham que todo mundo, até minha neta de quatro anos já sabe ligar e desligar tudo. Tem coisa que eu não sei” (T16)

“Sinto. Dá para conversar com as pessoas né, dá para conversar (...) não se sentir isolado” (T17)

Notamos nas respostas poucas unidades comuns existentes entre os dados. No entanto, observamos nas falas que 3 participantes se sentem incluídos digitalmente; outro, nem tanto. Apenas 1 deles afirmou que se sente um pouco incluído e 1 respondeu que se sente excluído. Analisando as unidades de contexto, podemos verificar que alguns participantes relatam que o domínio de algumas habilidades desperta um *sentimento positivo* de bem-estar e satisfação. Esse sentimento faz com que os participantes se sintam capazes de participar da cultura digital e *aprender* as habilidades necessárias para sua inclusão. Podemos inferir que o fato de usarem as tecnologias, mesmo que de forma limitada, representa para os entrevistados uma dimensão da inclusão digital: a dimensão técnica. Embora exista uma lacuna entre os que participam desse processo e os que estão à margem dele, esses dados, no sentido tecnológico, nos permitem concordar com Kachar (2003), no sentido de que há uma grande necessidade de sentir-se incluído, conectado ao *mundo* moderno.

Nestas categorias, concluímos que os participantes têm a percepção de habilidades digitais como uma forma de saber usar a tecnologia. Entretanto, essa percepção vai além de

conhecer a técnica para o manuseio das tecnologias e está relacionada ao *saber fazer* e ao *pertencimento* à cultura digital, pois eles são capazes de reconhecer diferentes habilidades digitais na busca de informações em diferentes situações, sobretudo, em situações de lazer e entretenimento.

7.1.3 Habilidades digitais desenvolvidas no curso pelas pessoas da terceira idade

Dando continuidade ao processo de análise dos dados, recorreremos aos relatos das observações registradas no diário de campo e das narrativas fotográficas que serão aprofundados neste tópico. Esses registros nos permitiram compreender o que ocorre no campo de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) por meio do fenômeno observado.

Buscando responder ao objetivo específico II da pesquisa: identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital, realizamos a coleta dos dados através da observação de aulas conforme descrito na fase de método da pesquisa. Nesse processo, definimos como categoria de análise: *Técnicas digitais*. A construção dessa categoria, que trata das habilidades digitais desenvolvidas no curso, está relacionada com o objetivo específico e o referencial teórico. Definimos como subcategorias: *Comandos básicos do smartphone* e *Uso da internet por meio do smartphone*.

Dessa forma, para melhor compreensão desse processo, no decorrer da análise, apresentamos um quadro com a categoria, subcategorias e habilidades digitais identificadas no curso, e, em seguida, tecemos comentários sobre a parte descritiva e reflexiva da observação.

- **Categoria: Técnicas digitais**

Após a etapa de aproximação com os participantes da pesquisa, iniciamos nossa observação sobre as habilidades digitais desenvolvidas no curso. Pudemos observar que tanto a professora como os participantes possuem dispositivos móveis. Aliás, como critério de participação no curso, os estudantes teriam que disponibilizar a tecnologia. Isso pode revelar, como já foi dito anteriormente, a ideia de que as pessoas que estão na terceira idade de alguma forma, ao utilizar o smartphone, estão incluídas no contexto da cultura digital, concordando com o que diz Lemos (2009) quanto à cultura do telefone celular. Embora, alguns participantes apresentassem pouca familiaridade com o smartphone, observamos que a cada início de aula a professora realizava uma atividade para estimular a memória e o raciocínio dos participantes

com situações problemas relacionados à tecnologia que eram respondidas por eles de forma individual e coletiva. Isso os ajudava na *ativação da memória* como eles denominavam.

Quando os participantes iniciavam sua interação com o smartphone era notável suas ansiedades que refletiam no estado emocional provocando diferentes emoções para apreender a diversidade de informações sobre essa tecnologia. Percebemos que essas emoções, por vezes, prejudicavam no processo de inclusão digital, no que diz respeito ao uso da tecnologia, fazendo com que a aprendizagem fosse mais demorada, levando em consideração que cada participante tenha um ritmo diferente na realização das atividades, como aponta Kachar (2003).

No entanto, durante as observações de aula foi possível identificar (Quadro 12) algumas habilidades digitais desenvolvidas no curso com as pessoas que estão na terceira idade.

Quadro 12 - Habilidades digitais desenvolvidas no curso

Objetivo Específico	Categoria	Subcategorias	Habilidades Digitais
Identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade no curso sobre inclusão digital	Técnicas digitais	Comandos básicos do smartphone	Ligar/desligar
			Digitar
			Localizar a galeria
			Fotografar, gravar
			Enviar/receber chamada e mensagem
		Uso da internet por meio do smartphone	Navegar na web
			Pesquisar
			Realizar login
			Compartilhar
			Anexar fotos, vídeos e áudios

Fonte: Elaboração própria (2019).

Ao identificarmos algumas habilidades digitais desenvolvidas no curso pudemos desenvolver uma categoria relacionada à forma de manusear o smartphone. Dessa forma, alocamos esses dados na categoria *técnicas digitais*. Observamos que essas habilidades digitais estão exclusivamente relacionadas às questões técnicas, em relação ao uso do smartphone, orientadas pela professora.

Diante dos dados apresentados anteriormente na pesquisa, a partir das observações no campo de investigação, percebemos que as habilidades digitais mais desenvolvidas no curso são oriundas, tanto do planejamento da professora que ministra o curso, como das dificuldades com o uso do smartphone apresentadas pelos participantes no decorrer das aulas. Neste sentido, observamos duas dimensões técnicas, nesse processo, referentes às habilidades digitais desenvolvidas pelos participantes no curso: *comandos básicos do smartphone* e o *uso da internet por meio do smartphone*, embora essas sequências de modos operatórios, sozinhas, não bastem para resolver situações problemas, como afirma Perrenoud (1999, 2013).

As habilidades digitais desenvolvidas no curso relacionadas aos *comandos básicos do smartphone*, como: *ligar, desligar, digitar, localizar a galeria e enviar/receber chamada*, são habilidades digitais que apresentam grau de dificuldade comum entre a maioria dos participantes, como podemos observar nos seguintes comentários:

“(...) celular tem muitos sinais, como é que eu digo, a gente não sabe para que é (...)”

“Eu pensei que tirar a foto bastava tocar naquele pitoco”

“(...) sei um pouquinho ligar e desligar (...)”

“(...) Em casa para eu ligar para alguém eu recorro ao fixo (...)”

“(...) vou entrar em contato com essa que faz telefone, pra mandar (...) um livretinho assim pra pessoa de idade (...)”

Neste sentido, dada a natureza dos dados, concordamos com Kachar (2003) no que se refere às dificuldades reveladas por essa geração, até mesmo com os comandos mais básicos, no caso, com o uso de celulares (Figura 10). Podemos inferir que, neste cenário, a democratização do acesso requer considerar as oportunidades sociais e coletivas dos indivíduos, como aponta Cazeloto (2008).

Figura 10 - Habilidades digitais relacionadas aos comandos básicos do smartphone



Fonte: Narrativa fotográfica própria (2019).

Em relação às habilidades digitais relacionadas ao *uso da internet por meio do smartphone* como: *enviar/receber chamada e mensagem, navegar na web, pesquisar, realizar login, compartilhar e anexar fotos, vídeos e áudios*, pudemos observar que essas habilidades estão intrinsecamente relacionadas à comunicação, visto que os participantes, em sua maioria, procuram utilizar alguns recursos do smartphone para se comunicar com familiares e amigos. Isso se confirma em alguns comentários entre os participantes, como podemos observar:

“(...) às vezes eu quero mandar um recado, saber se a pessoa está doente, se é verdade, se comunicar, a maioria é na parte da comunicação, seja ela texto, seja ela através de voz, dos vídeos, dos áudios, tá em uma festa tá mostrando as amigas, se amostrando” (risos)

“Eu consegui, sabe Deus como, mas eu consegui (...) A foto pelo WhatsApp é mais fácil”

“Eu tenho uma colega mesmo que mora na Suíça, se eu quiser agora eu falo com ela (...) acessar esse aplicativo, como é que eu vou dizer, acessar essa rede para se comunicar com o mundo (...)”

“(...) conhece outras pessoas (...) não por causa desse negócio de namorado, eu não (risos), porque eu não quero nem saber desses sites”

Observamos que nessa subcategoria (Figura 11), o uso da internet pode representar um espaço de interação social e um caminho para combater a exclusão social, no que se refere à desigualdade ao acesso à internet.

Esse acesso, muitas vezes, acontece de maneira diferente para cada indivíduo, coincidindo com o que discutem Warschauer (2006) e Cazeloto (2008).

Figura 11 - Habilidades digitais relacionadas ao uso da internet por meio do smartphone



Fonte: Narrativas fotográficas própria (2019).

Vale salientar que uma situação importante observada durante as aulas está relacionada às questões de comportamento dos participantes, frente ao uso das tecnologias. Podemos observar que, além das habilidades digitais, que é nosso objeto de estudo, percebemos também que o desenvolvimento de habilidades humanas relacionadas à apropriação crítica da tecnologia estava presente no decorrer das aulas, confirmando o que discutem Perrenoud (2013) e Lemos (2009). Sobre isso, destacamos o seguinte comentário:

“(...) saber o que é falso, o tal do fake e o que é verdadeiro, e através disso aí pesquisar, que tem hoje o Google. Você faz a pergunta e ele responde né? Você entra no Google e outro que eu não sei. E ali você já tem uma ideia que aquilo ali não é verdadeiro, é que às vezes a gente, às vezes pelo contexto a gente já vê que aquilo é uma mentira, né isso aí, então só é ter um pouquinho de raciocínio né”

Em outros momentos, observamos outras habilidades relacionadas à dimensão humana, como solidariedade, respeito e atenção, que também eram desenvolvidas individual e coletivamente. Observamos que ao realizar a captura de imagem utilizando o smartphone, os participantes tinham o cuidado de perguntar aos colegas se podiam tirar e enviar a foto para o grupo do WhatsApp da turma para concluir as atividades, demonstrando atitudes de respeito e de cuidar como o outro. Além disso, algumas vezes, os participantes utilizavam o smartphone para verificar sua autoimagem, utilizando o recurso da *selfie*²⁶ como podemos observar na fala de uma participante: *“Eu me espantei com a selfie. Usando o celular como espelho antes de*

²⁶ *Selfie* é uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma. As *selfies* que envolvem várias pessoas fotografadas são conhecidas como *selfies* em (ou de) grupo. Foi considerada como palavra internacional desde 2013 pelo *Oxford English Dictionary*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Selfie>. Acesso em: 10 dez. 2019.

tirar a foto". Embora as transformações tecnológicas possam afetar o estado emocional do indivíduo, no que diz respeito à autoimagem, o uso das tecnologias pode se tornar ferramenta para o resgate da autoestima.

A partir dessas reflexões, consideramos que o desenvolvimento dessas habilidades pode favorecer aos participantes do curso, com oportunidades antes nunca vivenciadas, e pode fomentar a construção de novas habilidades relacionadas ao movimento da cultura digital. Desse modo, podemos inferir que, entre as habilidades digitais identificadas no curso, o interesse da maioria dos participantes se concentra na aprendizagem de habilidades digitais relacionadas ao lazer, ao entretenimento e à interação social.

7.1.4 Relações acerca da percepção das pessoas da terceira idade sobre habilidades digitais e das habilidades digitais desenvolvidas no curso sobre inclusão digital

Neste tópico, a partir dos resultados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados - observação de aula, questionário e entrevista -, alcançamos o objetivo específico III, que é o de relacionar as percepções que as pessoas da terceira idade têm sobre as habilidades necessárias para a sua inclusão na cultura digital, com as habilidades digitais desenvolvidas por elas no curso sobre inclusão digital. Dessa forma, definimos como categoria: ***Interesses***. Entendemos essa categoria como unidade comum nessa relação.

- **Categoria: Interesses**

Ao nos debruçarmos nesses resultados com o objetivo de analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital, partimos do pressuposto que as pessoas da terceira idade desenvolvem as habilidades digitais necessárias para a sua inclusão no mundo digital de forma positiva, com o uso das tecnologias digitais, buscando sua independência, porque tais habilidades favorecem a comunicação e a interação destes indivíduos em seu convívio social.

Ao analisarmos os resultados, a partir dos objetivos específicos I e II, foi possível ampliar nosso olhar para este cenário específico e aprofundar relações vislumbradas além das análises realizadas. Dessa forma, encontramos consonância na percepção de habilidades digitais relatadas pelos participantes e as habilidades digitais desenvolvidas no curso com esses indivíduos.

Nos deparamos com uma percepção de habilidades digitais, incorporadas nas falas dos participantes, como uma forma de *saber* usar a tecnologia, isto é, uma concepção representada por um conjunto de ações voltadas para operacionalização da tecnologia, concordando com as referências apontadas no aporte teórico (PERRENOUD, 2013). Mesmo assim, cabe ressaltar que essas operações, por si só, não tratam do domínio global de uma situação conforme argumentam Ropé e Tanguy (2003) e Perrenoud (1999, 2013). Na percepção de habilidades digitais das pessoas que estão na terceira idade, pudemos constatar a predileção por funções específicas que possibilitavam a interação de práticas sociais vivenciadas por elas. Essas habilidades digitais relatadas pelos participantes puderam ser observadas no decorrer das aulas, uma vez que estas são incorporadas também às atividades pedagógicas trabalhadas em sala de aula pela professora.

Embora os participantes apresentassem dificuldades ou lentidão para desenvolver essas habilidades, os olhares sobre essas habilidades, tanto dos participantes quanto do curso, não se diferenciam, visto que a sociedade atual impõe novos saberes e novas formas de aprender. O desenvolvimento das habilidades digitais, neste cenário, não está relacionado às tecnologias em si, mas às necessidades das pessoas que estão na terceira idade em relação ao uso da tecnologia. Dessa forma, a necessidade das pessoas que estão na terceira idade mudou, como afirma um participante “(...) a pessoa quando chega a uma certa idade é escanteado, hoje ainda tem né, principalmente, mais tem diminuído, mas a pessoa precisa saber seus direitos e exigir. É isso aí”. Isso indica que as habilidades digitais desenvolvidas no curso consideravam as demandas da vida cotidiana, tal como preconiza a BNCC (BRASIL, 2017), para atender às necessidades dessas pessoas, independentemente de sua condição, coincidindo, também, com o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 (BRASIL, 2003), em seu Artigo 20, no que se refere ao respeito à condição da idade dos indivíduos.

Portanto, desenvolver habilidades digitais, para os participantes da pesquisa, tem relação com adquirir mais conhecimento, para se incluir e participar do mundo digital, como constatamos em uma fala: “(...) eu falo com meus filhos, preciso de alguma coisa na farmácia, água, tudo isso, eu uso o celular. Médico e marcação de consulta”. Observamos que a maioria dos participantes possui *interesses* comuns em relação ao desenvolvimento de habilidades digitais. Esses *interesses* foram observados a partir tanto da demanda apresentada pelos participantes durante o curso como da proposta pedagógica da professora.

O sentido das habilidades digitais relacionadas ao “interesse” revelou a compreensão de que essas habilidades têm correlação com as demandas vivenciadas por esses participantes em

seu cotidiano e que, por isto, foram desenvolvidas levando em consideração as necessidades e os interesses desses indivíduos.

Ao considerar esses *interesses* como base para o desenvolvimento das habilidades digitais, os participantes colocaram para a professora as dificuldades e possibilidades sobre as habilidades a serem desenvolvidas. Há que se considerar, também, que essas dificuldades podem estar relacionadas ao processo natural de envelhecimento dos participantes, embora isto não tenha aparecido no discurso e na prática da professora. Entretanto, em algumas ações, ficou evidente a necessidade de atenção para as dificuldades desses indivíduos, como podemos perceber no seguinte comentário: *“Eu acho que deveria ter mais tempo mais aula durante (...) não só uma aula na semana, ter mais dias né, seria melhor, não é tão fácil entrar tanta informação assim na cabeça da gente”*. Conforme vimos no extrato dessa fala, os participantes perceberam que apenas um curso foi insuficiente para atender a todas as dificuldades para lidar com o smartphone. Dessa forma, foi possível observar que alguns participantes manifestaram interesse em participar, novamente, do próximo curso, como podemos confirmar em alguns comentários: *“Eu quero até repetir o curso, se puder”*; e outro: *“Deveria ter mais acesso ao idoso, ter curso de informática e não tem”*. Ainda neste sentido, os participantes consideraram que o curso possibilita, de alguma forma, sua inclusão no mundo digital. Sobre isso podemos observar ainda em uma fala: *“eu achei esse curso ótimo, aprendo bastante”*.

Nessa relação, podemos destacar três dimensões que envolvem aspectos a partir de interesse ou *interesses* pessoais dos participantes relacionados ao desenvolvimento das habilidades digitais para inclusão digital, identificados na coleta de dados, que são: comunicação, entretenimento e satisfação pessoal.

Neste sentido, o desenvolvimento das habilidades digitais apareceu relacionado aos *interesses* e envolveu de forma mais ampla esses aspectos ao considerar a inclusão digital para esses indivíduos. Isso pode ser compreendido em uma das falas: *“a gente quer aprender mesmo no celular, música e uns jogos para distrair, participar desse mundo”*.

As habilidades digitais compreendidas no curso, como possibilidades de aprendizagem e desempenho dos participantes com o uso do smartphone, caracteriza uma melhor atenção às necessidades desse público, como indica Kachar (2003). Observamos que esse conhecimento vivenciado no curso através do uso do smartphone nos faz refletir acerca das potencialidades destas habilidades, especialmente quando esse uso pode favorecer a inclusão digital das pessoas que estão na terceira idade, visto que, devido à faixa etária dos participantes e do processo de envelhecimento, muitas vezes esses indivíduos se distanciam dessas tecnologias.

Nesse sentido, podemos observar nas falas de alguns participantes:

“Hoje em dia isso é prioridade, mas aí eu acho que a gente tem que se encaixar agora e não ficar pra trás, tão pra trás, acho que a gente tem que aprender alguma coisa para não ficar tão no passado, é por isso”

“Eu acho que isso é uma necessidade porque hoje em dia você tá vivendo isso. Agora, isso não foi o meu mundo”

Ao relacionarmos a percepção de habilidades digitais pelas pessoas que estão na terceira idade com as habilidades digitais desenvolvidas no curso, foi possível percebermos que os participantes desta pesquisa demonstraram seu grau de inclusão na cultura digital de forma restrita em relação ao uso da tecnologia. Verificamos que os participantes muitas vezes usam a tecnologia, embora, de forma limitada, para atender seus *interesses* na vida pessoal.

Assim, no que diz respeito às respostas encontradas sobre as habilidades digitais, inferimos que a *percepção* sobre essas habilidades coaduna com os *interesses* mediados pelo uso das tecnologias digitais.

Consideramos, nesta relação, que o desenvolvimento das habilidades digitais para a inclusão digital na cultura digital, para alguns participantes, pode ser ainda um desafio a ser enfrentado pela sociedade, uma vez que as práticas culturais das pessoas que estão na terceira idade se estabelecem na perspectiva de *saber fazer*.

Estas relações estabelecidas entre os dados, a partir das categorias - *percepção, pertencimento, técnicas digitais e interesses* -, delimitadas *a priori* e *a posteriori*, nos permitiram retornar à questão da pesquisa que nos orientou no desenvolvimento deste estudo e buscar analisar as habilidades digitais necessárias desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital.

Portanto, com base nos resultados da pesquisa podemos afirmar que para algumas pessoas que estão na terceira idade, é importante o desenvolvimento das habilidades digitais para se apropriarem das tecnologias digitais, uma vez que estas pessoas procuram cada vez mais se incluir digitalmente desenvolvendo práticas sociais em tempos de cultura digital.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço
Navegando todos os sentidos*

(Gilberto Gil, 1984, Tempo Rei)

Durante a pesquisa, o que deveria ser um encontro de gerações, transformou-se em um encontro de lições de vida e perseverança, na busca de um futuro mais digno e prazeroso, que nos possibilitou um olhar diferenciado à *terceira idade* como uma fase natural da vida que teima em chegar para todos.

Neste estudo, destacamos a nossa satisfação em acompanhar, mesmo que em um pequeno intervalo de tempo, o compromisso, a dedicação e a disponibilidade das pessoas que estão na terceira idade, para aprender e compartilhar experiências tão valiosas.

Consideramos que este estudo contribuiu, de alguma maneira, para evidenciar as habilidades digitais desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade, para sua inclusão no mundo digital, em especial no que se relaciona ao uso dos smartphones. Dessa forma, consideramos que nossos objetivos foram alcançados de modo satisfatório. Podemos afirmar que o objetivo geral de analisar as habilidades desenvolvidas pelas pessoas da terceira idade para sua inclusão na cultura digital foi alcançado, visto que a análise das habilidades digitais desenvolvidas pelos participantes da pesquisa está relacionada a todas as categorias e subcategorias de análise definidas na pesquisa.

Durante o processo de pesquisa, entendemos que escutar os atores envolvidos foi de fundamental importância para entendermos a percepção desses indivíduos sobre sua realidade. Diante disso, consideramos que as pessoas que estão na terceira idade não estão passivas frente aos avanços tecnológicos e estão tentando desenvolver habilidades associadas às suas necessidades, para vencer os desafios da cultura contemporânea, mesmo com os limites que o envelhecimento pode trazer, com perdas orgânicas, emocionais e sociais. Neste sentido, a inserção na cultura digital pode substituir algumas dessas perdas por momentos prazerosos.

Dessa forma, pudemos constatar que nosso pressuposto foi confirmado, pois a percepção de habilidades digitais apresentada nas falas dos participantes para sua inclusão no mundo digital e as habilidades desenvolvidas no curso favorecem a comunicação e a interação em seu convívio social. Além disso, os cursistas foram capazes de desenvolver diferentes habilidades digitais para buscar informações em diferentes situações, sobretudo em situações

de lazer e entretenimento, embora eles tenham vivido em boa parte de suas vidas sem o convívio com essas interfaces.

Percebemos que o desenvolvimento das habilidades digitais pelas pessoas da terceira idade está voltado principalmente para a comunicação, a interação e o entretenimento desses indivíduos no mundo digital. Consideramos que, para esses internautas, não basta só mexer na tecnologia. Além de clicar, eles desenvolvem outras habilidades digitais relacionadas à rede que possibilitem pesquisar, compartilhar e produzir informações na sociedade contemporânea.

É importante salientar que, durante todo o processo de pesquisa, surgiram algumas dificuldades, tais como conceituar o termo habilidades digitais, devido à incipiência dessa discussão na literatura, no contexto da terceira idade.

Outro desafio encontrado foi em relação à coleta dos dados. Os respondentes possuíam a tendência de dar prioridade aos instrumentos escritos em detrimento dos instrumentos online e orais. Tendência essa muito evidente entre os participantes da pesquisa, que, muitas vezes, procuram se apoiar em recursos mais tradicionais como a folha de papel. No caso específico das entrevistas, foram necessárias conversas mais informais para a obtenção das informações.

Ainda encontramos desafio em definir as categorias e subcategorias para delinear o contexto de análise, visto que nem sempre foi possível extrair unidades comuns nas falas dos participantes. Sendo assim, foi necessário um olhar mais atento para definirmos as categorias e subcategorias de análise que se aproximaram mais do aporte teórico e da realidade dos participantes da pesquisa.

Entendemos que os resultados obtidos nesta pesquisa forneceram indícios importantes de como as habilidades digitais vêm sendo desenvolvidas no universo investigado, uma vez que o desenvolvimento dessas habilidades digitais para os participantes da pesquisa é uma ação importante no domínio da tecnologia.

Neste sentido, podemos dizer que o desenvolvimento das habilidades digitais deve contemplar o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade, independente da fase da vida. Assim, é fundamental que os educadores que desenvolvem atividades com pessoas dessa faixa etária compreendam o contexto social e cultural dos participantes, para que os conteúdos estejam relacionados à realidade social desses participantes.

Diante da relevância desse estudo, consideramos a necessidade de ampliar essa discussão em pesquisas futuras, visto que há poucas pesquisas sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. P. Maciel de. **A teoria da percepção de John R. Searle**. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35997/1/TESE%20Jo%c3%a3o%20Paulo%20Maciel%20de%20Ara%c3%baajo.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: a realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **A Força da idade**. Tradução de Sérgio Milliet. 6. ed. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.842**, de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o conselho nacional do idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8842.htm. Acesso em: 09 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso: 09 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.471** de 01 outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/pagina_saude_do_idoso/estatuto_do_idoso.pdf. Acesso em: 05 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais** (Ensino Médio). Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 13 fev. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 fev. 2019.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269320/1/Buzato_MarceloElKhouri_D.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

CACHIONI, Meire. Universidade da terceira idade: história e pesquisa. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(7), 01-08. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/15225/11354>. Acesso em: 9 mar. 2019.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005, p. 17-30. Disponível em: <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-em-rede-do-conhecimento-%C3%A0-ac%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica>. Acesso em: 9 mar. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Roneide Venancio Majer. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital: uma visão crítica**. São Paulo: Senac, 2008.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1. ed. São Paulo: Edusp-Fapesp, 1999.

DEBERT, Guita Grin. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Revista Coletiva**. Número 05 jul./ago./set. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371812394/Guita-Grin-Debert-Velho-Terceira-Idade-Idoso-Ou-Aposentado-Revista-Coletiva-2011>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FARIAS, Josivania et al. Inclusão digital na terceira idade: um estudo sobre a propensão de idosos à adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs). **Revista Gestão & Tecnologia**, Pedro Leopoldo, v. 15, n. 3, p. 164-188, set./dez. 2015. Disponível em: <http://revistagt.fpl.emnuvens.com.br/get/article/view/776/614>. Acesso em: 07 jan. 2019.

GANDRA, Tatiane K. **Inclusão digital na terceira idade: um estudo de usuários sob a perspectiva fenomenológica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8XLKLJ/disserta__o_tatiane_gandra_2012.pdf?sequence=1. Acesso em: 03 ago. 2018.

GOMES, Mara Elizabette Calengue. **Inclusão digital na terceira idade: a integração das TIC numa escola superior sénior**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5170/Mara_Gomes_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1. Acesso em: 7 jan. 2019.

GOULART, Denise et al. Inclusão digital na adultez tardia e o reencantamento da aprendizagem. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre. v. 18, n. 1, p. 137-152, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/20995>. Acesso em: 9 ago. 2018.

GOULART, Denise et al. Efeitos de oficinas de inclusão digital em adultos tardios: novos conhecimentos para um envelhecimento saudável. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 959-973, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/20998>. Acesso em: 9 ago. 2018.

GRAY, David. E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HENRIQUE, Mychelline Souto; TEDESCO, Patrícia C. de A. R. Uma revisão sistemática da literatura sobre conhecimentos, habilidades, atitudes e competências desejáveis para auxiliar a aprendizagem de programação. In: VI Congresso Brasileiro de Informática na Educação, 2017. **Anais dos Workshops do CBIE**, 2017. DOI: 10.5753/cbie.wcbie.2017.1162. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/7505>. Acesso em: 7 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção da População 2018**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101597>. Acesso em: 12 nov. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade & informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, nov. 2010. p. 131-147.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LAVILLE, Chistian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed, 1999.

LEMONS, André. Infraestrutura para a cultura digital. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (org). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009. p. 134-149.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, M. Pelloso. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, Vitória (org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-26.

LOLLI, Maria Carolina G. dos Santos; MAIO, Eliane Rose. Uso da tecnologia por idosos: perfil, motivações, interesses e dificuldades. **Revista Educação Cultura e Sociedade**, Sinop/MT/Brasil, v. 5, n. 2, p. 211-223, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/1864>. Acesso em: 7 jan. 2019.

LORETO, Elisa S. Gordilho; FERREIRA, Giselle M. dos Santos. Desafios e possibilidades para a inclusão digital da terceira idade. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 120-137, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/736>. Acesso em: 5 set. 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Letícia et al. Mapeamento de competências digitais: a inclusão social dos idosos. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP, v. 18 n. 4, p. 903-921, out./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8644207/14505>. Acesso em: 14 jan. 2019.

MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antônio. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia pela curiosidade da formação universitária**. São Paulo: Cortez: Mackenzie, 2003. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/napecco/Abordagens/Masetto%20-%20Docencia%20Universitaria.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

MINAYO, Maria C. de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DELANDES, S. Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 09-29.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, T. Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 21 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-72.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NETTO, Antônio Jordão. **Gerontologia básica**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

ORDONEZ, Tiago et al. Idosos on-line: exemplo de metodologia de inclusão digital. **Revista Temática Kairós Gerontologia**. p. 215-234. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15250>. Acesso em: 6 ago. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Dia internacional das pessoas idosas lembra 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Nações Unidas no Brasil**, 01 dez. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/dia-internacional-das-pessoas-idosas-lembra-70-anos-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>. Acesso em: 11 nov. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E A CULTURA (UNESCO). **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 9 fev. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Contribuições conceituais da pessoa jovem e adulta**: rumo a construção de sentidos comum na diversidade, 2014. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224714_por. Acesso em: 9 fev. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação para a cidadania global**, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>. Acesso em: 26 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Alfabetização midiática e informacional**: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PAIXÃO, Taiane Souza; FREITAS, M. do C. Duarte. Processo de formação e inclusão tecnológica para a terceira idade. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**. Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 41-54, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2017v14n27p41>. Acesso em: 6 ago. 2018.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Desenvolver competências ou ensinar saberes?** A escola que prepara para a vida. Tradução de Laura Solange Pereira. Porto Alegre: Penso, 2013.

PETERSEN, Denise A. W.; KALEMPA, Vivian C.; PYKOSZ; Leandro C. Envelhecimento e inclusão digital. 2013. **Extensio Artigo**, v. 10, nº 15, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p120>. Acesso em: 6 jul. 2019.

RODRIGUES, Carina; MORGADO, Lina. **Seniores online**: análise de um inquérito sobre a apropriação de dispositivos móveis tateis em diferentes cenários de aprendizagem, 2017. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6797>. Acesso em: 6 jan. 2019.

ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie. (org). **Saberes e competências**: o uso de tais noções na escola e na empresa. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos e ILA-PUC/RS. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

SALES, Márcia et al. Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de software educativo. **Revista Kairós Gerontologia**. p. 63-81. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2014a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23457>. Acesso em: 6 jul. 2018.

SALES, Márcia et al. Tecnologias de informação e comunicação via web: preferências de uso de um grupo de usuários idosos. **Revista Kairós Gerontologia**. p. 59-77. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2014b. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21507>. Acesso em: 6 jul. 2018.

SILVA, Wender A. da; KALHIL, J. Barrera. Um estudo sobre as habilidades necessárias para utilização das tecnologias digitais como recurso metodológico. **Revista REAMEC**, Cuiabá - MT, v. 5, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec>. Acesso em: 9 jan. 2019.

SILVEIRA, B. Oliveira; PARRIÃO, Giorgia Barreto L.; FRAGELLI, R. Ramos. Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis. **Revista Tecnologias em Projecção**, v 8, n. 2, 2017. p. 42. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao4/article/view/1004/836>. Acesso em: 9 jan. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 18. reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

VALENTE, J. Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: KACHAR, Vitória. (org.). **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001, p. 27-44.

VARELA, Carla Cristina Brilha. **O impacto dos cursos TIC das universidades sénior na inclusão digital da terceira idade**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7810/1/ulfpie043030_tm.pdf. Acesso em: 7 jan. 2019.

VIEIRA, Leandro et al. **As tecnologias de informação e comunicação na inclusão de cidadãos da terceira idade**. 2016. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/sulcomp/article/view/3124/2854>. Acesso em: 14 jan. 2019.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Senac, 2006.

APÊNDICE 1 – Carta de anuência



CARTA DE ANUÊNCIA

Autorizo a realização do projeto de pesquisa intitulado: HABILIDADES E INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE, a ser desenvolvido por MARIA AMÉLIA DA SILVA discente do Programa de Pós-graduação em EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E TECNOLÓGICA da UFPE, sob a orientação do Prof.^a THELMA PANERAI ALVES, facultando-lhe o acesso aos dados de endereço virtual e físico dos alunos regularmente matriculados na UnATI/UFPE, além do agendamento para coleta de dados junto a clientela, os quais serão usados para fins exclusivo da referida pesquisa.

A presente anuência está condicionada ao pleno cumprimento pelas partes envolvidas, pesquisadora e orientador no processo de pesquisa, dos princípios e atribuições estabelecidos pela Resolução 466/2012 do CNS, e suas Resoluções complementares,

Considerações/solicitação:

- Anexar cópia do projeto de pesquisa encaminhado para o CEP/CCS/UFPE ou outro, com objetivos e cronograma;
- A atividade só poderá ser desenvolvida após aprovação do Projeto pelo CEP/CCS/UFPE ou outro;
- Entregar cópia da Aprovação do CEP/CCS/UFPE ou outro a Coordenação da UnATI;
- Informar término da coleta de dados para viabilizar novo acesso a outros pesquisadores.

Recife, 21 de fevereiro de 2019

Atenciosamente,

Prof^a Ana Paula de Oliveira Marques
Coordenadora do UnATI/PROIDOSO

APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA E TECNOLÓGICA
CURSO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa HABILIDADES E INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Maria Amélia da Silva, com endereço na Rua: Telefone:, e-mail: mmelasilva@gmail.com.

Sob a orientação de: Thelma Panerai Alves. Telefone:, e-mail: tpanerai@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Vivemos um período marcado pela velocidade do desenvolvimento e da expansão das tecnologias digitais, na sociedade. Isso implica muitas transformações nas relações sociais, cotidianas e contextualizadas, uma vez que há uma exigência da sociedade para que se utilizem as tecnologias. Em relação aos idosos, o uso das tecnologias digitais tem crescido imensamente e pode favorecer a qualidade de vida e a longevidade dos mesmos. Mas, embora muitos deles estejam aposentados e disponham de mais tempo para aprender a manusear as tecnologias, na terceira idade, alguns apresentam dificuldades motoras e cognitivas impostas pela idade e, com isso, podem permanecer excluídos do contexto digital. Neste sentido, é imprescindível favorecer o desenvolvimento das habilidades digitais necessárias para a sua inclusão no mundo digital, através de um espaço que considere as especificidades deste público-alvo. Os idosos, por vezes, retornam ao caminho da educação na perspectiva de adquirir novos conhecimentos, trocar experiências e conhecer pessoas num contexto em que é permitido interagir com uma nova forma de obter informações e socializar seus conhecimentos. Tal retorno justifica-se pelo fato de que, este grupo de indivíduos busca, cada vez mais, incluir-se digitalmente na sociedade do conhecimento. Partindo deste contexto, surge uma questão: quais as habilidades digitais desenvolvidas pelos idosos da terceira idade para sua inclusão no mundo digital? Sob essa perspectiva, cabe investigar como se dá a inserção da terceira idade a partir das habilidades desenvolvidas em um espaço voltado para linguagem tecnológica e como estes cidadãos nessa faixa etária vivenciam a inclusão digital em suas vidas. Neste sentido, o nosso estudo apresenta por objetivo geral: Analisar as habilidades digitais desenvolvidas pelos idosos da terceira idade para sua inclusão no mundo digital. Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, estabelecemos como objetivos específicos: Verificar a percepção dos idosos sobre as habilidades digitais necessárias para sua inclusão no mundo digital; Identificar as habilidades digitais desenvolvidas pelos idosos no curso sobre inclusão digital na Universidade Aberta à Terceira Idade; Relacionar as habilidades digitais desenvolvidas pelos idosos no curso sobre inclusão digital com as percepções que os idosos têm sobre as habilidades necessárias para sua inclusão no mundo digital.

Como procedimentos metodológicos adotaremos: entrevista, questionário e observação de aulas. Optamos pela entrevista semiestruturada, realizando uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. Dessa forma, utilizaremos entrevistas semiestruturada, para coleta de dados tendo por finalidade dar voz aos participantes da pesquisa. A entrevista deve ser presencial e conter questionamentos básicos, apoiados na teoria estudada. Utilizaremos um gravador de voz, por meio do aparelho celular, como recurso para gravar as entrevistas

realizada com os idosos. Pretendemos aplicar um questionário semiestruturado que se constitui por questões fechadas, abertas e de múltiplas escolhas, perguntas claras e objetivas sobre o tema abordado. Utilizaremos o questionário pelo uso do *Formulário Eletrônico Gdocs*. Optamos também por utilizar esse mesmo questionário impresso, para aqueles participantes que assim preferir. Pretendemos iniciar nossa observação de aula fotografando, filmando e registrando no diário de campo as discussões e as ações ocorridas no decorrer das aulas entre professores e estudantes. Essa coleta nos auxiliará na análise dos dados.

A participação do voluntário na pesquisa ocorrerá entre 20 de maio e 31 de junho do corrente ano durante o período do curso. Pretendemos realizar 6 (seis) visitas para realizar a pesquisa.

Em caso de constrangimento para o voluntário em participar da pesquisa, vamos minimizar esse risco realizando a coleta de dados de forma individual respeitando o tempo, a forma e a fala do participante. No caso de riscos com relação a identificação do nome ou informações do participante informamos que não serão coletados nome e contato do participante.

Consideramos que o voluntário ao participar da pesquisa ajudará aqueles que pretendem desenvolver habilidades digitais com o uso das tecnologias com a terceira idade.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, questionário, fotos, filmagens e anotações), ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade do pesquisador MARIA AMÉLIA DA SILVA, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (**Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br**).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo HABILIDADES E INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Impressão
digital

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE 3 – Proposta do questionário das pessoas que estão na terceira idade

PESQUISA: Habilidades desenvolvidas pelas pessoas da Terceira Idade: inclusão digital e uso do smartphone

PESQUISADOR: Maria Amélia da Silva

ORIENTADOR: Prof^ª. Dr^ª. Thelma Panerai Alves

ATIVIDADE: Questionário semiestruturado

PARTICIPANTES: Pessoas da Terceira Idade

As informações coletadas nesta entrevista são seguramente sigilosas e serão utilizadas pela pesquisadora exclusivamente em sua pesquisa desenvolvida na UnATI/UFPE, sem identificar o respondente. Sua contribuição será muito importante. Desde já, agradecemos a sua atenção.

Questões:

Caracterização do perfil das pessoas que estão terceira idade

1. Gênero

- Feminino
- Masculino

2. Faixa etária

- 60 anos
- Mais de 60 anos
- Mais de 70 anos
- Mais de 80 anos

3. Qual a sua formação?

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação
- Outros: _____

4. Trabalha atualmente?

- Sim
- Não

Se trabalha, qual a sua atividade? _____

5. Você é aposentado?

Sim

Não

Se é aposentado, qual profissão você exerceu? _____

6. Qual o seu estado civil:

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a)

Viúvo(a)

7. Qual sua renda:

Abaixo de um salário mínimo por mês

Um salário mínimo por mês

Dois salários mínimos por mês

Três salários mínimos por mês

Quatro salários mínimos por mês

Cinco salários mínimos por mês

O uso do smartphone pelas pessoas que estão na terceira idade**8. Porque você escolheu fazer um curso sobre o uso de smartphone? Você pode escolher mais de uma opção.**

Para desenvolver habilidades digitais

Para ter acesso à internet

Para conhecer sobre o uso das tecnologias

Para ter acesso à informações

Para não ser excluído(a)

Realização pessoal

Curiosidade

Outros: _____

9. Você utiliza a internet?

Sim

Não

10. Com que frequência você acessa a internet? Marque apenas uma opção.

- Todos os dias
- 2 vezes por semana
- Mais de 3 vezes por semana
- 2 vezes por mês
- Raramente

11. Você utiliza smartphone?

- Sim
- Não

12. Quais recursos do smartphone você utiliza? Você pode escolher mais de uma opção.

- Ligar e atender
- Jogos
- Mensagens
- Rádio
- Fotos
- Bluetooth
- Outro: Qual? _____

13. Como você normalmente se comunica com seus familiares/amigos? Você pode escolher mais de uma opção.

- Carta
- Telefone fixo/celular
- E-mail
- Mensagem
- Facebook
- Skype
- Instagram
- Outro: Qual? _____

14. Que serviços você costuma realizar utilizando a internet no smartphone? Você pode escolher mais de uma opção.

- Colocar crédito no celular
- Localizar locais em mapas
- Procurar hospitais e postos de saúde
- Consultar site da Previdência Social para solicitar serviços
- Utilizar e-mail

- Participar de cursos a distância
- Verificar resultados de jogos (loterias, campeonatos de futebol, outros)
- Baixar músicas, vídeos, jogos
- Fazer reclamações online
- Verificar as ações do governo (federal, estadual ou municipal)
- Acompanhar solicitações feitas na internet
- Realizar transações bancárias (pagamentos, saldos, extratos, transferências)
- Utilizar mensagens
- Outro: _____

15. Você acredita que esses serviços na internet podem ajudar em seu cotidiano?

- Sim
- Não

Se sim, quais? Em que? _____

16. Você utiliza redes sociais?

- Sim
- Não

Se sim, quais? Você pode marcar mais de uma opção.

- Facebook
- Instagram
- WhatsApp
- Outros: _____

17. Você encontra dificuldade em utilizar o smartphone?

- Sim
- Não

Se sim, quais as dificuldades que você considera mais relevante? Você pode marcar mais de uma opção.

- Navegar na web
- Digitar na tela sensível ao toque
- Acessar uma conta de e-mail
- Armazenar arquivos online
- Realizar login
- Outros: _____

18. Quando você recebe uma notícia pelo WhatsApp você verifica se é verdadeira?

Sim

Não

Se sim, como? _____

19. No caso de você se sentir isolado você acessa WhatsApp para se comunicar?

Sim

Não

20. Quando você se comunica com amigos e parentes pelo WhatsApp você estreita as relações sociais?

Sim

Não

Se sim, como? _____

APÊNDICE 4 – Roteiro da entrevista com as pessoas que estão na terceira idade

PESQUISA: Habilidades desenvolvidas pelas pessoas da Terceira Idade: inclusão digital e uso do smartphone

PESQUISADOR: Maria Amélia da Silva

ORIENTADOR: Prof.^a Dr.^a Thelma Panerai Alves

ATIVIDADE: Entrevista semiestruturada

PARTICIPANTES: Pessoas da Terceira Idade

As informações coletadas nesta entrevista são seguramente sigilosas e serão utilizadas pela pesquisadora exclusivamente em sua pesquisa desenvolvida na UnATI/UFPE sem identificar o respondente. Sua contribuição será muito importante. Desde já, agradecemos a sua atenção.

Questões:

A percepção das pessoas que estão na terceira idade em relação às habilidades digitais.

1. O que você entende por habilidades digitais?
2. Na sua opinião, quais as habilidades digitais que a pessoa da terceira idade deveria desenvolver no curso para utilizar o smartphone?
3. Quais as principais dificuldades/problemas para utilizar o smartphone?
4. Você tem recebido ajuda dos familiares ou amigos em relação ao uso do smartphone?
5. Você considera que o uso das tecnologias digitais tem ajudado a resolver situações/problemas em seu cotidiano? Qual/quais?
6. O que você pensa sobre inclusão digital na terceira idade?
7. Você se considera uma pessoa incluída digitalmente, na sociedade? Por quê?